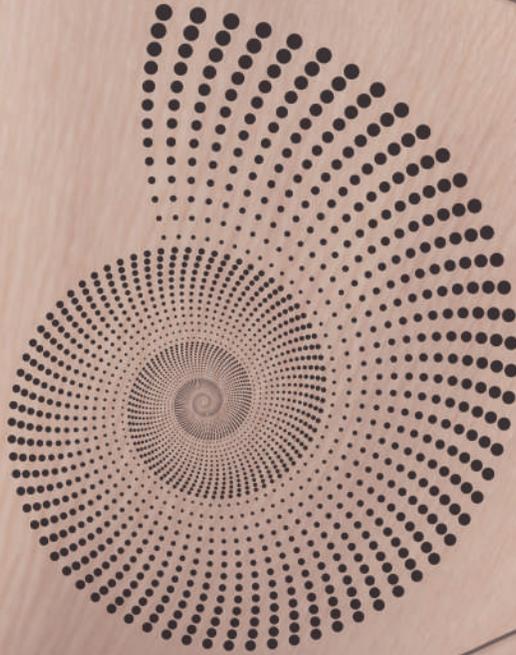




Cartografias da vida na universidade 1

SAÚDE INVENTIVA



trajetos | afetos | devir

Lisandra Osorio



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

Cartografias da vida na universidade
Trilogia trajetos | afetos | devir

**POLÍTICA SENSÍVEL DO CUIDADO DE SI
NA TRAVESSIA DOS AFETOS:
POR *UMA* SAÚDE INVENTIVA**

LISANDRA BERNI OSORIO

Livro 1
PELOTAS 2023

LISANDRA BERNI OSORIO

Cartografias da vida na universidade

Saúde Inventiva

Trajetos - Afetos - Devir

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Livro 1 da Trilogia

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Manuela Alves Garcia

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

083p Osorio, Lisandra Berni

Política sensível do cuidado de si na travessia dos afetos, por uma
saúde inventiva [recurso eletrônico] : cartografias da vida na universidade
1 | trajetos: saúde inventiva / Lisandra Berni Osorio ; Maria Manuela Alves
Garcia, orientadora. — Pelotas, 2023.
226 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação,
Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Saúde mental. 2. Universitários. 3. Cartografia. 4. Subjetivação. 5.
Ensino superior. I. Garcia, Maria Manuela Alves, orient. II. Título.

CDD 370

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Maria Manuela Alves Garcia
PPGE/UFPEL (Orientadora)

Prof^a Dr^a Denise Marcos Bussoletti
(UFPEL)

Prof^a Dr^a Lucia Maria Vaz Peres
(UFPEL)

Prof^o Dr^o Édio Raniere da Silva
(UFPEL)

Prof^o Dr^o Alexandre Filordi de Carvalho
(UFLA; UNIFESP)



**Dedico este estudo
à Comunidade Acadêmica da UFPel**

Agradecimentos

Agradecer não é um gesto simples, ativa o processo formativo de um percurso de um pouco mais de quatro anos de doutoramento, convida os participantes invisíveis e até indizíveis deste caminhar. Eu diria que agradecer é um ato político sensível de manifestar que uma jornada investigativa não se faz sozinha. O resultado de uma trilogia aqui inventada, é fruto de esforços comuns, desde minhas queridas colegas da PRAE/UFPel que seguiram o trabalho de acolhimento em saúde mental de forma primorosa enquanto eu permaneci afastada, até a minha família que me deu amparo e dispendeu toda paciência para com minhas bagunças de livros espalhados pela casa e minhas caminhadas que requeriam solidão e silêncio. Nessa direção, sem querer ser injusta, pois eu poderia citar muitos nomes, como os de meus filhos Martín e Lara, destaco a força de meu marido, Nasser, e a sensibilidade daquela que, mais que colega, uma amiga, Juliana. Durante todo tempo, eu diria que um certo artesanato intelectual-afetivo, foi sendo construído junto a minha querida orientadora Maria Manuela, e por todos tensionamentos, encontros e aprendizados, minha gratidão -, sobretudo por ter topado caminhar comigo como prática de liberdade, respeitando meus voos e, algumas vezes, voando comigo e me ajudando também a pisar em terra firme. Meu carinho também aos colegas do grupo de pesquisa, em especial à Carolina, uma afetuosa parceira de estudos regados à café e lavrados por bons encontros. Meu agradecimento às professoras e aos professores da banca examinadora, todos foram cruciais para eu chegar até aqui, cada um com seu brilho, suas palavras que reverberaram em mim, mais do que possam imaginar. Uma alegria foi encontrar amigos nesses trajetos e com eles aprender, trocar, conversar, certamente ganhei mais saúde com isso. Entre eles, Flávio e Vanessa, ocuparam um espaço especial, me convidando sempre à mais vida. Reencontrar amigos também tem o seu valor. Está certo que não pude me dedicar às amigadas como elas mereceriam, mas sem julgamentos ser respeitada é algo incomensurável. Elas sabem disso. Um grato reencontro foi com o amigo Gustavo, quem não apenas diagramou estes livros, também ouviu-me e arquitetou compreensões das angústias do final de um trabalho. E, ainda que este, estará sempre se fazendo nos meus próximos passos, tudo experimentado intensamente até então, só me faz ficar alegre por estar viva para continuar caminhando.

RESUMO

As cartografias da vida na universidade emergem da necessidade de um corpo que se põe a caminhar na latitude das vivências acadêmicas, na longitude daquilo que as potencializam, peregrinando na superfície epidérmica do adoecimento (psíquico) que vem aumentando de forma significativa nos últimos anos. Recrudescimento este, o qual é observado pela pesquisadora desde sua inserção como psicóloga na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2010. Ela caminha atentamente pelos possíveis impactos que as políticas de expansão e as novas formas de ingresso no Ensino Superior tenham sobre os modos de existências, no chão dos relevos criados pelas diferenças advindas daí. Percorre alguns estudos sobre a saúde mental dos universitários, os quais delinham os sintomas de ansiedade e depressão como preponderantes, favorecendo o baixo desempenho acadêmico e a exclusão dos seus corpos. Ao naufragarem num novo ambiente educacional, os estudantes veem-se muitas vezes desamparados e invisíveis naquilo que sentem, não bastando que se adaptem passivamente às normas institucionais, é preciso que eles sintam-se partícipes do processo de suas formações, ativamente. Dessa forma, a presente investigação articula o cuidado de si (foucaultiano) como prática de liberdade, que enseja uma estética da existência como uma obra de arte (nietzscheana), não para a bela forma, mas para formas belas de pensar e sentir em composição (spinozista), por meio daquilo que os agentes educacionais afetam e são afetados, e, em ato, podem conhecer e transformar a si mesmos e suas relações com o mundo. Ao problematizar a saúde como objeto politicamente relevante para pensar práticas clínicas na ambiência acadêmica, a pesquisadora percebe as im permanências estudantis comparecendo nas salas de aulas, bem como as docências vendo-se compelidas a dirimir as dificuldades emocionais que por estas são mobilizadas. Por isso o objetivo desta Tese é: Cartografar linhas de sensibilidades e subjetivações da vida na universidade para extrair daí condições de possibilidades para pensar *uma* Clínica em composição com o Cuidado de Si na Travessia dos Afetos, com vistas a *uma* Saúde Inventiva. Na medida em que tal intenção de pesquisa convoca o acompanhar de processos, é adotado o procedimento cartográfico-

co nas sendas deleuze-guattarianas. Logo, é erigido como desenho metodológico a trilogia trajetões-afetos-devir, na qual atuam a força dos encontros, tanto dos rastros deixados pelas *escrelituras* de alunos que participaram da Dissertação da autora (OSORIO, 2016), quanto dos ditos&escritos empreendidos, sobretudo, por meio de cartas que foram escritas pelos participantes desta Tese. Na intenção de investigar as forças e as fragilidades que influenciam aos estudantes a concluírem suas graduações, a pesquisadora desenvolve, presencialmente, um encontro com formandos (2022/1) bolsistas da PRAE, e, virtualmente, um Inventário sobre aspectos de suas condições de saúde. Como a vida acadêmica é feita de relações, a pesquisa inclui docentes, por meio de dois encontros presenciais, para, assim, traçar um plano comum com o campo problemático. As linhas de escrita deste trabalho fazem rizoma com as linhas de vulnerabilidades que exigem linhas de invenção de si em caleidoscópicas subjetivações estudantis, metamorfoses docentes e práticas de si. Em composições com filosofias, psicanálises e artes, as linhas também musicalizam experimentações que convocam um movimento *bricoleur* em ritornelos, numa tentativa de se distanciar de pensamentos normativos. Assim, a seguinte Tese é agenciada: A abertura de espaços coletivos na universidade, pode, por meio dos encontros, convocar seus agentes a uma saúde inventiva que caminhe em meio à obra de uma vida, na composição dos singulares modos de ser e estar, esculpindo no cuidado de si, o conhecimento: Afeto mais potente! Nessa direção, saúde, cuidado e conhecimento afetivo, acionam uma ética em um gesto micropolítico e fazem mapas com uma Clínica *Möebius*.

Palavras-chave: Saúde; Afetos; Cuidado de si; Universidade; Subjetivação; Cartografia.

ABSTRACT

The cartographies of the life in the university emerge from the need for a body that sets out to walk in the latitude of academic experiences, in the longitude of what enhances them, wandering on the epidermal surface of (psychic) illness, which has been increasing significantly in recent years. This resurgence has been observed by the researcher since she joined the institution as a psychologist in the Office of the Dean of Student Affairs (PRAE) at the Federal University of Pelotas (UFPel) in 2010. She carefully explores the possible impacts that expansion policies and new ways of entering higher education have on ways of existing, on the ground of the nuances created by the differences resulting from these new forms of admission. She goes through some studies on the mental health of university students, which outline symptoms of anxiety and depression as predominant, favoring the poor academic performance and the exclusion of their bodies. Thus, when they sink into a new educational environment, the student often finds themselves helpless and invisible in what they feel, not only sufficing to passively adapt to institutional norms, but also requiring to be actively participants in the process of their education. In this sense, this research articulates self-care (Foucauldian) as a practice of freedom, which enables an aesthetic of existence as a work of art (Nietzschean), not for the beautiful form, but for beautiful ways of thinking and feeling in composition (Spinozist) through what educational agents affect and are affected by and, in action, are able to know and transform themselves and their relations to the world. By problematizing health as a politically relevant object for thinking about clinical practices in the academic ambience, the researcher perceives student immobility attending in classrooms, as well as teachers being compelled to settle the emotional difficulties that they trigger. Therefore, the aim of this Thesis is: To map the lines of sensitivities and subjectivations of life at university in order to extract from them conditions of possibility for thinking about *one* clinic in composition with Self-Care in the Crossing of Affections, with a view to *one* Inventive Health. Insofar as this research intention calls for the monitoring of processes, the cartographic procedure is adopted along Deleuze-Guattarian lines. Thus, the methodological design is based on

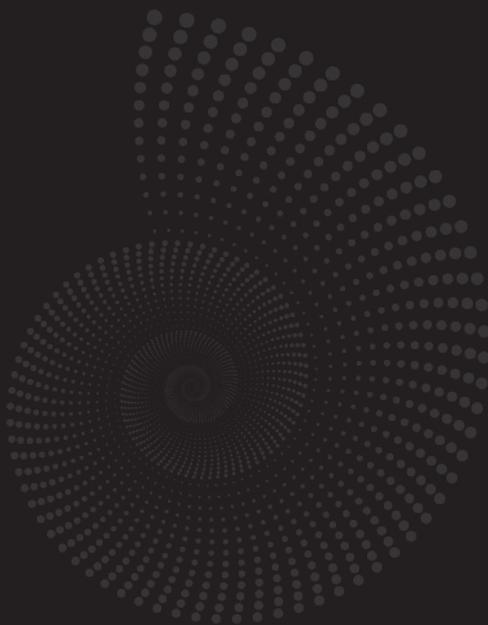
the trilogy paths-affections-being, in which the power of encounters is at work, both in the traces left by the *escrileituras* (*writreadings*) of students who took part in the author's dissertation (OSORIO, 2016), and in the sayings&writings undertaken, above all, through the letters written by the participants in this thesis. In order to investigate the strengths and weaknesses that influence students to complete their degree, the researcher held a face-to-face meeting with graduating students (2022/1), PRAE scholarship grantees, and virtually completed an inventory of their mental health condition. As life at university is made up of relationships, the research included teaching staff, by two face-to-face meetings, to, thus, draw up a common plan with the problematic field. The lines of writing in this work form a rhizome with the lines of vulnerabilities in the midst of academic life, which require lines of self-invention in student kaleidoscopic subjectivations, teacher metamorphoses, and practices of the self. In compositions with philosophies, psychoanalysis and the arts, the lines also musicalize experiments that call for a *bricoleur* movement in ritornellos, in an attempt to distance oneself from normative thinking. Thus, the following thesis is put forward: The opening of collective spaces at university can, through meetings, summon its agents to an inventive health that walks in the midst of the work of a life, in the composition of singular ways of being, sculpting in self-care, knowledge: More powerful affection! In this sense, health, care, and affective knowledge trigger ethics in a micro-political gesture and map out a *Moebius* Clinic.

Keywords: health; affections; self-care; university; subjectivation; cartography

Sumário

prólogo	23
1 ritornelo	37
1.1 des.caminhos	47
2 plano de.composição	51
2.1 procedimentos	53
2.2 caminhando e CARTOgrafANDO	59
2.3 criANDO personagens	64
2.4 o corpo que anda é o corpo que escreve	69
3 vivendo e aprendendo e caminhando	73
3.1 enquanto isso, na biblioteca ...	85
4 nau frÁGIL	93
5 da vulnerabilidade à visibilidade	111
6 contágio	127
7 subjetivações caleidoscópicas	141
7.1 subjetivação capitalística	150
7.2 subjetivação fugitiva	153
7.3 subjetivação ritornelo	155
7.4 Subjetivação à flor da pele	156
7.5 Subjetivação desértica	161
7.6 subjetivação limbótica	164
7.7 subjetivação aberrante	165
7.8 subjetivação cansada	167
7.9 subjetivação distraída	170
7.10 subjetivação presa no futuro	174
8 saúde não se determina, saúde se inventa	183
8.1 há'deus ilusões	185
8. 2 habeas corpus	192
8. 3 a vida não é um sopro	204
referências	210
anexos	225

Trajetos | Afetos | Devir



A **ESPIRAL** do tempo faz suas curvas sem se fechar, dando suas voltas em torno da temática da saúde mental na universidade. Afastando-se dos usos convencionais para designá-la como meramente psíquica, este estudo tem em seu **CORAÇÃO** os movimentos progressivos de um corpo que caminha sobre as ruas que ampliam a vida estudantil, mas, também a estreitam. A espiral que se torna a própria Saúde, inventa formas de se compor com os ritornelos que musicalizam a Educação Superior, - ora formam trajetos de um eterno retorno que potencializam a capacidade de agir; ora se dissipam e se proliferam em excessos de estilhaçamento, formando fractais afetivos em seus graus de turbulências e caos; ora formam alianças com o cuidado de si e o cuidado que o outro tem de si, em outro espaço-tempo de ensino-aprendizagem, em outro espaço-tempo de uma Clínica para criar **PEROLADAS** condições de liberdade em devir.



imagem: Robert Hodgkin

BOONYS
OVERLOOK

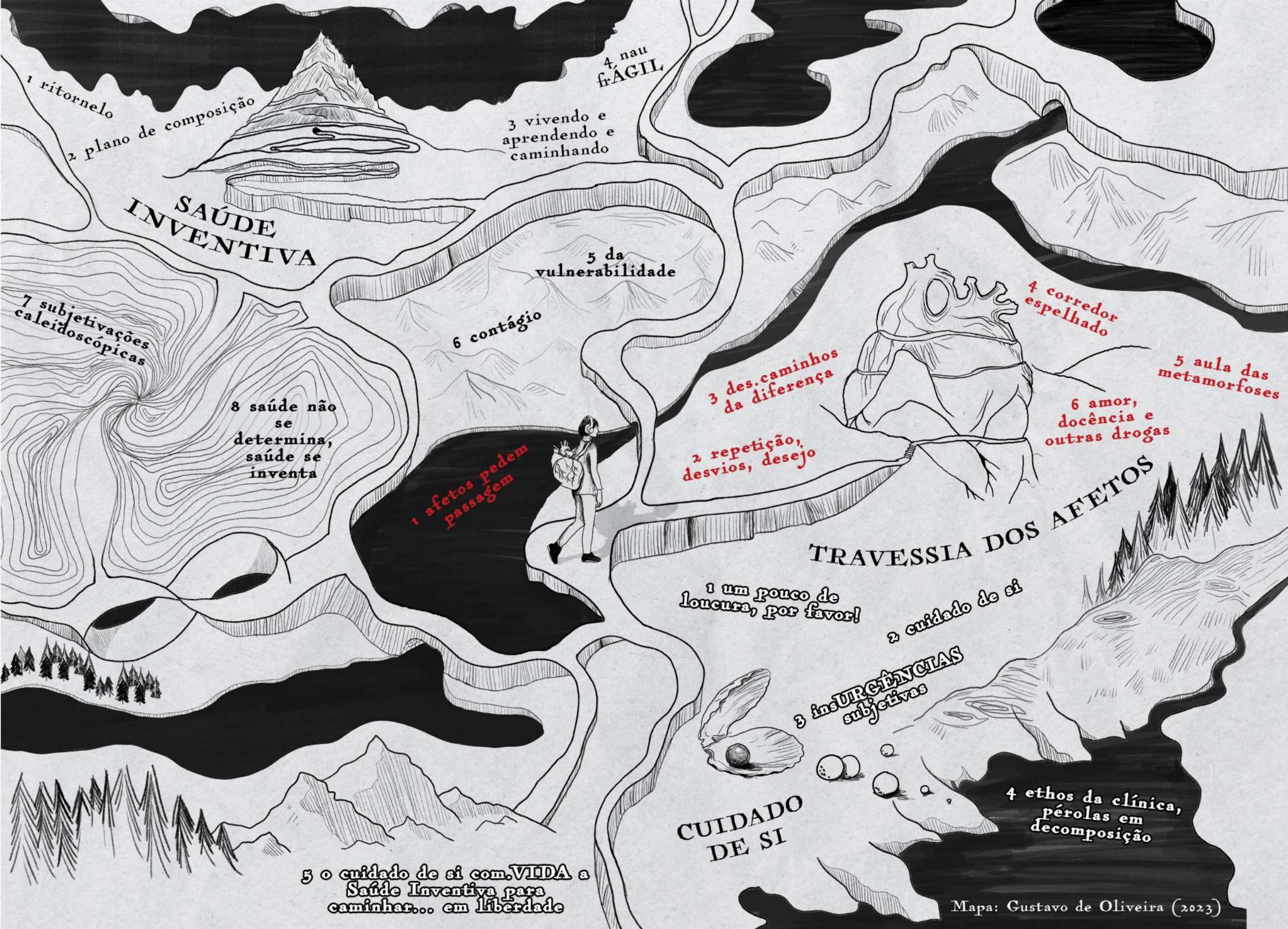
MINERAL POINT
PEAK

cartografias

HOLLANDS COULEE
MARKSM

Com o objetivo do leitor visualizar os caminhos percorridos ao longo dos três livros, o mapa a seguir desenha as paisagens investigativas da Tese. Não pretende ser o mapa da tese em si, pois este é um sonho da pesquisadora fazê-lo por meio de vídeos junto aos estudantes e professores, em que, talvez, alguns apontamentos da pesquisa possam servir de pequenos roteiros a serem expandidos. Então, ao se deparar com o mapa-sumário da tese, lembre-se que é apenas um norte, ou um sul, das cartografias da vida na universidade. O leitor é convidado, também, a acessar uma playlist de músicas, a ser escutada junto ao desbravamento do mapa, disponível no seguinte link: <https://spotify.link/CNxPqtLv2Db> e através do QR CODE:





1 ritornelo
2 plano de composição

4, nau frÁGIL

3 vivendo e aprendendo e caminhando

SAÚDE INVENTIVA

5 da vulnerabilidade

7 subjetivações caleidoscópicas

6 contágio

8 saúde não se determina, saúde se inventa

1 afetos pedem passagem

3 des. caminhos da diferença
2 repetição, desvios, desejo

4 corredor espelhado

5 aula das metamorfoses

6 amor, docência e outras drogas

TRAVESSIA DOS AFETOS

1 um pouco de loucura, por favor!

2 cuidado de si

3 insURGÊNCIAS subjetivas

CUIDADO DE SI

4 ethos da clínica, pérolas em decomposição

5 o cuidado de si com VIDA a Saúde Inventiva para caminhar... em liberdade

prólogo

Bastaria uma conversa para recolher as regras e designar força à palavra nos espaços acadêmicos menos habitados pelo encontro afetivo entre estudantes e docentes, mais cheios de “certas canções”¹ que cabem tão bem dentro de si, em um tempo que pede nova clínica nos solos do ensino superior. Um certo devir-andarilha coloca uma psicóloga a caminhar pelas paisagens que desenham o adoecimento psíquico de *um corpus* discente. O caminho percorrido até então (2019, quando inicia doutoramento), estreitava-se e pedia outros modos de pisar no chão de uma universidade. Na ante sala do auditório do *campus* no qual ela encontrava-se com os alunos desde 2010, havia um sofá velho e rasgado, onde os sintomas conversavam com seus afetos. A ansiedade estudantil lhe dizia ter medo [do tempo passando, de ficar sem dinheiro, de não resolver aquela briga de amor, de não conseguir dar conta das vivências na universidade]. A depressão falava baixinho sobre o seu sentimento de rejeição que a tristeza havia provocado, das desilusões que carrega desde a infância, dos labirintos que lhe prende no desejo do outro, da solidão e do sentimento de incapacidade. Porém, também encontrava a agitação da alegria que fazia a caminhada perseverar. Agora, ela percebe, então, que, quanto mais caminha, mais o mundo parece-lhe infundo, mais entende que caminhar é preciso pelas vielas que atravessam o corpo estudantil que se cruza com um corpo que pesquisa, afinal:

— **SOMOS CORPO!**, pensa ela quando caminha ao lado dos filósofos (Spinoza e Nietzsche). Era uma dor tão intensa que ao ser estudada, também foi sentida. — *Mais sentidos, por favor!*, ela diz. Co-

1 Música cantada por Miltom Nascimento (Composição de José Antônio de Freitas Mucci e Miltom Silva Campos Nascimento).

mover-se pela vida que se expressa na voz, no olhar, no gesto, na presença, nas coisas escritas e fabuladas envolve uma linguagem inseparável do corpo, do afeto, da ação. Spinoza anuncia que “um corpo em movimento continuará a se mover até que seja determinado ao repouso por um outro corpo”². De repente, a caminhada esbarra em um estranhamento. A orientadora fala que alguma coisa estaria a faltar, alguma coisa estaria lhe tirando de um lugar mais estável para mirar uma pesquisa em educação [e saúde], em que a coluna vertebral possa versar sobre o conhecimento dito científico. Gaias ciências lhes sacodem. — *Estou tentando ensinar para aprender, mas ainda tenho muito chão pela frente*, diz a orientanda, e, pensa alto: — *A ética passa pela poética!* Um mútuo espanto toma conta daquele espaço de aprendizagem e as expulsa dos calabouços de tudo aquilo que estavam a imaginar. Reduzir o desejo à falta, o sujeito à identidade, a prática à técnica -, é fazer do corpo um depositário de interpretações pelas quais, supostamente, encharcadas de representações, fecham o olhar sob um ponto dos mapas afetivos. Corpo, é preciso abri-lo às sensações, sejam elas emergentes da transferência nas relações, dos procedimentos da pesquisa, da transversalidade dos acontecimentos e da própria vida. Corpo de quem pesquisa, de quem é pesquisado, de quem lê. Ao nos despojarmos de discursos prontos, construímos, na relação com o outro, novas forças na transitoriedade do cotidiano acadêmico. Desobedecer a lógica capital das velocidades velozes dos signos mundanos. Ir devagar, caminhar e chegar suada. Às vezes, só às vezes, correr. Vestígios das penumbras atravessadas. Nem tudo é movimento. Pausar é ganhar fôlego para prosseguir. Corpo, paisagem e caminho ganham espessura desejante e redeseñham a trilha com o mover do olhar. O som do trem (que se dissipa nos trilhos pré-determinados), o sino da igreja (que rompe as cren-

2 SPINOZA. Ética, 2020, p. 63 [Parte II, proposição 13, corolário].

ças nas totalidades), a ambulância (que aciona o som das urgências subjetivas) e também o silêncio (que pede respiro). É como se pudéssemos pintar uma imagem-cristal³ que acolhesse o ontem e o hoje, sem querermos que ela se cristalice, pois o amanhã é logo ali. — *O cristal do tempo era vidro e se quebrou*, pensa a pesquisadora quando sente sua loucura rompendo os fios impensados por ela, caindo no subsolo das [próprias] incompreensões. Até escutar, lá do fundo do poço de suas lágrimas, Deleuze lhe dizendo: — “É preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, que por natureza diferem um do outro, ou, o que dá no mesmo, desdobre o presente em duas direções heterogêneas, uma se lançando em direção ao futuro e a outra caindo no passado”⁴. — *Não basta lembrar, é preciso inventar!*, a aprendiz pensa com o tempo. Ao raspar a memória não precisamos anestesiarmos a experiência. O que faz com que nos percamos de nós mesmos é não experimentarmos a chuva com a língua dos afetos. Sem fronteiras definidas, a colheita de dados desta investigação precipita pistas para o que possa ampliar a vida na ambiência universitária. — *Tua errância me assusta Lisandra, faz-me entrar num abismo e não sei onde queres chegar com tudo isso!*, continua a professora a lhe ensinar.

— **SOMOS LINHAS!**, responde-lhe a doutoranda. Não são linhas justas, mas justo são, apenas e tão somente linhas. Não há linearidade nos trajetos percorridos. Os caminhos dos “meios” parecem-lhe

3 Em seu livro *A imagem-tempo*, Deleuze menciona que a imagem-cristal estaria relacionada a uma imagem-tempo que não é controlada pelo movimento, mas é acionada pela imagem especular em que, o passado que conserva algo de si, e, o presente que passa, coexistem. A imagem-cristal, criaria, assim, uma zona de indiscernibilidade entre passado e presente, entre atual e virtual. O autor diz que “o passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e seu passado contemporâneo é a imagem virtual, a imagem especular” (DELEUZE, 2005, p. 99).

4 DELEUZE, Gilles (2005, p. 102). *A imagem-tempo* (Cinema II).

ser um bom começo. Kafka⁵ teria começado sua Metamorfose pelo próprio acontecimento de Gregori Samsa um dia ter acordado de sonhos conturbados já transformado em um monstruoso inseto, metamorfose que lhe impede de continuar nas linhas de um caixeiro viajante. Um trajeto começa com um primeiro passo. Um passo é capaz de acolher tantos outros que lhe antecederam. Incontáveis contornos provisórios na carne da existência fazem indecifráveis rotas que, em ousadia, seguem o contra-fluxo das normas, na micropolítica do desejo. — *É mais forte do que um eu, quando vejo já estou “te confundindo pra te esclarecer”⁶, demorando-me, sendo atropelada pelas intempéries das ruas, devorando tudo que atravessa meu corpo atual!*, continua a estudante. Parece-lhe como aquele “instante-já” de Clarice Lispector em *Água Viva*⁷. Eis que, quando Lisandra se depara com os processos subjetivos de alunos e professores no curso da pesquisa, percebe que o procedimento cartográfico seria feito de linhas em suas variações⁸. Algumas delas são mais rígidas, uma espécie de linha segmentária que é dada pela própria instituição educacional, comportando o fazer docente, o ser aluno, e as regras que lhes transpassam. Linhas em que também comparecem aspectos de saúde-doença pelos quais atravessam tanto acontecimentos sociais e econômicos -, tais como o momento pandêmico e os cortes das bolsas de ensino e pesquisa; quanto os acontecimentos pessoais, como o adoecimento na [sua] família. A doutoranda vive na própria pele a condição aprendiz, mistura-se aos alunos pesquisados. A espiral do tempo a envolve e a faz retornar na latitude afetiva dos pés que incham nas

5 KAFKA, 2022.

6 Trecho da música “Tô” de Tom Zé.

7 LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, 2019.

8 Deleuze e Guattari (2012, p. 72), no Platô 8 (Três Novelas ou “O que se passou?”) de Mil Platôs (vol. 3), mencionam que somos feitos de linhas, linhas de escrita que se conjugam com linhas de vida, linhas de sorte ou infortúnio, linhas que criam variações da própria linha de escrita, linhas que passam entre as linhas de escrita.

longitudes de composições com o mundo de filosofias, psicanálises e artes. — *Não te esqueças das ciências psicológicas!*, pondera a orientadora. Naquele pedaço do mapa dos padecimentos relacionados ao mundo afetivo das pessoas que caminham nos *campus* universitários, parece que a altitude ganha pluralidades que vestem poderes e saberes e se desnudam de individualidades. Placas tectônicas se deslocam para longe dos dogmatismos de psicologias. Seria necessário ouvir a voz de Guattari dizendo que “quanto menos os psis se considerarem como homens de ciência mais eles tomarão consciência de suas insuficiências e responsabilidades”⁹.

Se a doença advém de um mau encontro, em busca do tempo de uma *saúde inventiva*, a pesquisadora sente a saúde do tempo ganhando forças para encontrar uma espécie de psicanálise do sensível que escuta a musicalidade do outro em suas nuances duras e secretas loucuras, uma arte de inventar imagens e roubar palavras. Clarice Lhe sussurra: — “Roubar torna tudo mais valioso”¹⁰. — *Este texto enlouquecido me tira do sério!*, a orientadora tenta lhe explicar. Se adiamos o julgamento e somos pacientes, degustamos o estranhamento com mais sabor. Cada pessoa é uma constelação de poemas que escrevem um mundo de possibilidades para escapar do que lhe prende. Não como uma fuga covarde, mas com uma firmeza ao traçar um desvio corajoso de saltar para dentro do espaço sideral de si. Há conciliação entre normas e desejo? Ahh!, mas existem linhas mais flexíveis, as quais não suportam mais o que antes suportavam. Essas permeiam os pequenos traços de modificações dos padrões ABNT, bem como os des.caminhos que a comunidade acadêmica pode atra-

9 GUATTARI (2022, p. 189). A psicanálise deve estar em contato direto com a vida. In: Os anos de inverno 1980-1985.

10 Clarice Lispector (2022, p. 29), em “Perto do coração selvagem”, a personagem Joana, narra a lição que diria a sua tia, na qual não se deveria roubar antes de saber se o que se quer roubar existe em alguma parte honesta destinada a si mesma.

vessar, por meio de sensibilidades, coexistindo com as outras mais endurecidas. Uma dupla captura de linhas entre falar e fazer, pensar e agir, afetar e ser afetado, - transpondo, em conexão, os impasses do percurso de.formATIVO no ensino superior. — *Uma tese não é um romance, Lisandra; pelos cânones da ciência há um mínimo de estrutura por meio da qual uma investigação coloca-se de pé, diz-lhe a voz da experiência docente.* Com a coluna já necessitando ficar um tanto na horizontal, a pesquisadora, com esforço, ajeita o passo, busca um pedacinho de terra para pisar nas ruas com as múltiplas saídas e entradas que tenta enxergar. Signos amorosos na travessia dos afetos lhe mostram que o tempo perdido é um engano. Há tempo? Traçaria assim uma linha rebelde? Uma linha que pudesse se deslocar dos mesmos trajetos e se deixar fruir sem ruir totalmente, sem se abater pela tristeza das pedras no caminho? Assim, podemos compreender o que os filósofos Deleuze e Guatarri¹¹ queriam nos mostrar a partir de suas inspirações no trabalho de Deligny, o qual ficava a observar os trajetos das crianças do espectro autista. Os transeuntes da universidade vão de um lado para outro e, de algum modo, nos mostram suas linhas costumeiras sobre um plano organizado, há coisas para se cumprir; mas também são capazes de expressar suas linhas flexíveis e suas linhas erráticas sobre um plano de imanência, aqui chamado de plano de.composição. E o conjunto dessas linhas constroem toda *uma* cartografia, e dela, cartoGRAFLAS são criadas pela pesquisadora.

— **SOMOS O QUE PODEMOS EM ATO!**, pensa ela com Spinoza. Pensar é percorrer os arredores de um transe. O mundo das produções científicas *PER SE* nos tira da poética, não nos deixa pensar com o estômago e abrir o corpo para que algo passe. Se tem vezes

11 DELEUZE; GUATTARI (2011). Rizoma, Platô 1 de Mil platôs (vol. 1).

que “a vida parece um arame farpado”¹² e “a gente se sente como quem partiu ou morreu”¹³, a roda da vida gira em meio a nossa finitude e nos lança para lugares ainda não habitados por nós. Eterno é o instante presente que se dilata na composição de nosso corpo com outros corpos (humanos, inumanos), aumentando nossa capacidade de agir. O presente se contrai quando desses encontros, conhecemos algo de nós mesmos, ainda que pelo ato de sustentar a própria ruína, temporariamente. Signos sensíveis para uma política do cuidado que cria asas e abre espaço para o conhecimento de si como ato de liberdade. A saúde é o voo. Signos da arte penetram no *ethos* da pesquisa. Pensar uma outra clínica convoca o movimento. Uma deambulação, sem catalogar. Do imperativo *you are not your diagnosis* às silenciosas horas que incrementam a angústia, é de um filamento de desestabilização que criamos contornos às variações nos jeitos de ser -, para que então, cresça pelo meio, a exuberância que podemos depreender da vida ao caminhar na universidade. Isso tudo passa por uma afirmaÇÃO que exige desadaptação. Deslocamento capaz de aflorar a singularidade. Seria uma espécie de terceiro tipo de linha que se encontra lá desde sempre, da qual as outras derivam, mas nem todas a possuem, a linha de fuga, que em declive é acionada por uma dança, capaz de provocar rupturas. — *As referências Lisandra!; Onde [como] estão as referências?*, exclama a orientadora. Um ato transgressor faz a pesquisadora não seguir um autor específico e com ele tramar argumentos analíticos lineares. A amizade teria se tornado maior que a fidelidade¹⁴, pois dispensaria explicação. — *São muitas referências Lisandra, onde está a autoria da pesquisadora?*, continua a lhe mostrar caminhos.

12 Música “Atravesso” de Rico Ayade.

13 Música “Roda Viva” de Chico Buarque.

14 DELEUZE; PARNET (1997). F de fidelidade do Abecedário, onde Deleuze fala de amizade.

— **“SOMOS TODOS BRICOLEURS”**¹⁵, dotados de pequenas máquinas desejanter, em que “o desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados”¹⁶. É assim que, em uma só voz, os filósofos lhe autorizam a fazer rearranjos com o que escuta, com o que lê, com o que vive. Passa pelo seu corpo o que vem de outrem, de um encontro, transversal com o mundo universitário, escapando do pragmatismo pelo qual atingiria a adaptação positivista de ciência. Seu pensamento em estado selvagem¹⁷, tenta, nem sempre consegue, escapar das determinações produtivistas que domesticam o modo de andar. Em devir outra, percebe que “foi tão corpo que foi puro espírito”¹⁸ —, e isso, não teria um plano prévio, pois não calcula estabelecer tais arranjos com os “meios-limites”, apenas percebe que sua escrita é o resultado contingente das oportunidades dos restos e rastros dos registros que são construídos e desconstruídos, em processo. A pesquisa então passa por **Afectos**¹⁹, os quais se remetem à transição de um estado ao outro, alegrias ou tristezas que variam seus graus de potências, produzindo determinada afecção em seu corpo. Eles são devires “que transbordam a força daqueles que são atravessados por eles”²⁰. A pesquisadora transforma a si na medida em que escreve e caminha, percebendo que “a escritura tem

15 DELEUZE; GUATTARI (2011, p. 11). O Anti-Édipo,

16 DELEUZE; GUATTARI (2011, p. 16). O Anti-Édipo,

17 Articulando ao pensamento de Claude Lévi-Strauss, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2018), em *Metafísicas Canibais*, diz que o pensamento em estado selvagem não diz respeito ao homem primitivo, mas ao pensamento humano em seu livre exercício ainda não domesticado. Com pensamento selvagem, o autor não quer traçar oposição ao pensamento científico, mas, convergir com ele, incorporando as dimensões sensíveis da experiência humana.

18 LISPECTOR (2022, p. 94). *Perto do coração selvagem*.

19 Não são sentimentos ou afecções, são afetos, devires em variações sobre nós. (DELEUZE; GUATTARI, 2010). *O que é filosofia?*

20 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 194). *O que é filosofia?*

por único fim a vida, através das combinações que ela faz”²¹. — *Não te esqueças do contexto em que as coisas são ditas, Lisandra, pois uma tese não é uma colcha de retalhos!*; a orientadora continua a lhe alertar. Isso a faz lembrar do filme “Colcha de retalhos”²² em que um grupo de mulheres costuram e bordam uma colcha com elementos de diferentes partes de suas experiências amorosas. Desse modo, em *devir-bri-colleur*, a pesquisadora entende que “cada elemento representa um conjunto de relações ao mesmo tempo concretas e virtuais”²³, em que “o papel da escrita é construir, com tudo o que a leitura constitui, um ‘corpo’²⁴. Interessando-lhe mais escrever, aqui e acolá, o que se passa entre os alunos, entre alunos e professores, que descrever como pontos do mapa-, em muitos momentos traça, um feixe de relações que insurgem no caminhar. Um feixe que perpassa por **Perceptos**, os quais não são percepções das paisagens existenciais da universidade. Eles implicam-se nos afectos, num conjunto. Não há perceptos sem afectos. Imagem do pensamento que anima a própria experimentação em diversas linguagens, gagueiras e rachaduras de palavras. Escrever, para ela, torna-se um caso de devir.

— **SOMOS CAMINHANTES!** Uma pesquisa-caminhante que se despoja, ou pelo menos tenta se despojar, de um pensamento hege-

21 DELEUZE; PARNET (1998, p. 14). Diálogos.

22 Tal filme foi um dos disparadores da “oficina de escritura” com a temática Amor (OSORIO, 2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bCU4d7dTC-A>.

23 LÉVI-STRAUSS (1989, p. 33). O pensamento selvagem. Deleuze, em Diálogos com Claire Parnet, talvez tenha se inspirado em Lévi-Staruss quando diz: “toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 173).

24 FOUCAULT (2014, p. 148). A Escrita de Si [1983]. In: Ditos e Escritos V, p. 141-157. Ainda que a citação se remeta à escrita de si da Antiguidade que o autor estabelece relações com a subjetividade, e que, a escrita de uma tese não se constitua uma escrita de si dessa natureza -, o que a pesquisadora quer ressaltar são as forças intensivas que se engendram em uma cartografia, a qual aciona linhas de escritas de si de alunos pesquisados em composição com outros escritos inscritos também em seu corpo-caminhante.

mônico sobre os modos de vida estudantis, para traçar as linhas que compõem o processo investigativo. Não é dotar-se de algo não sabido, mas engendrar os fragmentos vivos, desfazendo-se de modelos. Talvez desejaria ensaiar uma escrita que resgatasse coisas que passam quando acontece seu encontro com os professores e sobretudo com os alunos, afinal, uma pesquisa passa pela criação de algo, e, “criar é antes de tudo testemunhar”²⁵, em que, “o melhor não seria deixá-las na forma mesma que [a] fizeram senti-las?”²⁶ Talvez fosse esse o estranhamento, quando teria feito uma articulação entre as “existências mínimas” de Étienne Souriau²⁷ das quais David Lapoujade se interessou, e a “vida dos homens infames” de Foucault, porque escreveria em meio a muitas vozes, para dar voz aos agentes em educação estudados, operando suas relações possíveis com “fragmentos de discurso carregando os fragmentos de uma realidade da qual fazem parte”²⁸. À margem de suas próprias “existências-relâmpagos” e de seus “poemas-vida”, alunos invisibilizados, docentes calados, têm suas doses de cancelamento, suas dores de rejeição, seus exíguos espaços no mapa do mundo acadêmico -, e isso é algo que provoca a pesquisadora a entender que nem sempre um conhecimento estável é seguro, por vezes, é infame. Assim, assumindo uma espécie de estilo que escreve cartografias no plural e que, em alguma medida, transforma a linguagem da pesquisa em diferentes, paradoxais e contraditórias perspectivas, ela queria poder gritar:

— **SOMOS DOBRAS! “SOMOS QUEM PODEMOS SER”²⁹!**

Caminhando e cantando, faz um esforço, alcança um pouco mais

25 LAPOUJADE (2017, p. 93). As existências mínimas.

26 FOUCAULT (2015, p. 201). A vida dos homens infames. Ditos e escritos IV.

27 SOURIAU, 2020. Os diferentes modos de existência.

28 FOUCAULT (2015, p. 202-203). A vida dos homens infames. Ditos e escritos IV.

29 Nome de música tocada pela banda Engenheiros do Hawaii.

de ar para não sufocar. É o que Foucault lhe mostra pelas lentes de Deleuze, em que o impensado está no próprio pensamento em um confronto de forças que se duplicam pelo fora naquilo que podemos resistir para criar. A cada indagação da orientadora, novas tensões, aprendizados, forças se debruçam em seu pensamento. Então, se “criar não é comunicar, mas resistir”³⁰, sente que uma prática ética é aquela que destaca as linhas de vida, vida de uma comunidade acadêmica, vida de uma obra literária, vida de um laço social, vidas que participam ativamente dos seus traçados, prescindindo de significações últimas.



Caro leitor, a suposta tese em questão, percorre linhas rizomáticas do pensamento da pesquisadora na medida em que os padecimentos da vida universitária vão se deflagrando em seus sentidos. Em ato, ela percebe que concorrem modos estudantis e docentes de cuidar em des.construção. Ainda que as ciências psicológicas e educacionais deem visibilidade para um corpo de órgãos, para um cérebro que aprenda, para um coração que precise ser controlado e de suas paixões não sofra correções pela recuperação do ritmo de marcha ameaçado -, seria preciso uma espécie de corpo sem órgãos³¹, pelo qual passe uma intensidade que verse sobre o que pensam os alunos, o que sentem os professores, o que fazem para tornar a vida mais potente. Uma travessia lenta e silenciosa por um

30 DELEUZE (2013, p. 183). Conversações.

31 O corpo sem órgãos (CsO), é denominado assim pelos filósofos Deleuze e Guattari, não para negar os órgãos do corpo, mas para fazer passar as intensidades necessárias ao campo do Desejo. Assim, tal como a Ética de Spinoza, o CsO é uma prática que caminha pelo que pode o corpo em ato. In: DELEUZE; GUATTARI (2012). Platô 6, Volume 3 do Mil Platôs. Como criar para si um Corpo sem Órgãos?.

lado, intensa e sonora por outro. Entre molaridades e moralidades, desatinos. Entre devires e deveres, moleculares caminhos. Entre urgências subjetivas e medidas paliativas, pergaminhos. Sinais do tempo passando: escuta-os. Reminiscências delicadas constroem novos caminhos pelo pavimento da experiência; sobretudo dos limiares entre seu corpo e o mundo acadêmico que são capazes de micro-revoluções, não de uma linha de chegada, mas de um processo incessante de transformação. Dessa maneira, antes de tudo, UM contexto, com sangue e com a torrente dos dias e noites. Antes de uma ciência, uma testemunha. Antes de uma autora, intercessores. Antes de fidelidade e congruência de autores, sabores de uma maturação, cartografias. Antes de um argumento solidificado, fluidas paisagens, imagens, pensamentos em disjunção, algumas vezes em composição. Antes de uma simples complexidade de tópicos de pesquisa -, interrupções, digressões, caos. Antes que isso vá para o tribunal, experimentações. Antes de criar uma teoria, uma prática ética. Antes de uma tese, uma loucura de cifrada em ritornELOS da vida que se inventa para, talvez, beber de mais Saúde em um impreciso precioso caminhar.

1 ritornello

Não é apenas uma questão de música, mas de maneira de viver: é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos³².

Estamos escutando a vida que começa pelo meio e introduz uma ação composta por fios. Não revela, tenciona. Não harmoniza, movimenta. O movimento se faz em ritornelo, o qual se remete a um retorno, a uma expressão musical performada por duas barras verticais seguidas de dois pontos e que indicam direção, repetição, prelúdio, interlúdio -, em composição.

Notas de inclusão vêm compondo novas partituras no ensino superior. Novas formas de ingresso ampliam o cenário universitário, não apenas por políticas públicas de expansão³³ (com a abertura de diversos cursos de graduação), como também o favorecimento da inserção de alunos historicamente excluídos dos bancos acadêmicos. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), *locus* desta investigação, foi uma das pioneiras na implementação fomentada pelo REUNI, a partir de 2007, e, sua implementação de forma rápida e desregulada nas unidades acadêmicas³⁴, forja inúmeras adequações por parte de docentes, técnicos, alunos e gestores. Para muitos que

32 DELEUZE (2002, p. 128). Espinosa, filosofia prática.

33 o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2005 apontava para o descompasso que a Educação Superior no país encontrava-se em relação às demandas da sociedade, desencadeando políticas públicas de expansão e desenvolvimento (SANTIN; CUNHA, 2012), tais como o REUNI, Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (BRASIL, 2007); o SISU (Sistema de Seleção Unificada), o qual consiste em um sistema informatizado em que instituições públicas de ensino ofertam vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), conforme MEC 2012; e a Lei de Cotas (Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, obriga as universidades, institutos e centros federais a reservarem para candidatos cotistas que cursaram os três anos do ensino médio em escola pública, EJA ou ENEM, pretos, pardos e índios, entre as vagas separadas pelo critério de renda, 50% das vagas oferecidas anualmente).

34 Na ocasião, número de cursos saltou de 58 para 96, enquanto o número de estudantes cresceu de cerca de oito mil para mais de 16 mil, conforme dados históricos da UFPel. Disponível em: <https://portal.ufpel.edu.br/historico/>

ali já estavam, configura uma situação totalmente nova. Para outros, uma oportunidade de fazer parte dessa construção pela redemocratização da educação.

A valsa da superação de uma situação de exclusão desafina o tom de privilégio para alguns e desafia os acordos das desigualdades sociais. A universidade em seus acordos de demandas institucionais, carrega consigo interesses do Estado e cruza caminhos que tentam corresponder às finalidades de ensino, pesquisa e extensão, pelas quais assume o compromisso da produção científica e supostamente garante um lugar simbólico de prestígio social. O processo de inclusão caminha pelas avenidas de uma lógica representativa que parece codificar a experiência e reduzir a potência afetiva de alunos e professores, na medida em que, no interlúdio de notas ideológicas, o ensino ganha um tom mercadológico. Cenário este, que acolhe novos padecimentos subjetivos e coloca em jogo condições pulsionais para a circularidade do desejo, pelos quais podemos pensar que, para os estudantes lidarem com a excitação pelo consumo de acender na vida por meio do estudo, haveria algo que os impediria de estabelecerem uma distância crítica capaz de criarem a si mesmos³⁵. Isso nos leva a perceber que as políticas de inclusão, parecem não ser suficientes para amparar as sensibilidades do contexto pelo qual o aluno vive nos rizomáticos filamentos educacionais. Fios soltos pelo sistema econômico, fios laminados de diversidades socioculturais, fios que eletrizam os pavimentos existenciais.

Assim, fios foram se emaranhando pelo crescente adoecimento psíquico de alunos universitários, em que, ao aumento do número de vagas e da oportunidade de inserção de estudantes das diferentes regiões do país e toda uma nova composição, há um proporcional aumento na procura destes por auxílio psicológico, serviço existen-

35 BERNSTEIN (2022). Acolher e cuidar: o afeto na clínica psicanalítica atual.

te dentro da Instituição desde 1985³⁶, no qual a pesquisadora atua como psicóloga desde 2010. Aliado a isso, a forma como o aluno se vincula aos estudos, algumas vezes, manifesta-se com certa dificuldade por serem exigidos de forma diversa da que vivenciaram no ensino médio. Como se o corpo estudantil não conseguisse se compor aos outros corpos que ali circundam e isso provocasse uma desarmonia em seu ser, diminuindo sua potência de agir.

Uma forma encontrada para acompanhar os alunos bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da UFPel, alunos estes considerados em vulnerabilidade social, foi, em 2012, a criação de um Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI) que oportunizasse atividades em prol de seu aprendizado e suporte emocional. Em pouco tempo foi possível perceber que algo se passava. A pesquisadora naquela ocasião (2012/2013), inquieta com o índice (82%) de não aproveitamento acadêmico³⁷ de alunos bolsistas, condição entendida como indispensável para sua permanência, queria entender como as subjetivações discentes vinham sendo produzidas em interface com o seu aprender, - o que originou sua Dissertação intitulada “Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de esrileituras”³⁸, orientada pela Prof^a Dr^a Carla Gonçalves Rodrigues. Por meio de esrileituras³⁹, os

36 Informação verbal. Dados de história oral pelo psicólogo Ricardo Azevedo Silva e a assistente social Carmem Nascimento (ambos servidores aposentados).

37 Na ocasião considerava-se como um dos critérios de permanência nas bolsas referentes aos programas da PRAE, referentes à alimentação; transporte; auxílio deslocamento; auxílio moradia; moradia estudantil; auxílio pré-escolar; material odontológico) advindas do PNAES - aquele aluno que apresentava pelo menos 70% de aproveitamento acadêmico em geral. A partir de dezembro de 2021 a Resolução nº 25 do COCEPE (CONSELHO COORDENADOR DO ENSINO, DA PESQUISA E DA EXTENSÃO) regulamenta ações de permanência e acompanhamento acadêmico por meio do “Índice de integralização”, o qual continua sendo de 70%, mas sob o resultado da divisão da carga horária integralizada pela carga horária do curso esperada para aquele semestre.

38 OSORIO (2016).

39 Projeto denominado “Esrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida”, aprovado pelo edital nº 038/2010, vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBE-

alunos demonstraram força de criação nas fruições de uma escrita-pela-leitura e de uma leitura-pela-escrita⁴⁰.

Há uma expressão da existência que intercepta as formas sedentárias, uma andança que faz da linguagem um vazamento de estrutura de significantes para catalisar uma diferença. Interceptada por essa diferença, ao retornar o trabalho na universidade depois desse estudo, a pesquisadora foi atropelada por uma lista de espera para atendimentos psicológicos individuais de aproximadamente 300 alunos, o que a fez lembrar que esse número era de 30 alunos quando ingressou como servidora. Então, ensaiou inaugurar um trabalho de grupos terapêuticos, pois, até então, tinha desenvolvido junto com uma colega assistente social alguns trabalhos coletivos voltados à aprendizagem para os alunos que estavam prestes a perder suas bolsas. Na ocasião, chamou de Clínica de Experimentações⁴¹, onde pode formar dois grupos fechados, por meio de inscrições espontâneas de divulgação no site da universidade.



Imagem 1/ Fonte: Centro de Comunicação Social/UFPel

DUC) e coordenado pela professora Sandra Mara Corazza, da UFRGS, e que foi sentida pelos diversos e potentes trabalhos produzidos e desenvolvidos por grupos de pesquisa ao longo de quatro anos, de 2011 a 2014.

40 CORAZZA (2011).

41 Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2016/07/EDITAL-CLINICA-DE-EXPERIMENTACOES.docx>

As experimentações clínicas tiveram a colaboração de uma estudante do curso de psicologia da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), a qual, em contato com a notícia no site, demonstrou interesse, tanto por outrora possuir vínculo à UFPel como acadêmica e à Prae como bolsista, quanto pelo desejo de desenvolver atividades práticas⁴².

No entanto, os fios emaranhados na ambiência educacional, paulatinamente, foram ganhando forças e enredos diversos que conclamaram um novo empreendimento investigativo, uma vez que as demandas foram se intensificando, variando, vindo também de professores. Desse modo, impulsionada pelas questões que permeiam as experiências na universidade, a pesquisadora pergunta-se: O cuidado de si favoreceria a saúde mental do estudante? O sofrimento psíquico estaria ligado ao abandono de si? O que alguns estudos dizem a respeito da saúde mental do universitário? De que saúde estamos falando? Que saúde é possível pensar na ambiência educacional? Como as subjetivações se relacionam à saúde? Como o vínculo institucional pode fortalecer a travessia do aluno no Ensino Superior? O docente estaria atento ao cuidado de si e ao cuidado que os estudantes têm consigo? Que afetos pedem passagem nesse contexto? Quais são as possibilidades humanas de liberdade?



De início, em *Cartas a um jovem poeta*, Rilke lhe advém: —“Ter paciência em relação a tudo o que há para resolver em seu coração e procurar amar as próprias perguntas como quartos fechados

42 Dos encontros desenvolvidos, foi possível escrever trabalhos como o *RELATO DE EXPERIÊNCIA: O LUTO NA CLÍNICA DE EXPERIMENTAÇÕES* (2017), apresentado pela então aluna Diônvera Coelho da Silva em uma Mostra Universitária da FURG.

ou livros escritos num idioma estrangeiro”⁴³. A pesquisadora quer então olhar para o volume infinitesimal das coisas, o sensível nas linhas descontínuas de uma constituição histórica do sujeito. Uma problematização a qual menos encontra respostas, mais desafia os conjuntos discursivos que se emaranham no chão educacional. Pensa que uma tese que pretenda problematizar a saúde mental estudantil não teria a incumbência de resolver as linhas duras que a vida na universidade apresenta, afinal, dentro ou fora da ambiência educacional, elas invariavelmente existirão. Tampouco tem a obrigação de dar respostas para as singulares questões existenciais que se espalham feito rizomas. O que esta Tese contém, é uma chama viva do desejo de capturar outros modos de ver a vida universitária, modos outros que colocam um corpo a se implicar e a bifurcar caminhos cansados do fazer clínico individual. Experimentações regeneram os fios desejanter que se atualizam por um objetivo: Cartografar linhas de sensibilidades e subjetivações da vida na universidade para extrair daí condições de possibilidades para pensar *uma* Clínica em composição com o Cuidado de Si na Travessia dos Afetos com vistas a *uma* Saúde Inventiva. Quais fragmentos da vida são capazes de tecer mais vida em um espaço de aprendizado? De que forma linhas sensíveis na universidade podem compor alegria, amizade e encontros? São fios que tramam ritornelos, cartografam.

Uma sonata da *recherche* proustina talvez fosse o que desejaria essa caminhada cartográfica, a qual foi tocando com os pés onde “o som se alternava a todo instante, esfumando-se para indicar uma sombra, revivendo quando lhe fosse necessário andar no enlaço de um contorno mais arrojado”⁴⁴. Uma caminhada cartográfica que foi

43 RILKE (2013, p. 38). Carta de 16 de julho de 1903.

44 PROUST (2016, p. 292). No Caminho de Swann. In: Em busca do tempo perdido, volume 1.

criando uma trilha musical própria, variada e contínua, no vórtice de uma disposição livre. Encontros que aconteceram pelo meio do caminho, fluxos e empuxos de uma pesquisa que foi crescendo e absorvendo um corpo andante. Não seria mais capaz de pensar a tese como uma unidade, mas como livros, pequenos, em composição ou não, com a reserva de linhas estratificadas, linhas de escape e quiçá movimentos micropolíticos, que comportaria um livro que faça rizoma com o mundo⁴⁵.

Em busca da saúde perdida, a *vita opus* de uma caminhada: Trajetos | Afetos | Devir, faz da Tese uma trilogia. Cada trajeto, *uma* melodia. Cada afeto, *um* acorde. Cada devir, *uma* de.composição. Cada livro, *um* caminhar. Livros 1, 2 e 3. Um contém algo do outro em si. Podem ser lidos em conjunto ou por fragmentos. Não desenhavam uma linearidade com seções esperadas para uma tese. Eles contêm misturas e sobreposições pois não há como separar a discussão do processo. “É escrevendo, precisamente, que assimilamos a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo”⁴⁶. Antes que o leitor entenda a engenharia de três livros como algo edipiano, a pesquisadora gostaria de poder dizer que eles se efetuam como máquinas de escrever estados afetivos que não se reduzem ao UNO, mas agenciam com uma espécie de univocidade⁴⁷ do ser na vida universitária. Filhos de doses de obscuridade e silêncio, eles tomam da Arte de re.composição dos caminhos do tempo procurado nas flutuações em torno

45 DELEUZE; GUATTARI (2011). Platô 1 - Rizoma.

46 FOUCAULT (2010, p. 321). Na aula de 3 março de 1982 no Collège de France (A Hermenêutica do Sujeito), ao estudar as práticas de leitura e escrita da Antiguidade, o autor discorre sobre a produção de subjetividade que estas podem efetuar, quando, por exemplo, possuem finalidade meditativa.

47 Em Diferença e Repetição, no capítulo I, Deleuze (2000, p. 93) comenta que “o essencial da univocidade não é que o Ser se diga único e mesmo sentido. É que ele se diga num único sentido de todas as suas diferenças individuantes ou modalidades intrínsecas”.

das sensibilidades que foram sendo encontradas. Como lhe mostra Marcel Proust:

O que não temos de decifrar, esclarecer por nosso esforço pessoal, o que já estava claro antes de nós, não nos pertence. Só vem de nós mesmos o que extraímos da obscuridade existente no nosso íntimo e que os outros não conhecem⁴⁸.

O vestígio da penumbra atravessada pela pesquisadora se faz melodia de sua implicação com o campo empírico. Um ritornelo que vai misturando três tempos afetivos, construindo ELOS. Ora no território seguro de canções conhecidas das linhas molares que organizam os modos de ser estudante. Ora numa desterritorialização em que sons novos valem aos ouvidos, por linhas moleculares de um deslocamento sensível ao caos. Ora compondo uma reterritorialização em que se retorna, e por vezes, se retorna diferente em tempestuosa sinfonia tocada por uma linha de escape para extrair do caos um devir. “E os três juntos. Forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta e concorre no ritornelo”⁴⁹. Uma pesquisadora-psicóloga que se transforma ao longo do caminho e experimenta uma Tese que com-Vida para “que nosso olhar seja um fluxo de raios de luz e que em nosso corpo ressoem mundos de harmonias; que o inundem infinitas espirais sonoras que se reforcem formando volutas de estranhas formas”⁵⁰. Uma orquestra de desalinhados padrões acadêmicos, em que o dedilhar instrumental se faz em refrões, que se repetem vertiginosamente, que se renovam a cada vez, que fazem mediação para uma nova entonação. Um desejo de alcançar, quem sabe um dia, as marcações do tempo que cadenciem os encontros em mais criar, em mais conversar, em mais

48 PROUST (2016, p. 700). O Tempo Recuperado. In: Em busca do tempo perdido, v. 3.

49 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 124) Platô 11 - Acerca do Ritornelo. In: Mil platôs v. 4.

50 CIORAN (2014, p. 70).

dançar por entre as dores, os critérios de avaliação, as intempestivas im permanências dos corpos estudantis.

1.1 des.caminhos

Na medida em que anda olhando para o adoecimento com outros olhos, Lis'Anda passa a entender que a hipótese inicial de seu projeto, a qual estaria ligada a ideia de que “é preciso cuidar de si para não adoecer”, finda uma impossibilidade! Começa a entender que um voo baixo a faria não esquecer o ritmo dos passos pelo chão da vida universitária. Há ritmo desde que haja passagem. O caos de um adoecimento é capaz de dimensionar uma territorialização, pois “quando o caos ameaça, traçar um território transportável e pneumático”⁵¹ caminharia para uma TESE?, a qual seria: É preciso afirmar *UM* cuidado de si para ter coragem de abrir espaço afetivo às metamorfoses existenciais, e, assim, construir uma saúde singular *NUM* incessante caminhar que conheça os efeitos e as causas do Desejo? Quer afirmar uma TESE? Uma saúde inventiva caminha em meio à obra de uma vida na composição dos modos de ser e estar na universidade, esculpindo no cuidado de si, o conhecimento: Afeto mais potente!⁵²

V a r i a ç ã o e s . Uma saúde que faz desse caminhar, um ato de resistência ao instituído para afirmar a vida com mais liberdade. Ora! Se a Saúde que quer investigar implica o cuidar, e, o cuidar ladrilha um conjunto de relações, então o que ela busca é do campo da invenção. Perto de um selvagem coração, ecoa a voz de

51 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 135), Platô 11 - Acerca do Ritornelo. In: Mil platôs v. 4.

52 A concepção do conhecimento como o afeto mais potente pode ser encontrada em Spinoza (2020) a partir de sua Ética e é abordada em uma obra organizada por André Martins, na qual podemos conjurar esse conhecimento afastado das sendas iluministas que separam razão e afeto. (MARTINS, 2009).

Clarice: “é preciso não ter medo de criar”⁵³. O fato é que “desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto”⁵⁴. Se desejar é delirar no coletivo de forças que movem a subjetividade humana, deseja saber onde está o desejo do jovem estudante universitário? Por onde passa o desejo do professor? Capturar as forças desejanças desses agentes, parece precisar da Arte para fazer vaziar o próprio Desejo.

Problematizar é acolher os paradoxos que acometem tanto o cuidado de si, quanto a saúde mental, em suas possíveis relações com as mudanças que vêm acontecendo no corpo estudantil, em velocidades e intensidade difíceis de serem acompanhadas. A violência simbólica de uma ação pedagógica que desconsidere a cristalização de desigualdades de inúmeras naturezas, faz com que a pesquisadora se questione sobre a importância de ações que envolvam as singularidades estudantis em seus contextos social-históricos. Afinal, a história “nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo em que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas dissipa em proveito do outro que somos”⁵⁵. Sujeitos que eram invisíveis no chão público da universidade, passam, cada vez mais, a afirmar suas existências e a reivindicar a legitimidade de ocuparem tal espaço.

O ritmo devém no espaço entre-dois, espaços entre um e outro gesto de indisposição diante da vida. *Intermezzos* entre saúde e doença que se transversalizam entre alegria e tristeza que fazem circuito entre cuidar de si e alienar-se que ritornelam um fora do sofrimento no dentro de uma liberdade. Um espaço entre o corpo e a Arte. Um espaço clínico não exatamente localizável. Nas vozes

53 LISPECTOR (2022, p. 28). Perto do coração selvagem.

54 DELEUZE, PARNET (1997, p. 15). Abecedário.

55 DELEUZE (2013, p. 123). Deleuze referindo-se ao pensamento de Foucault em Conversações, no capítulo “a vida como obra de arte”.

deleuze-guattarianas, um ritornelo é “todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais”⁵⁶. É um ritmo e uma melodia que se compõem a um espaço subjetivo, ziguezagueando, e perfazendo trajetos que se compõem, que se decompõem, que se recompõem.

Ainda que seja inevitável recair em velhos procedimentos e fazer decalque de palavras e conceitos, o ato de pesquisar tece experimentações que ativam o pensar, pois “pensar é sempre experimentar”⁵⁷. Nas entranhas educacionais que vive na pele, a pesquisadora se estranha a uma interiorização, e compõe seu corpo junto aos corpos dos estudantes e professores investigados, traçando des.caminhos nas relações daquilo que dizem e escrevem. Porém, a escrita, nunca é o suficiente para dizer de um fora que constitui uma realidade e clama para que as subjetivações ganhem voz. Por isso, uma rizomática Instituição, pede uma rizomática investigação. Cartografar é, nessa direção, habitar um território existencial⁵⁸, é a caminhada se colocar ao lado das multiplicidades que ali circulam, é fazer da pesquisa um plano de.composição.

56 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 139). Platô 11 - Acerca do Ritornelo. In: *Mil platôs* v. 4.

57 DELEUZE (2013, p. 136). O autor refere-se ao pensamento foucaultiano, em que a linha do Fora é nosso duplo com a alteridade, um longínquo mundo exterior e o mais próximo mundo interior, ao mesmo tempo.

58 ALVAREZ; PASSOS (2014).

**2 plano
de.composição**

2.1 procedimentos

Movida por afecções musicais durante as caminhadas, Lis'Anda se vê atraída pelas composições que somos capazes de tocar com outros corpos ao sabor dos encontros, e que, por vezes, podemos decompor algo de nós, trazendo uma nova chance de engendrar outros ritmos. O caos provocado pelo adoecimento estudantil atravessa o plano sobre o qual se debruça a pesquisa, em que alguns fractais conceitos tracejam diagramas como lugares para mutações de outras coisas sobre a saúde. Se por um lado, um saber “sobre” a saúde mental na universidade, em que cada vez mais, aumentam os casos de ansiedade, depressão (tentativas) de suicídio -, não coloca o estudo em movimento, apenas possibilita apreendermos daí forças de caos que testemunham diferentes manifestações. Por outro, o “plano de imanência é folhado”⁵⁹ e suas contínuas variações podem abrigar, saraivar, expulsar, algo que aconteça no meio do caminho investigativo, em movimentos ritornelos. Se a métrica coloca um véu sobre a realidade psicossocial do universitário para lhe dar ritmo, torna-se necessário lançar sobre a sombra do pensamento que o enclausura numa adaptação, um artifício de linguagem para embelezá-la, como se bastassem “12 segundos de obscuridade”⁶⁰ para ver com mais clareza o demasiadamente humano ali contido. Em meio às dissonâncias educacionais, “a arte torna suportável o aspecto da vida – cobrindo-o com o véu do pensamento imperfeito”⁶¹.

59 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 62). Plano de Imanência. O que é filosofia?.

60 Música que leva o nome do disco de Jorge Drexler porque foi feito numa praia do Uruguai, que tem um farol, onde a imagem do farol lhe parece ser uma espécie de guia, em que há intervalos em que tudo fica na escuridão e que o farol não serve para nada.

61 NIETZSCHE (2018, p. 126). Aforismo 151 de Humano, demasiadamente humano. Obra da segunda fase do autor, em que ele denuncia as verdades metafísicas que o humano inventa para dar um sentido para a existência, bem como a arte do Romantismo alemão que cede à moral religiosa pelo Iluminismo. Assim, desde o Nascimento da Tragédia (obra anterior), Nietzsche problematiza a arte que encena a tragicidade constitutiva da vida, pelo menos de duas maneiras: pelo Mito de Dionísio que anuncia um deus que sofre e se liberta

Assim, o caminhar cartográfico é empreendido por meio de curtos passos longos, acompanhando os processos subjetivos em curso e objetivos de uma realidade compatível com o tamanho das pernas de quem pesquisa, pois “acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos”⁶².



O projeto de pesquisa da presente Tese foi submetido na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o registro 56741422.2.0000.5316 (em anexo 1), parecer nº 5.333.719, em que é preservado o anonimato de todos participantes, os quais assinaram o “Termo de consentimento livre e esclarecido”, juntamente com informações sobre a destinação dos materiais e dados coletados conforme Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), em anexo 2.

O procedimento cartográfico erigido tem como desenho metodológico a trilogia trajetos-afetos-devir, na qual atuam a força dos encontros, tanto aqueles provenientes da Dissertação já mencionada, quanto aqueles encontros pensados no Projeto de Tese. Estes últimos são delimitados por dois encontros com docentes da UFPel e um encontro com alunos bolsistas/formandos da PRAE/UFPel, os quais ocorreram durante o mês de julho de 2022.

O convite aos professores foi realizado por meio dos Colegiados dos Cursos de Graduação da Instituição e por meio de divulga-

na criação do mundo, tornando-se a se desfazer, e, pelo Mito de Apolo que busca consolo nas boas formas da transcendência.

62 DELEUZE (2013, p. 222). Controle e Devir. In: Conversações.

ção em uma reunião do GIP (Grupo de Interlocação Pedagógica)⁶³. Em decorrência do momento desse convite coincidir com o fechamento do semestre letivo e início de férias acadêmicas, houve a dificuldade de alguns professores, que haviam manifestado interesse, participarem. Assim, da confirmação de 12 docentes, 6 participaram dos dois encontros propostos no mês de julho daquele ano. Confirmações de data, hora e local depois foram feitas individualmente por e-mail.

Com os alunos, optou-se por apenas um encontro, em um sábado de tarde, devido ao momento em que estavam, prestes a se graduar pela UFPel no mês seguinte (agosto de 2022). Numa trabalhosa colheita, dada a urgência do momento⁶⁴ da pesquisa, em composição com a iminência da formatura institucional, houve grande alvoroço. É possível que essa confluência no tempo tenha acionado intensidades para a pesquisa, abrindo espaço com mais força aos que puderam participar, como é possível perceber no retorno de uma aluna⁶⁵.

63 A criação dos grupos de Interlocação pedagógica (GIPs) possibilita o estreitamento e aprofundamento de laços com as ações do ensino que possam se aproximar das diferentes realidades dos cursos e do exercício da docência.

64 Em razão da pandemia, alguns “atrasos” aconteceram no processo da pesquisa, o que fez a pesquisadora fazer sua Qualificação em outubro de 2021. Posteriormente, dadas as recomendações dos professores da Banca, algumas questões foram reformuladas em relação aos procedimentos. E, só então, houve o processo de submissão ao Comitê de Ética, o que configura condição prévia tanto para o acesso aos dados dos alunos junto à PRAE, quanto à parte empírica poder acontecer, pois os encontros ocorreram na sala de grupo da PRAE, ainda com protocolos de segurança epidemiológica relacionados à Covid-19.

65 A pesquisadora opta por realizar o encontro antes da formatura, pois durante ou depois, poderia perder o acesso aos alunos, de tal modo que a aluna da mensagem não pôde fazer parte da pesquisa.

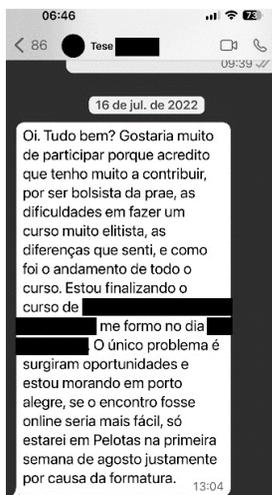


Imagem 2: Print do celular da autora.

Dentre os alunos bolsistas que se graduariam em agosto de 2022, por amostra simples aleatória, 20 foram convidados por mensagem de whatsapp, dos quais 8 participaram. Com a intenção de oportunizar espaço de expressões subjetivas acerca das vivências na universidade e capturar linhas de sensibilidade, os encontros com alunos e professores pautaram-se, sobretudo, na fala franca e em processos de escrita, nos quais, professores escreveram uma carta ao aluno, e, alunos escreveram uma carta ao professor, além de uma escrita de si. Somando-se a isso, como um dispositivo clínico, a pesquisadora sugeriu aos participantes responderem questões semiabertas do “Inventário da Travessia dos Afetos” (em anexo 3), elaborado pela pesquisadora a partir de seus estudos, no qual, englobam-se elementos da saúde e das práticas de si, para daí colher também alguma força.

Dessa forma, a matéria empírica da Tese, chamada de *arquivo-corpo-sensível*, é composta por dois emaranhados de linhas, as quais aparecerão em formato itálico. A primeira, refere-se ao estudo so-

bre um *corpus* discente da Dissertação realizada pela pesquisadora e mencionado anteriormente, onde ela resgata alguns “caderninhos” azuis das *escreituras* desenvolvidas por estudantes nos encontros grupais realizados em 2015⁶⁶.



Imagem 3: Materiais

Fonte: a autora

A segunda é referente a materiais produzidos em 2022 e é formada por um coletivo de ditos&escritos -, acerca de alunos formandos bolsistas da PRAE e professores -, os quais foram extraídos das cartas que os participantes escreveram, de anotações daquilo que os participantes disseram durante os encontros, assim como das respostas ao Inventário da Travessia dos Afetos. A análise do conjunto dessas linhas é feita sobretudo pelas singularidades que se conectam ao chão da caminhada. Por meio da realização da compilação em um arquivo no word, foi possível formar um “bloco”, um corpo sensível.

Deste, empreende-se uma perscruta pelas marcas que se in-

⁶⁶ Os encontros referentes à Dissertação da pesquisadora ocorreram em 2015, e a defesa em março de 2016.

tensificam, as palavras que se repetem, fragmentos marmorizados por entre o texto da Tese. Na intenção de ligar elementos heterogêneos, raspar alguns significantes, quiçá destruir identidades, as misturas do que dizem e escrevem, alunos e professores fazem caminhos. Uma máquina de valor transdutivo⁶⁷, onde “o que define a recorrência, e que se opõe a representação-projeção”⁶⁸, é uma tentativa de elevar um sopro vital às multiplicidades, repetições, diferenciações. Não uma repetição vazia⁶⁹, pois na raiz da repetição, há insistência existencial que engendra uma singularização que se prolifera. O conjunto de dados empíricos, portanto, tal como diria o Foucault arquivista⁷⁰, é composto de sistemas de enunciados que aparecem como acontecimentos singulares, onde cada frase contém em si um povoamento que se instaura no tempo e no espaço que os reconstituem. Escrever uma tese seria um modo de fazer tais acontecimentos durarem? Se aquilo que os participantes dos estudos dizem e escrevem possui devires, é possível que isso engendre atualizações a partir de onde olhamos, lemos e somos afetados. Em um só tempo, inventários, diários, *escrileituras* e estudos da pesquisa, talvez, não revelem nem escondam nada. De tal modo, o “arquivo” seria, sobretudo, o que faz com que as coisas ditas não se acumulem em um só ponto do mapa, assim como, não se inscrevam em uma linearidade ininterrupta. Assim, o plano de imanência ou de composição em ritornelo, desejaria criar brechas para o pensamento de quem lê esta Tese. Uma saúde que se compõe de movimentos de jazz e convida à experimentação.

67 No Platô 1 (Rizoma), Deleuze e Guattari (2011) comentam pelo princípio da cartografia, que a transdução de estados intensivos substitui a topologia de estratos hierárquicos, operando o grafismo de forma a circular uma multiplicidade acentrada.

68 DELEUZE, GUATTARI (2011, p. 515). O Anti-Édipo.

69 GUATTARI (2012, p. 84). Caosmose.

70 FOUCAULT (2008, p. 147). Arqueologia do saber.

2.2 caminhando e CARTOgrafANDO

A arte de caminhar por um coletivo de processos ativa pisadas que precisam de um chão que não seja moldado por diagnósticos encapsulados e por limites impostos de monoculturas educacionais. Com os pés descalços, há uma busca por espaços outros “para não sucumbir às ilusões que nos acomodam em nossos sapatos”⁷¹. Aprendemos a caminhar logo cedo, mas, sabemos caminhar? Quando se caminha nunca se está só, pois as paisagens e os pensamentos contornam nosso corpo, penetram nosso olhar, ativam uma certa voz calada dentro de nós. Algumas vezes, é preciso caminhar justamente para nos encontrarmos em solidão. Outras vezes, a andança requer o seu próprio bando, tal como os pássaros o fazem para suas migrações. O coletivo de forças aciona ventos favoráveis a se chegar em uma longa distância, da qual é possível depreender novos pousos e novos voos.

Caminhando e cartografando, a pesquisadora vai se apropriando do que encontra no caminho em meio ao pesquisar, tal como um gesto *bricoleur*⁷². O corpo andarilho se deixa afetar pelas forças do mundo universitário, em um recorte de tempo e espaço lido como mapa. Se construir um mapa⁷³ é construir um conhecimento, isso a faz compreender a potência de conhecimento como uma prática de liberdade que deriva do próprio corpo. A pesquisa faz-se, então, *um* encontro entre corpos – pesquisadora, professores, estudantes, instituição, livros, materiais produzidos pelas pesquisas [dissertação/doutorado] -, corpos que “podem ser físicos, biológicos, psíquicos,

71 BONDER (2008, p. 111). Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro.

72 Mencionado no prólogo deste livro.

73 Os primeiros mapas datam do século VI a.C. pelos gregos, traçados como um conhecimento geográfico que servia como uma das maneiras para o homem se localizar no espaço, antes mesmo de haver escrita. MICELI (2014).

sociais, verbais, são sempre corpos ou *corpus*⁷⁴. Corpo que faz parte da matéria-prima das cartografias e que, por onde anda, faz rizoma. O Rizoma⁷⁵, por sua vez, é um termo derivado da botânica e de uma natureza eminentemente conectiva. Ele pode ser considerado aqui, uma espécie de orientação metodológica que traceja a saúde como objeto politicamente relevante para pensar práticas clínicas na ambiência educacional. Para seguir a trama que o rizoma pode proporcionar-lhe, a pesquisadora faz alianças, segue processos, usa as afecções das circunstâncias. Um rizoma, portanto, não acolhe pontos ou posições, há somente linhas. Como o intermezzo musical, entre uma nota e outra, um espaço que as diferencia, e em conjunto, proliferam cadências afetivas, *uma* multiplicidade. “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras”⁷⁶.

Desse modo, Trajetos-Afetos-Devir, fazem rizoma e constituem fios condutores para as cartografias da vida na universidade. Eles guiam a pesquisa e fazem a pesquisadora capturar forças de algumas linhas e visualizar força também nas linhas que se apresentam frágeis. Há, nas repetições de trajetórias, a criação de novas memórias, “pois sadio é quem esquece”⁷⁷. Caminhar é também repetir trajetos que se decompõem com o tempo. Quando folhas caem, quando folhas nascem, quando folhas avermelham o tom da

74 DELEUZE; PARNET (1998, p. 66). Diálogos.

75 O Rizoma constitui para Deleuze e Guattari (2011), uma forma de agenciar, de operar o pensamento, a escrita e as práticas, a partir de dimensões que crescem e se conectam umas às outras, formando uma rede de relações capazes de fazer passar intensidades afetivas por suas hastes em que tornam possíveis transformações nas paisagens psicossociais, mas que coexistem com linhas estratificadas as quais conformam tais paisagem a um ponto, a uma origem, a uma moral. Os princípios pelos quais um rizoma pode abarcar são: 1. Conexão; 2. Heterogeneidade; 3. Multiplicidade; 4. Ruptura; 5. Cartografia; 6. Decalcomania.

76 DELEUZE; GUATTARI (2011, p. 25). Rizoma. In: Mil Platões, v. 1.

77 NIETZSCHE (2012, p. 19). A gaia ciência, aforismo 4 [prelúdio em rimas alemãs].

vida -, tornando possível percebermos a ampliação de nosso olhar para o eterno retorno de novas, outras, velhas, contemporâneas, - subjetivações, desfolhando-se dos *campus* universitários. Enquanto um mapa em si mesmo pode representar um plano estático, os percursos afetivos fazem das cartografias os desenhos de um plano movente.

Com efeito, a cartografia⁷⁸, termo derivado da geografia e que a dupla Deleuze-Guattari estabelece como um dos princípios do rizoma -, é considerada nesta tese, como uma postura, uma ética, a partir das quais, algumas ferramentas metodológicas (Grupos, Inventários, Cartas), não se enquadram em métricas universais necessariamente, mas tramam linhas que tatuam o corpo de quem pesquisa, “uma vez que o trajeto não só se confunde com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio”⁷⁹. O procedimento cartográfico, portanto, permite a pesquisadora fazer da trajetória de um corpo que se dobra, as linhas que problematizam os modos modelados pela campo social, uma vez que a realidade não está fora pronta a ser descoberta, mas ela é produzida nas relações que se estabelecem no meio do caminho.

Apostando em um processo de criação que se aventura por partículas afetivas, a pesquisadora tenta costurar uma linha de escape às generalizações que o pensamento científico vem propagando como método de valor preditivo sobre a realidade. Fios que se espiçam, se encurtam, e, por vezes, se rompem. Fios que tecem fragmentos de vida, cujas experiências se apoiam umas sobre as outras. Nessa perspectiva, caminha por lugares onde as ciências estariam fa-

78 A palavra cartografia, etimologicamente deriva do grego *GRAPHEIN* que significa escrita e do latim *CHARTA*, papel, teria sido criada em 1839 pelo historiador português Visconde de Santarém, continha a ideia de traçar mapas que passa a conter a ciência, a técnica e a arte de representar a superfície terrestre. (CAMPOS, 2007).

79 DELEUZE. (2011, p. 83). O que as crianças dizem. In: Crítica e Clínica.

lando sobre a saúde mental do universitário, para deles extrair algum cerne daquilo que “sente” contribuir ao seu plano de fuga. Nietzsche em *Crepúsculo dos Ídolos* já anunciava que “possuímos ciência hoje na exata medida em que decidimos aceitar o testemunho dos sentidos, ao que aguçamos e armamos, aprendendo a pensa-los até o fim”⁸⁰.

Se “um caminho é uma interpretação prévia da melhor maneira de percorrer a paisagem”⁸¹, definitivamente, Lis’Anda não tinha um caminho, mas sim, uma espiral de imprevistos e de espaços sinuosos. Ritornelos teóricos e experimentais que fazem um labirinto de potentes entradas e saídas, pois “só nos desnudamos totalmente indo sem trapaças rumo ao desconhecido”⁸². Uma tímida aproximação. Um germe. Sem esgotar conceitos ou tratar a empiria de modo pragmático. Ainda que vislumbre uma Psicanálise do sensível em composição com [algumas] Filosofias, terá uma longa caminhada para perfazer disso, uma invenção, e, da Arte, contaminações afetivas. Misturas escriturais com vistas a uma Clínica, po-ética, talvez.

Grafias que pretendem acompanhar processos subjetivos, catalizando instantes de passagens para conhecer movimentos disruptivos e transformativos que é possível engendrar no campo da experiência de caminhar, pesquisar, implicar-se, distanciar-se, aproximar-se, olhar, ouvir, escrever. Grafias que cartonam a possibilidade de: 1. transformação da realidade; 2. atenção cartográfica sobre o objetivo de pesquisa; 3. acompanhamento dos processos subjetivos; 4. movimentos da produção dos dados; 5. acionamento de um coletivo de forças que circulam no campo problemático; 6. captura de signos nos territórios existenciais que enunciam possibilidades de

80 NIETZSCHE (2020, p. 42). *Crepúsculo dos ídolos*. [aforismo 3 da parte III].

81 SOLNIT (2016, p. 119). *A história do caminhar*.

82 BATAILLE (2017, p. 35). *A experiência interior*.

imersão na empiria; 7. construção de uma política de narratividade que produza o desejo⁸³.

A experimentação em processos de escrita, as incursões peregrinas pelas ruas universitárias, e pela cidade, os encontros com os materiais produzidos pelos alunos e professores -, passam por graus variados de intensidade em que, sem se prender a estratos específicos, entra em composição. Atravessada também por práticas de saber e poder que vêm produzindo efeitos de subjetividade de um aluno “tratado”, de um aluno “regulado”, a pesquisadora percebe-os, não como “sujeitos”, mas como “arteiros”.

Quer seja por um território mapeado pelo sofrimento psíquico estudantil, que fixa os estudantes num ponto do mapa; quer seja por uma desterritorialização de microrrevoluções que emanam um potencial de saúde quando tira do eixo cartesiano as razões para o movimento do próprio pensamento no contexto do ensino superior; quer seja pelos afetos que reterritorializam o corpo docente aos moldes e não a outros modos, - é preciso cartografar as sensibilidades capazes de transformar um frágil vigor provisório em emergência de algo novo. Caminhar, nessa direção, é um ato político, um encontro-caminhante é capaz de fazer corpo com o universo investigado, é colocar-se sempre alhures, tal como um corpo-utópico foucaultiano que se relaciona com o espaço, afinal,

o corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias⁸⁴.

E para que servem as utopias senão para continuar caminhan-

83 TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014

84 FOUCAULT (2013, p. 14). O corpo utópico.

do⁸⁵. Um corpo inacabado que se refaz a cada trajeto. Suspeita dos dogmas, encontra seu corpo híbrido em devir. Uma espécie de promessa inicial de encontrar um jeito de sofrer menos na universidade, finda dissolvida, na medida em que o próprio sofrimento, serve de combustível para essa entrega. Diz-lhe o poeta: “ser coerente é uma doença”⁸⁶. Conseguimos escapar das videntes resoluções de problemas dados de antemão? Atropelada pelo anseio de que a vida na universidade seja celebrada como uma obra em movimento peregrino, tenta escrevê-la, por meio de *fabulações*.

2.3 criANDO personagens

Ao caminhar, a pesquisadora cria personagens e se constitui também como personagens que se alternam na musicalidade das afecções em seu corpo. Ela percebe que o maior movimento que seu corpo estaria a fazer, é o movimento do pensamento. Sente que “a liberdade ao caminhar é a de ser ninguém, porque o corpo que caminha não tem história, só uma corrente de vida imemorial”⁸⁷. As cartografias caminhantes desenhavam a invenção e o desfolhamento de um si mesmo que acolhem os processos subjetivos em percurso. Um si mesmo pautado na relação que acolhe também, as misturas com os intercessores, os quais abrem caminhos nos inesperados instantes de passagem. *UM* indefinido de si que se remete a uma singularidade em sua potência de determinação em um devir.⁸⁸ Devir é um modo inacabado, um bloco de coexistência, em nada lhe falta, porquanto “entrar no devir é, então, escrever muito além de uma

85 GALEANO (2014).

86 PESSOA (2019, p. 84). Do contraditório como terapêutica de libertação. In: Fernando Pessoa: percurso em prosa: volume 1.

87 GRÓS (2021, p. 16). Caminhar, uma filosofia.

88 (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Platô 10- Devir, em *Mil platôs* v. 4.

forma que prenderia a matéria vivida”⁸⁹. Escreve com os pés o que as mãos não alcançam.

Lis’A(s) emergem como uma inscrição andante sobre o *corpo-arquivo-sensível* na intensidade da relação “com a exterioridade movente de um nome próprio, e é por isso, que um nome próprio é sempre uma máscara, máscara de um operador”⁹⁰. Uma operação que faz passar alguma coisa, uma corrente de energia. Uma relação com o fora e com o mundo acadêmico. Uma psicóloga em matilha, uma matilha de qualquer alguém e de ninguém. Singular e plural ao mesmo tempo, Lis’Alguma coisa qualquer, mas não qualquer coisa, em que “o nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade”.⁹¹ Nasce de encontros, matura-se nas águas-vivas de Clarice Lispector, modifica-se no tempo dos acontecimentos. Uma Lis’A não deixa totalmente de ser uma, para ser outra, “é o fluxo, e o corte do fluxo, já que cada intensidade está necessariamente em relação com uma outra de modo que alguma coisa passe”⁹². Elas se misturam ao longo do texto, não trilhando uma ordem cronológica. O tom de uma figura estética em que “seu nome próprio é uma conjunção”⁹³ que transporta afectos e perceptos sobre o plano de composição.

Se refaz sempre outra Lis’ para escapar da identidade que se fixa no chão dos universais. Invariavelmente tropeça na procura do tempo perdido e dos mais autênticos estados, os quais são sufocados pelas travessas horas acadêmicas. Se refaz sempre outra, ao

89 ULPiano (2013, p. 127).

90 DELEUZE (2006, p. 325). Pensamento nômade. [1973]. In: A ilha deserta: e outros textos, 2006. p. 319-329.

91 DELEUZE; GUATTARI (2011, p. 66). Platô 1.

92 DELEUZE (2006, p. 324). Pensamento nômade. [1973]. In: A ilha deserta: e outros textos, 2006. p. 319-329.

93 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 81). Em “O que é filosofia?”, os autores referem-se ao personagem conceitual como uma figura estética sobre a qual é transportada sobre um plano de imanência.

escrever com sensações, ao escrever sensações⁹⁴. Se refaz sempre outra quando se dissolve com os pesquisados, participe das cartografias que acionam a processualidade dos dados colhidos no corpo de quem pesquisa, e, assim, também ativa um plano comum da experiência em uma coemergência dos afetos que se efetuam no coletivo de forças⁹⁵. Dessa forma, “se há dado, este se constitui na experiência e não pode ser concebido antes do ato de experimentar”⁹⁶. Lis’Anda faz da experimentação dos passos de escrita uma travessia que não é apenas um encontro possível com professores e alunos, mas também uma peregrinação no campo da experiência do mundo universitário. “Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho”⁹⁷. A posição paradoxal da cartógrafa aqui encontra-se na possibilidade de habitar a experiência sem estar amarrada a nenhum ponto de vista ou uma única base teórica. Dessa maneira, seu desafio é “dissolver o ponto de vista do observador sem, no entanto, anular a observação”⁹⁸. Decerto, nem sempre consegue fazê-lo, ensaia. E, nesse ensaio, faz proliferar uma pluralidade de vozes, que, por meio de personagens e intercessores, contêm em si componentes de transformação e coexistência.

94 Deleuze e Guattari (2010) mencionam no livro “O que é filosofia?” que “é difícil dizer onde acaba e onde começa uma sensação”, na qual “o que se conserva em si é o percepto ou o afecto”, uma vez que “a sensação não é colorida, ela é colorante”. (p. 196-197).

95 TEDESCO; SADE; CALIMAN (2014). A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer.

96 PASSOS; EIRADO (2014, p. 126). Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador.

97 PASSOS; BARROS (2014, p. 31). A cartografia como método de pesquisa-intervenção.

98 PASSOS; EIRADO (2014, p. 123). Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador.

Pandora é alguém que acompanha Lis'A(s) nesse caminhar e traz consigo a força de uma metamorfose no processo de pesquisar. Em devir-pássaro, Pandora, enseja a última transformação na Dissertação que aqui ganha asas em sua ampliação. Ela entra como psicóloga pela inquietação dos movimentos subjetivos dos estudantes bolsistas da PRAE, passa a estar como psicóloga-pesquisadora; ao se deparar com a matéria dos modos de aprender transforma-se em psicóloga-pesquisadora-aprendiz; que ao acompanhar os processos cartográficos transforma-se em psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa; a qual no engendramento de forças que a fizeram pensar sobre a relação do aprender discente com suas *escrileituras* percebe-se uma psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa a Educação e a Clínica; e no fim de um recomeço, transforma-se em Pandora ao olhar para seu próprio aprendizado ao abrir sua Caixa às subjetivações emergentes daquele estudo.

Discente Mutante. Ele é um espelho que reflete, em virtualidade, um corpo discente que cravou suas marcas no corpo de Pandora. Um ser que assume uma forma híbrida, com componentes femininos, masculinos, engrenagens maquinicas e aladas. “A potência de um fundo capaz de dissolver as formas, e de impor a existência de uma tal zona, em que não se sabe mais quem é animal e quem é humano, como algo se levanta como um triunfo ou movimento de sua indistinção”⁹⁹. O Discente Mutante, torna-se, na Tese, um exímio andarilho, anunciando alguns de seus passos marcados por um *quantum* de forças da análise documental, por suas anotações em um “caderninho” chamado “Inventário de um Aprendiz” e por meio dos registros deixados nas oficinas temáticas, - desenvolvidas na Dissertação.

99 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 205). O que é filosofia?

Aluna Brilhante. Ela é uma personagem criada pela pesquisadora para dar voz aos oito alunos bolsistas da PRAE que fazem parte dos participantes desta Tese. Neste Livro 1, esses alunos em uma só potência singular são então chamados de Aluna Brilhante. Ela brilha em suas escuridades, contradições, potências e transformações. Nome inspirado na série *My brilliant friend*¹⁰⁰. A Aluna Brilhante, sofre uma transformação no livro 2, onde se torna três personagens: Pássaro Azul; Menino-que-carrega-água-viva; Crisálida Negra.

O Professor. Neste Livro 1, dos trajetos, a força majoritária que ainda tem a figura de um professor no imaginário dos alunos, com doses de autoridade, verticalidade, confluíram para a construção desse personagem. No livro 2, dos afetos, O Professor desloca-se dessa posição para compor três personagens-docências: Docência-camelo; Docência-leão; Docência-criança.

Estudantes, professores, agentes em educação. Não chegam a ser personagens específicos, mas figuras que apontam para uma generalidade.

Castelo dos Saberes. Como uma universidade usina. Fábrica de subjetivações. Rizomática pela cidade de Pelotas. Dotada de multiplicidades. Essas forças fazem o vento conduzir para algo

100 Série do gênero drama (2018), baseada na tetralogia da escritora italiana Elena Ferrante, cujo título do primeiro livro é “Minha amiga genial”. Criada por Francesco Piccolo, Laura Paolucci, cujo título original seria *L’Amica Geniale*, a série conta a história de uma escritora italiana, Elena, em seus dramas existenciais e processos de escrita num contexto histórico marcado por lutas. Se Elena precisa estudar e se esforçar muito para ser uma das melhores da turma, Lila, sua amiga, não tem dificuldade em seguir seus desejos. As duas desenvolvem uma amizade pautada em muitos entraves. A série pode ser assistida pela HBO Max.

grande e de múltiplos saberes e mistérios. Também chamado de UFPel, universidade ou Instituição.

Intercessores. Não são especificamente personagens, mas, vez ou outra, a condução da escrita alicia suas vozes. Vozes que se remetem à psicanálise, à literatura, sobretudo à filosofia. Das principais escolhas no arcabouço da filosofia, estão Spinoza (século XVII), Nietzsche (século XIX) e Foucault (século XX) e alguns de seus comentadores, principalmente Deleuze. O que faz a pesquisadora pensar que não se fideliza a nenhum, ou a uma época específica de suas obras, apenas os convida como uma legião de vozes que agenciam ao que lhe afetam, ao que lhe forçam a pensar, em consonância com as vozes dos alunos e dos professores. A força de vida que se faz testemunha das fragilidades desses pensadores, os quais morreram cedo por adoecimentos, reverbera ainda mais o que, de algum modo, é empreendido nos caminhos de uma vida intensa.

2.4 o corpo que anda é o corpo que escreve

Andar e mudar as coisas lhe interessam mais. Amar e aceitar as circunstâncias lhe ensinam ser capaz. Resistir e compreender o mundo rígido de padrões lhe sufocam demais. Pesquisa de corpo inteiro o letrado das normas para trabalhos acadêmicos. Desculpa-se por um momento e pede licença para formatos não formatados. Palavras rachadas. Ordem de discursos em desordem. Lis'Anda testemunha a defesa de um crime em seu próprio castigo, pois “quando a verdade é indizível, você a diz indiretamente; quando lhe tiram a fala, outras coisas falam; às vezes o próprio corpo fala”¹⁰¹. Lis'Aspira “o possível de alguém, muito mais do que alguém do que o alguém

101 SOLNIT (2021, p. 114).

de alguém”¹⁰². Andar, cartografar e cuidar. Lis’Alguma dá movimento ao seu pensamento, abre conexões para o encontro daquilo que passa, tira do sedentarismo sua ânsia por saúde, torna-a ação. Que loucura a habita a tal ponto de andar quilômetros para encontrar algo que estaria dentro? As paisagens e os trajetos, por vezes, são os mesmos. Contudo, a cada silêncio, a cada música, vislumbra um horizonte infinito para a existência de um corpo estudantil que faça outras linguagens das façanhas políticas ou educacionais, ou mesmo as econômicas e sociais. Ritorna-se. Das afecções que fazem uma cartógrafa psicóloga, que se coloca aprendiz, que se transformara em Pandora e agora se vê uma peregrina. UMA, de muitas Lis’As. Não há um ponto de partida localizável, há apenas línguas de fuga.

Línguas de fuga

Entre a língua e o pé, Lis’Alíngua escreve como necessidade de línguas de fuga. À forma inacabada da língua, há um devir que alcança desvios de sensibilidade. A rota de sua fuga é fazer surgir o inesperado. Assim, encontra na escrita, um respiro, uma experimentação daquilo atravessa seu corpo. As línguas de fuga são como microevoluções. As línguas tentam fugir do que aprisiona. Caminha por linhas que costuram aquilo que falta; aquilo que excede; aquilo que esvazia; aquilo em vias de diferir. Uma fuga ativa, quer se libertar? Quando escreve, procura reproduzir o irreproduzível. Se falar, libera partículas de afetos enclausurados, escuta a psicanálise. Então, as linhas cartográficas nada mais querem que coragem para escavar outros ditos e escritos feitos de rachaduras e gagueiras. No campo analítico a linguagem dá corpo aos afetos. Hieróglifos da alma que tecem um processo de construção e desconstrução de subjetividades. Escuta mútua na ambiência de encontros, expande em pesquisa. No que acontece entre palavras, silêncios e gestos. Composições em metamorfoses. O delírio está em escrever um coletivo. Desejar e enfiar a língua onde não foi chamada. Fazer da língua

102 CORAZZA (2012, p. 133).

outros modos de escrever dizer o impensado. Escrever dizer o que se sente. Escrever dizer seres fabulados. Com os olhos na boca e a boca nos ouvidos. Queimar a língua com palavras quentes. Desprender da ponta na língua os costumes. Afiar a língua para cortar dogmas. Beijar de língua aquilo que move o pensamento. Lamber a vida com a língua que foge. Mordê-la de vez em quando. Afinal, não se desvia o tempo todo. Falar outras línguas, estrangeiras, sem a premissa de uma significação precisa, de uma tradução caricata, de uma representação engessada, faz vazar por entre poros de nossa palavra aquilo que não se diz; não por interdição ou culpa; mas por uma condição transitória de impossibilidade. Fazer a língua fugir das gramáticas é poder traçar uma linha subjetiva de não apenas estar à altura dos acontecimentos, mas produzir acontecimentos.

Cartografias

**3 vivendo e
aprendendo e
caminhando**

No chão dos conhecimentos adquiridos no Castelo dos Saberes, parece que se aprende de tudo, muitas ciências¹⁰³ biológicas, linguísticas, históricas, odontológicas, meteorológicas, antropológicas, nutricionais, físicas, de engenharias, da saúde... No entanto, o solo do aprender sobre o si mesmo, parece precisar de adubo e ganhar relevo.

Lis'Anda, ao encontro com O Professor, percebe que ele fala reiteradas vezes a palavra “conhecimento”. Depois, no encontro com a Aluna Brilhante, também sente em seus olhos algo ainda indiscernível a esse respeito. Eles falam e escrevem sobre suas preocupações com o aprendizado, com o futuro e com a própria sobrevivência. No entanto, seus esforços em perseverar por meio de um *Conatus*¹⁰⁴ com o mundo, como diria Spinoza, ainda parecem presos nas causas externas e sob o domínio de um semblante de expectativas. Precisariam olhar as perspectivas para daí construir a “formação acadêmica”, mas sobretudo, para construir a si próprios.

Chamado também de Universidade, o Castelo dos Saberes faz rizoma com múltiplas entradas, saídas e portas, algumas fechadas, outras entreabertas. O que circula de íntimo e fundamental nessas aberturas, são as relações. Relações entre as pessoas, relações entre as coisas e os lugares, relações com tudo aquilo que há de vivo. Porém, vivem mortificando a vida. Fechando as arestas. Derrubando as pontes. Nem sempre. Nem todos. Mas com doses suficientes para, muitas vezes, escutarmos o pedido de socorro: um pouco de possível, senão, somos sufocados! Lis'Anda aposta nos encontros como uma fenda para acreditar no mundo. Para isso precisa correr

103 Áreas dos cursos pelos quais professores e alunos dos encontros de 2022 fazem parte.

104 Para o filósofo Spinoza (2020), *conatus* remete-se ao esforço do homem em perseverar na existência, em sua potência singular.

por entre regimes de verdade¹⁰⁵ acerca da saúde e da doença que se infiltram nas subjetividades dos agentes educacionais. Quem sabe dessa corrida encontraria algum fastio de “verdade” que fosse capaz de abrir caminhos obstruídos pela transcendência.

Abandonando desígnios que insistem que os problemas são problemas passíveis de serem tratados, percebe que a terapêutica seria dada por meio da invenção de partituras. Lis’Ávida, tem uma língua afiada e afinada em notas de Dó maior. Teme se machucar ao tirar os sapatos para sua caminhada, mas prefere despir-se de pré-texto moldado por uma vida que prescreve. Ela vê a si e ao mundo na re.produção que prende a força de criar algo novo. Nas cordas do medo pela ruptura de estruturas montadas para funcionar, morde a língua de desconforto entre regras psicológicas para ser saudável. Pergunta-se: qual o mapa dessas receitas? Sente que fazer uma análise individual é um caminho bonito de re.encontros e invenções, mas torná-la caminho-único é vender uma cartilha de convenções e até mesmo de impossibilidades diante da realidade de um serviço de saúde mental na Instituição, como o NUPADI, composto por quatro psicólogas, um psiquiatra e duas pedagogas, haja vista o grande número de alunos universitários. A matemática não fecha e requer que repare ao singular e ao plural da vida na ambiência educacional. Que clínica bastaria para olhar uma prática contextualizada? Entre resistir ou paralisar, ela precisa seguir.

105 A pesquisadora realizou uma busca, em 2020, no Banco de Teses CAPES (2020) — Resumos, banco de dados multidisciplinar disponibilizado via internet pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, no domínio público, dada sua relevância. A busca deu-se por meio do método boleano AND, pelos descritores que versassem a respeito de: “saúde mental”, “universitários”, “sofrimento psíquico”, “ensino superior”, no período a partir do ano de 2010. Foram encontrados setenta e quatro estudos, dos quais, após leitura dos títulos e resumos, bem como alguns desdobramentos que estes estudos fizeram direcionar-se a outros, foram selecionados quinze trabalhos considerados relevantes a esta investigação (em anexo 4). No processo de pesquisa, outros estudos foram articulados. No entanto, para esta versão final da tese, apenas alguns se tornaram pertinentes serem mencionados, pois busca mais uma articulação pela via das filosofias para pensar a temática da saúde mental.

Suportando julgamentos e olhares estranhos no “entre” das coisas pequenas da vida, encontra brechas por meio da Arte. Trans. borda. Experimentações de si. São engenhocas para construir novos olhares. Feita de tudo aquilo que vive. Virtualidade daquele diário.¹⁰⁶ Escuta e nota. Toma nota. Nota o passo. Passa a régua. Rega outro jeito. Ajeita a coluna torta. Tortura de pensar. Pensamento de pacificar. É preciso andar. Com doses de não saber. Loucuras da dança. O movimento alcança. O reencontro lança no coração. Aquilo que se desfaz a todo momento. Agarra os espinhos e solta a língua. Ao encontro da pessoa que vem se transformando, Lis’Ávida sente fome. O que lhe atravessa com mais força a coloca numa posição entre a deriva e o salto, e, vai dissolvendo os contornos, solventes de exatidão. As fronteiras que se impõem são as do próprio ato de pensar em composição com registros, livros empilhados, canetas, cadernos e a folha em branco. Quer reunir um novo escrito.

Os anos transcorridos dão sabor de saudade, esperança, força, impotência, avanços, retrocessos. Tudo misturado, e, nas misturas, um café. Doses de cafeína para: *uma* psicanálise que acolha o contexto social; *uma* filosofia que seja afirmação de vida; *uma* arte que toque na sensibilidade da alma humana. É caminho a ser construído. Refeito a cada singularidade. Respira aliviada nos paradoxos. Torna-se um caso de amor. Moer o grão. Esmerilhar seu fundamento. Na fagulha ínfima de sua própria existência. O grão é aroma. A máquina transforma. Penetra a alma. Corta o sono com calma. Ambienta o aconchego. Deixar o líquido escuro entrar. Toca a pele de dentro.

106 Entre seus cadernos, há um Diário na mochila. Lis’ANDA escrevendo Cartografias [de si]. Queria criar um mapa para si mesma no decorrer dos acontecimentos e atravessamentos, que espreita, ensaia, um mapa em 3D (ainda quer construí-lo junto aos estudantes no decorrer de sua prática). Uma espécie de diário virtual onde borda fragmentos escritos de composições criadas a partir do que extrai das ruas, dos estudos, de anotações, das coisas que lhe causam afecção. Alguns de seus transbordamentos estão na rede social do Instagram: @lisandra.osorio.

Espalha suas partículas. Como torrente e sem lamento. A embriaguez está para a lucidez. Assim como a lucidez está para a loucura. Desarrazoadas são as práticas de normatividade. Medicalizar afetos não dão conta da existência. Não é uma recusa. A validação das totalidades é que a assusta. Quer olhar atenta. Distâncias em vertigem. Excessos a afligem. Doses de abstinência lhe caíam bem. A arte de ver é como apreciar um bom café, ela pensa. Pela cor vemos sua verdade. Pelo cheiro sua torra. Pela acidez sua pureza. No horizonte das palavras: “mais pureza, mais carinho, mais calma, mais alegria”¹⁰⁷. Que um dia serão alcançadas. Mal sabem que a imanência prescreve. Insulto de futuro recém-chegado. Enlaça a fumaça do passado. Dança a xícara das ilusões. Insones do desejo. Segurar uma xícara de café. Soltar os sonhos aprisionados. É vicejar um corpo em luta. Que não quer guerra. Mas o revolucionário instantâneo do primeiro gole.



O primeiro gole nunca é exatamente uma origem das coisas. O gole mais amargo talvez seja o fim do juízo. É preciso “fazer existir, não julgar”.¹⁰⁸ Pelas sendas spinozistas, as leis morais que institucionalizam as relações no Castelo dos Saberes estariam criando ideias confusas, abstratas, inadequadas. Elas distanciam estudantes e docentes deles mesmos. A ilusão de valores que eles podem ter

107 Música Sonhos, cantada por Caetano Veloso (Composição de Peninha).

108 DELEUZE (2011, p. 173). Em *Crítica e Clínica*, o autor escreve um belo texto chamado “Para dar fim ao juízo”, fazendo conexões com outros pensadores, dentre eles Nietzsche e Lawrence, em que o juízo que é contraído por dívidas, é irrompido por combates. Para escapar do juízo é preciso criar um corpo sem órgãos (ver prólogo deste Livro 1), distanciando-se da doença por forças de dominação, aproximando-se das forças que se somam e enriquecem aquilo que esposa. Então, não se trata de um combate-contra, por vontade de destruição como na guerra, mas sim, um combate-entre, em devir, para que metamorfoses aconteçam. “Tudo que é bom provém de bom combate”. (p. 171).

criado para si, os confundem com a ilusão de consciência quando julgam as condutas como “certas” ou “erradas”, “do bem” ou “do mal”. O combate passa entre as forças que julgam outros corpos pelas lentes de tal julgamento. “Ora, basta não compreender para moralizar”¹⁰⁹. Lis’Amoral cada vez mais distante das cátedras que negam a multiplicidade móvel da vida, encontra na Ética spinozista, uma Grande Saúde nietzscheana, mais livre, menos normalizadora. Combater a servidão daquilo que nossa consciência interpreta como dívida em relação aos outros e que facilmente se engana quando confunde universais com singularidades, caminha pela transvaloração de uma ética que passa pela via da experimentação.

Pensa que um não-lugar é o máximo que consegue chegar. Ao traçar um plano comum com Pandora, por meio dos escritos, Lis’Alíngua transcria a escrita de si e as *hupomnemata*, resgatas por Foucault¹¹⁰, convoca as *escreleituras*¹¹¹ soltas da caixa, e compõe aquilo que chama de *cartografias*. Escritos que brotam do chão da pesquisa e rompem a cadeia significante de uma tese com começo, meio e fim.

Lis’Aranha se dá conta da teia que vinha formando, e, antes mesmo que a construção se desfizesse num piscar de olhos, lança fios de vontade de potência nos encontros da pesquisa, e, ainda que algo sempre escape, arrasta consigo um deslocamento que carrega restos e rastros das coisas que deixam marcas no seu corpo. Não se trata exatamente do que fica como memória. Doses de esquecimento to inebriam a alma. Mas é algo como uma “bolsa de ficção”¹¹².

109 DELEUZE (2002, p. 29).

110 FOUCAULT (2014). A Escrita de si ditos. In: Ditos e escritos V. p. 141-157.

111 CORAZZA (2011).

112 LE GUIN (2021). A teoria da bolsa de ficção.

BAGAGENS

Na viagem da vida carregamos volumes
Invariavelmente colocamos na mala objetos e abjetos
Transladar para fora o peso,
não é só diminuir ou “esquecer” a carga
Mas é também inCORPORAR algo de novo

Não se trata de encher ou esvaziar
Inadvertidos podemos estar levando um peso que não é nosso
Uma lupa, como aumentamos o tamanho das coisas?
Uma lanterna, insistimos que o escuro não nos deixa ver!
Documentos, afinal quem somos sem eles?

Nossa “estória”¹¹³ é carregada de coisas que vamos acomodando
para dentro da bolsa como armas de sobrevivência
As experiências acumuladas são como um amuleto que brindam o
trilhar e blindam o comPASSO
QUILOMETROS E QUILOMETROS
E o que fica daquilo que levamos?
A bolsa, com seus fechos e aberturas, é a nossa própria subjetivação
Afinal, “a única coisa pesada, porém, para o homem levar é o pró-
prio homem”¹¹⁴

Deslocamo-nos no afã de deixar para trás uma bagagem indesejada
Não contamos que o aperto no peito pesa mais que a mala
É preciso “bolsões de ar”¹¹⁵
É preciso se perder lentamente para surrupiar um encontro consigo
e libertar-se de um tanto de pisadas planejadas
Onde chegar importa menos que se manter em movimento e o mo-
ver-se exige do corpo um pouco de alegria pelo caminho¹¹⁶

Libertar-se das amarras do tempo e adentrar nas profundidades das

113 LE GUIN (2021), em A teoria da bolsa de ficção, traz intencionalmente a forma anti-
ga de escrever estória para falar do que cada um vive de forma singular.

114 NIETZSCHE (2016, p. 200). Assim falava Zaratustra.

115 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 195). O que é a Filosofia?

116 SPINOZA (2020). Ética.

mudanças vividas é deslizar pela superfície dos vazios mais inquietantes e vislumbrar o possível

Os adereços de proteção deixam de ser relevantes diante da jornada
Memórias molhadas

Passos errantes

Palavras capazes de dar voltas ao mundo

Presentificam a respiração

Expandem a luz do olhar

Na vida e nas ficções que criamos a transformação mais radical é aquela que detém uma dose de amor a si

Para isso a vida para além dos sentidos almeja o SENTIR

Ainda que sejam grandes os fardos, suportá-los na medida em que a cruz dos dramas familiares seja transvalorada

AdVERTER bolsas sacolas malas mochilas

Seja lá o modo ou o tipo de tecido e sua resistência

O estatuto da bolsa que importa é a que levamos no coração

Afinal somos gerados e nascemos de uma bolsa, que precisa se romper e esvaziar

A placenta da vida é o rizoma que espalha seus trilhos flutuantes e seus pesos mutantes.

Cartografias



Com as bagagens a postos, Lis'Anda pode dizer, que as Cartografias da vida na universidade, vêm há muito tempo acontecendo. Encontra “a descoberta de si em Spinoza [a qual] não se dá como descoberta da mente enquanto um sujeito absoluto, suporte dos modos que a ele inerem, e sim enquanto potência de agir inteiramente disposta”.¹¹⁷ Assim, sai em sua nova jornada. Ainda que a temática da saúde mental estudantil lhe remeta a uma espiral, pois a vida não para e novos acontecimentos se impõem, quer extrair uma diferença da repetição. E.terno retorno de fazer da pesquisa uma disposição para fazer tudo outra vez.

Diante da imprevisibilidade da viagem em meio à vida na universidade há, invariavelmente, perigos. O maior risco à vida é não a viver por medo. Podemos afirmar que o medo faz parte da natureza humana, faz parte de uma defesa psíquica contra perigos reais e imaginados; e, numa certa medida, não é indesejável que se tenha medo, pois “este estado marginal pode ter vantagens”¹¹⁸, desde que o medo não seja justificado por uma ideia inadequada ou mesmo um sintoma de fobia. Ainda que, por vezes, se ligue a um sentimento de desamparo¹¹⁹, há outro tipo de medo, o qual nos diz que “o próprio medo de errar pode acabar sendo um grande erro que te impede de viver, pois a vida é cheia de riscos, e não os correr já supõe uma perda”.¹²⁰ Em errâncias, Lis'Árida percebe que o eterno retorno nietzschiano faz da ampulheta da vida uma oportunidade para errar melhor e vislumbrar a capacidade criativa como uma potência diferencial na repetição. Inventar, aciona uma coragem de uma verdade

117 OLIVA (2011, p. 388). Do conhecimento de si à contemplação de si próprio. In: MARTINS; SANTIAGO; OLIVA. [orgs]. As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche.

118 DAMÁSIO (2004, p. 148). Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.

119 SAFATLE (2020). O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.

120 SOLNIT (2022, p. 95). Um Guía sobre el arte de perderse.

que nada tem a ver com aquela que se inventa para conquistar um lugar seguro. Dessa forma, se “uma convicção é a crença de estar, num ponto qualquer do conhecimento, de posse da verdade absoluta”¹²¹, ela é tão violenta e enganosa quanto uma suposta mentira. Construir um conhecimento de si, no entanto, envolve as relações do corpo em seus modos de composição ou decomposição com outros corpos, com o mundo, na imanência dos acontecimentos.

Se, ao parafrasearmos o poeta português, pudermos afirmar que: Caminhar é preciso, viver não é preciso! -; saberemos que, caminhar é mais que peregrinar sem rumo ou flunar ao bel prazer. Caminhar é um ato que envolve a arte de viver e enfrentar seus riscos, pois “viver não é necessário; o que é necessário é criar”.¹²² Deslocar-se, é assumir um outro lugar para expressar o pensamento. Um pé e depois o outro no chão da vida tecem o viver. Um caminhar que transforma. A transformação é a passagem do tempo em sua duração e intensidade. São linhas de fuga que encontram outros corpos e daí discorre uma diferença. A diferença decanta uma tecnologia de si. A tecnologia do desejo que libera partículas de sensibilidade é a força motriz em cada corpo. Não se trata de reforçar o que pode barrar o desejo, mas das modificações no que constitui subjetividades, em deslocamento, desvio e diferença. Fabrica o cuidado. Para cuidar de si é preciso um saber de si, e esse saber se dá por meio daquilo que se faz sentir, sentir que só existe em relação. Relações são encontros entre corpos, encontros que podem produzir afetos e afetos aumentam (ou diminuem) a potência de agir. Os modos de existência, em suas relações, produzem um efeito e têm a capacidade de fazer das marcas um pensar e um sentir, em comunhão. Liberar, portanto, o pensamento de fantasmas e culpas atravessa um proces-

121 NIETZSCHE (2018, p. 291). Humano, demasiadamente humano [Aforismo 630].

122 PESSOA (2010, p. 3).

so de ser causa de si mesmo. É fazer da vida uma obra de arte. E essa arte clama por redesenhar as formas de expressão em vitalidade no interior do corpo acadêmico.

No entanto, há caminhos de entendimentos biológicos, psicológicos e sociais que colocam os estudantes universitários como um grupo sensível para comportamentos de risco, tais como o uso e abuso de substâncias psicoativas, comportamentos agressivos e autolesivos, humor deprimido que destoa de um “padrão” anterior e o fazem se isolar¹²³. Alguns estudos demonstram a prevalência de problemas de saúde mental entre universitários é apontada como superior, comparando-se a jovens de mesma idade que não estão em bancos acadêmicos¹²⁴. Ficam presos a padrões, a estigmas. Por isso, é preciso perguntar, se a “adaptação” estudantil às exigências do ambiente acadêmico, não estaria negando as vulnerabilidades ao romper algo que aprisiona a existência? Como quebrar as paredes endurecidas das relações humanas nesse caleidoscópio de poderes sobre os corpos? A sociedade do cansaço, enunciada por Byung-Chul Han¹²⁵, deflagra que a sociedade do século XXI é a sociedade do desempenho. Passamos a ser sujeitos de desempenho e produção, empresários e escravos de nós mesmos. O que está em jogo é romper com os universais de uma graduação que estratifica papéis e codifica os destinos discentes à subordinação. Dessa forma, percorrer pelos afetos, passa por problematizar o papel adaptativo e regulatório que certas emoções produzem no interior da Instituição, e, ao mesmo tempo, passa por cartografar os trajetos dos deslocamentos necessários para transformar os modos de vida enclausurados ao instituído moral e socialmente.

123 ALMEIDA (2014).

124 GRANER; CERQUEIRA (2019); ANDRADE; Et al (2016); PADOVANO; Et al (2014); ACCORSI (2015).

125 HAN (2017). Sociedade do cansaço

Se há regimes de verdade que nos constituem e capturam nosso desejo, é preciso fazer um intento de mapear essas linhas molares que estruturam um *modus operandi* contemporâneo, pois, como diz o Discente Mutante: *tentam nos fazer acreditar que existem verdades absolutas que precisam ser seguidas*. Lis'Anda percebe que de nada adianta olhar para aquele que aprende, sem olhar para aquele que ensina. De nada adianta andarilhar pelo sofrimento estudantil, sem tampouco olhar as potências de vida ao seu redor. O cuidado de si é uma caminhada de resistência, não apenas para exercer força sobre paradigmas das ciências ou mesmo em torno das produções que o neoliberalismo costura por entre poros de nossa pele, mas sobretudo, para construir alguma coisa ainda sem nome.

3.1 enquanto isso, na biblioteca ...

Um lugar de estudos, cheio de livros e encontros. É um lugar que pede silêncio. Lis'Anda ouve o burburinho d'O Professor conversando com a bibliotecária: *os alunos sabem muito, mas sabem pouco*. Na mesa ao lado, a Aluna Brilhante faz suas últimas anotações antes da formatura: *sei que nada mudará ou apagará a situação ocorrida [de assédio docente] durante a graduação, servirá somente para colocar a última pá de terra*.

Ao se aproximar para ouvir melhor o que dizem, Lis'Ávida encontra a **EDUCAÇÃO**. Tão logo vê que sua cara está desfigurada. A jamanta do neoliberalismo havia passado por cima dela. Mal pôde sobreviver em sua condição de ensino público e democrático. Ela tem se dilatado e tenta acomodar as relações que se interpenetram a ela. Algumas artimanhas do País das Armadilhas vêm lhe sobrepujando. Percebe, então, que a Educação, encontra-se, de alguma maneira, aprisionada, fato que poderia ser afirmado nas palavras do

poeta e psicanalista Rubem Alves: “não é isto que o progresso e a educação estão fazendo com nossas almas: transformando a beleza selvagem que mora em nós na monótona utilidade das monoculturas?”¹²⁶ Algo que O Professor também denuncia quando diz: *a confiança no progresso já foi muito abalada. A ideia de que o futuro será melhor do que o passado, foi afetada duramente na pandemia*. Lis’Aprendiz, desconfiada da fixidez das coisas, busca os devires. Então olha para a Educação que não quer ficar só catalogando livros na biblioteca ou agindo sob os desígnios da grade curricular, olha também, ela transitar por corredores espelhados, pelo chão dos transeuntes que por ela percorrem, convivem, refletem. Não é a busca por solução, mas uma sensibilização.

A **DOENÇA**, sentada à beira da cadeira de madeira carcomida pelo tempo passado, ruma sua condição desfavorável. Ela confessa que há algum tempo vem acometendo a Educação de problemáticas como a falta de professores, pouca abertura aos diálogos, critérios de avaliação ora excludentes, ora rígidos. A Doença deixa a Educação com sua potência de agir diminuída, e lhe causa ideias confusas que ficam distantes de sua natureza. Composta por corpos que não compreendem suas causas, ela os deixa apenas com uma consciência ilusória de seus efeitos. Nas ranhuras talhadas daquela madeira, a Doença afirma-se como uma impossibilidade de atualizar suas condições de saúde, como uma espécie de “abismo da impotência”¹²⁷. Nos prontuários do arquivo-corpo-sensível há registro de pelo menos cinco tipos de ocorrências da palavra Doença: aquela que a Aluna Brilhante diz ter se contaminado quando entrou no Castelo, aquela que a fez perder familiares, aquela que lhe impossibilita de assistir as aulas porque seu filho adoeceu, aquela que se po-

126 ALVES (2013, 61).

127 CANGUILHEM (2020, p. 91). O normal e o patológico.

tencializa quando sua área acadêmica justamente lida com a doença do outro.

Outros tipos de padecimento também estariam a costurar o tecido educacional. Nietzsche teria dito que a “má consciência”¹²⁸ rondaria o Castelo na medida em que, afastados de seus instintos, os acadêmicos precisam prestar contas ao que a Instituição lhes impõe. Carregando o peso das obrigações adquirem uma dor nas costas insuportável. E, quando, coisas novas vêm lhes sobrepor outros desafios, adoecem de má digestão e até de cegueira. Logo, quando o Castelo dos Saberes havia acolhido aprendizes de muitos lugares, muitas culturas, tornando-o plural, O Professor se inquieta e sem saber o que fazer desabafa: *é difícil conciliar as diferenças, falar a mesma língua para tantos alunos, cada um é um mundo particular; para poder incluir, fazer igual para todos e não fazer diferente para o diferente; parece que há um tempo atrás era mais uniforme*. Lis’Aliança, nesse momento o lembra daquilo que leram juntos no encontro, por meio da Carta de Rilke: “a doença é o meio de que o organismo se serve para se libertar de um corpo estranho”¹²⁹.

A **LIÇÃO** está displicentemente sobre a mesa, mas passa despercebida. Acham que ela está nas apostilas e nos livros didáticos. Procuram incansavelmente por respostas e a métrica não se encontra impressa na geometria ou na álgebra. Ela está num livro de poeta:

Convenci-me de que as mais belas coisas do mundo se punham enquanto profundos mistérios. Eram grandemente invisíveis e funcionavam por sinais dúbios que nos poderiam enganar, tantas vezes devido à vergonha ou à dissimulação. O que sentem as pessoas é quase mascarado. Deve ser como colocarem um pano sobre a beleza(...). A beleza, compreendi, é substancialmente um atributo do pensamento, aquilo que inteligentemente aprendermos a pensar¹³⁰.

128 NIETZSCHE (2009). Genealogia da moral, aforismo 16 da Segunda Dissertação.

129 RILKE (2013, p. 68). Carta de 12 de agosto de 1904.

130 MÃE (2019, p. 28).

É naquele encontro que a desperta: se o belo está naquilo que pensamos, e pensamos sobre o modo pelo qual sentimos as forças do mundo, então a beleza é, perigosamente, aquilo que emana uma potência de invenção. Inventamos o belo, ainda que aparentemente feio ou proibido, apesar de circunspecto às marcas afetivas que tramam redemoinhos, e sobretudo, no coração do mover-se em meio à vida. O cálculo, ah!, o encontramos na beleza.

O **PODER**, não aquele como potência de agir maior ou menor que as afecções nos corpos produzem por meio das ideias, mas aquele “disciplinar” foucaultiano que infringe sobre os corpos uma docilização e paira de algum modo nas relações entre aprendizes e docentes. Ele tenta esquadrihar as formas de pensar, agir, vestir dos alunos, bem como exercer um controle social sobre suas sexualidades e vínculos afetivos, de tal modo que, aciona modos de ser e estar na universidade que despendem de muitas lutas, pois, “lá, onde há poder, há resistência”.¹³¹ O seu uso como abuso, diz O Professor, é uma questão sempre presente na sala de estudos do Castelo dos Saberes. E, por sua parte, a Aluna Brilhante, depois de ter denunciado um assédio moral sofrido, diz: *apesar disso, aguentei no osso do peito esse ocorrido durante os outros 2 anos e meio de formação, sabendo que meu esforço não era igualmente valorizado como os demais colegas e tentando sempre dar o meu melhor a fim de não dar oportunidade de sofrer qualquer tipo de retaliação.*

Desse modo, o poder também se disfarça de **SABER** e veste um rosto de autoridade. Ele se infiltra como um informante no meio das relações e escreve naquela Biblioteca os abusos, denúncias, laudos solicitados para processos disciplinares e ouvidorias. Logo o Poder pode estar sofrendo de algum tipo de narcisismo como Lis’Anda percorre no Livro 2. A cultura do EU teria sua derro-

131 FOUCAULT (2018, p. 104). A vontade de saber. História da sexualidade 1.

cada na ruína do eu. Doses de castração em conta gotas que permeiam antes que uma bruma fálica, uma maresia híbrida (*hoje em dia tem que cuidar o que se fala*, diz O Professor em relação aos racismos, sexismos, fascismos nossos de cada dia); antes de sujeitos farsantes e falantes, singularidades cambiantes. À despeito do que a voz do Discente Mutante diz: *a gente vive numa época em que as minorias estão se expressando muito como se sentem*, parece que, “quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência”.¹³² Enquanto a Aluna Brilhante demonstra incômodo com os movimentos estudantis, Pandora avista as ocupações¹³³ dos estudantes na Reitoria, performances feministas contra violências misóginas. Tantas eram as formas de poder, umas para lutar, outras para reagir. Seriam estas formas outras de pensar o público-privado, de resistir ao estado-instituição e seus dogmatismos? Seriam modos de provocar fissuras na máquina educacional para abaular o que está instituído nas relações da universidade? É preciso lembrar que há no Castelo dos Saberes esquecidos, saberes a serem inventados. A sabedoria não está em ignorar a existência, tampouco em buscá-la, mas, sim, VIVÊ-LA. Não é uma sabedoria, mas um amor à sabedoria nos diz Spinoza, uma vez que “o amor de uma coisa eterna e infinita só alimenta a alma de

132 DELEUZE (2013, p. 218). Controle e Devir. In: Conversações.

133 Os trajetos da pesquisadora enquanto psicóloga da PRAE/UFPel, acompanha o movimento dos estudantes em suas reivindicações, desde lutas por melhores condições na casa do estudante quando esta, ainda era na rua Andrade Neves, até questões relacionadas aos auxílios como alimentação e transporte, pelos quais pediam modificações. Há duas dessas passagens que a marcaram: uma, refere-se a ocupação no gabinete da Reitoria em que os alunos fizeram greve de fome e dormiram no *campus* Anglo, inclusive sendo acionada para mediar com uma aluna que se encontrava na liderança do movimento e que foi acompanhada pela pesquisadora; outra foi uma performance de um grupo de alunas feministas que quiseram protestar contra a violência às mulheres. Ato este, desencadeando por manifestações de machismo de um grupo de meninos no WhatsApp, em que elas ficaram seminuas, algumas nuas; houve cena de masturbação, urina e uso de bebida alcoólica, fatos que aconteceram no saguão do prédio, considerado, na ocasião, do Instituto de Ciências Humanas (ICH) à rua Alberto Rosa.

alegria, isenta de toda tristeza, o que deve ser grandemente desejável e procurado com todas as forças”¹³⁴.

Lis’Arauta da vida encontra uma **SAÚDE** em maus lençóis. Queixas, relatos e artigos -, tudo apontaria para a patologização das dores humanas. Guattari teria anunciado que “não há como separar o aspecto da saúde mental dos problemas da pedagogia nem do necessário remanejamento das atuais práticas universitárias”. Nos estudos¹³⁵ encontrados por Lis’Ávida, conceituam saúde e saúde mental como uma tarefa complexa e marcada social e historicamente por pensamentos hegemônicos. Eles mencionam que a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade, de tal forma, que não se pode falar de saúde isoladamente, pois a saúde mental é parte conjuntiva desse estado da condição humana. Intimamente ligada à saúde física e às relações sociais, a saúde mental é, nesse horizonte, definida como pleno aproveitamento de potencialidades e capacidades relacionais, afetivas e cognitivas, assim como possuir condições de enfrentar as dificuldades da vida, desenvolver-se no trabalho, e contribuir com a sociedade, por meio de ações em sociedade¹³⁶. Na saúde estão implicadas condições biológicas, psicossociais, culturais e ambientais, em interdependência e multiplicidade. Para além de se circunscrever como um conceito psicológico, a saúde mental perpassa por um conceito social e político. Embora a concepção de saúde sofra modificações culturais e históricas, “dizer que a saúde perfeita não existe é apenas dizer que o conceito de saúde não é o de uma existência, mas sim o de uma norma”¹³⁷.

134 Spinoza. Tratado da correção do intelecto Parte I, F10.

135 Em anexo 4.

136 NOGUEIRA, 2017; ALMEIDA, 2014; CARLESSO (2019, p. 23).

137 CANGUILHEM (2020, p. 41).

Nesse sentido, os estudantes são como corpos povoados de afetos e normalizações. Eles manifestam suas inquietações e vazios, algo que os anima e potencializa suas capacidades de agir, mas também, por vezes, seus cansaços e desmotivações. O mundo do Fora¹³⁸, na verdade está dentro. Há no contexto da universidade co-existências de mundos, afinal, “o sujeito não está imune aos acontecimentos da palavra que o representa, do corpo que nele pulsa, do mundo que o cerca, da política que o comanda, da ciência que o define e de toda a cultura que o afeta e o produz”¹³⁹. As emergências de territórios existenciais em proximidade à subjetividade apreendem o mundo em transformação, inaugurando subjetividades abertas para o desenvolvimento de “campos de possível, tensões de valor, relações de heterogeneidade, de alteridade, de devir outro”¹⁴⁰. Assim, os estudantes, enquanto seres da experiência, são matérias mutantes e vivas, capazes de criar maneiras diferentes de inventarem o mundo.

138 O Fora, - no original francês, e não o “lado” do Fora como quis a tradução em português do livro Foucault de Deleuze, - é a terceira dimensão do diagrama saber-poder-si mesmo; sendo, pois, a subjetivação o Fora de dentro.

139 OLIVEIRA; HANKE (2017, p. 303).

140 GUATTARI (2012, p. 39).

4 nau frÁGIL

Se alguém disser que navegar é ótimo, mas em seguida advertir que não se deve fazê-lo por águas onde são frequentes os naufrágios e nas quais as tempestades desorientam os pilotos, concluo que esse indivíduo me aconselha a não enfrentar o mar, por mais que louve a navegação.¹⁴¹

No meio do caminho há uma nau frágil, há um naufrágio no meio do caminho. Para uns, uma im.permanência, uma passagem. Para outros, um território, uma ancoragem, como diz O Professor: *essa passagem é para nós uma espiral interminável que nos permite ver todas as outras coisas*. A travessia no Castelo dos Saberes está sempre se fazendo, ainda que alguns pontos demarquem as linhas e superfície na geografia dos afetos. É uma desterritorialização. Como anuncia o poeta Rilke: “estamos colocados no meio da vida como no elemento que mais nos convém”¹⁴².

Aquele percurso que duraria alguns anos para a Aluna Brilhante e para o Discente Mutante, deixaria marcas profundas em suas peles, como tatuagens interiores. Lis’Álibi dos estudantes entende que “se uma causa exterior nos afeta pelo que temos em comum com ela, os vestígios que ela deixa não correspondem a uma determinação de fora, mas de dentro”¹⁴³.

Lis’Anda, ao atravessar aquele mar de incertezas junto aos estudantes, comenta:

— Pandora, já reparou que o estudante pode ser uma ilha? Ou mesmo aqui, no Castelo onde naufragamos, também pode ser uma ilha? Sei que o senso comum nos faz pensar que não somos uma ilha, pois somos seres gregários. Mas, pensa comigo. Se olharmos nossa ilha deserta singular, o que encontramos? Não temos as árvores das lembranças, os frutos de nossas potências, a terra de nossos

141 SÊNECA (2019, p. 31).

142 RILKE (2013, p. 67). Carta de 12 de agosto de 1904.

143 JAQUET (2021, p. 363). Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza.

valores, sem contar o mar de pessoas e lugares que nos compõe a uma paisagem?

— Isso faz sentido para mim também, ressalva Pandora. E continua: — Pensei em Deleuze, num belíssimo texto sobre a Ilha Deserta, o qual apontaria para dois tipos de ilhas: uma delas, é a continental, que provém de um deslocamento tectônico, uma terra que se desprende e faz um movimento de **SEPARAÇÃO**, dando a ver algo novo. O que não deixa de ser, os estudantes que saem do convívio de suas famílias, muitas vezes, ou que à entrada no Castelo, alcançam um distanciamento com o que vinham sendo na escola. A outra ilha, é a oceânica. Ela eclode verticalmente de vestígios do mar e num movimento de **CRIAÇÃO**, rompe sua superfície. Isso até me fez lembrar do Discente Mutante que certa vez disse: *o ingresso na Universidade nos coloca diante de diversas realidades e pensamentos diferentes, quando convivemos com colegas e acumulamos saberes, nos subjetivando e ensinando sobre conviver com a diversidade.*

Assim, elas percebem que tanto a entrada como a im.permanência dos aprendizes promovem mudanças e novas de.composições, construindo uma estética de suas existências. Recomeços e renascimentos que fazem, tal como a matéria dos sonhos, um determinado saber de si. Poderíamos pensar o elã vital que contorna uma clínica capaz de fazer desses movimentos de desprendimento e eclosão simultaneamente, sua força motriz. Uma travessia radical que se dá por colaboração, afinal, originária ou derivada, a ilha suspeita da imaginação individual, conferindo-lhe um protótipo de alma coletiva: *o que mais me marcou foi o acolhimento do professor (Aluna Brilhante).* Não se cria uma ilha. Parte-se dela para recriá-la. Essa é a sua potência. Criar novas realidades a partir de um colapso. Quando modelos dão sinais de esgotamento, há uma espécie de segundo nascimento: *a universidade me abriu os olhos pro mundo, pra sociedade, pro*

sistema capitalista, me fez ver o quanto a gente é desvalorizado, as questões sociais, de gênero e de classe. me trouxe uma diáspora livre, acolhedora, abertura de olhar (Aluna Brilhante).

É preciso um certo deserto, um certo silêncio, para que o afeto represado jorre com mais força. Esse é talvez o devir de uma ilha que habita uma prática ética. “Devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se mais deserto e, assim, mais povoado”¹⁴⁴. A solidão povoada da ilha é acompanhada de um enclave, emoldurada pelo oceano, traça fronteiras e dilata o mapa, em deslocamento. O outro ao qual precisa se afirmar é o oceano. É preciso tempo para que a recomposição da vida aconteça, no intermezzo que se faz pela presença do outro. Lis’Ávida percebe na Aluna Brilhante a capacidade de fazer “uma flor brotar do inacessível chão”¹⁴⁵, entre muitos burburinhos internos ela escreve que se sentiu solitária e sem perspectivas: *o que me fez começar projetos difíceis que me fizeram amadurecer ‘na marra’ e enfrentar situações complexas que em alguns momentos eram de minha responsabilidade*. Os desdobramentos decorrentes desses encontros e rupturas anunciam uma metamorfose. E metamorfose, segundo Emanuele Coccia, “é, acima de tudo, essa potência de todo ser vivo de chocar em seu seio a capacidade de fazer variar a vida que o anima”¹⁴⁶. Esculpir as forças e abrigar diferentes formas de vida, eis o necessário desmoronamento do eu para abrir espaço às transições de mundos possíveis na universidade.

Se de um lado, vemos UMA vontade de potência, por outro, é possível ver as forças paradoxais de certas ruínas desse eu que precisa ser cuidado, quando diz que *a UFPEL é uma mãe* (Aluna Bri-

144 DELEUZE; PARNET (1998, p. 39). Diálogos.

145 Música “Sonho Impossível”, cantada de Maria Bethânia. [Compositores: Francisco Buarque De Hollanda / Mitch Leigh / Joseph Darion / Rui Alexandre Guerra Coelho Pereira].

146 COCCIA (2020, p. 80). Matemofoses.

lhante) e que, ao mesmo tempo, sente que *a Universidade me marcou majoritariamente de forma negativa* (idem). Decerto que “a mudança e a agitação são propícias à reflexão pungente – o tempo de paz não”¹⁴⁷, como nos diz Bataille. Parece que a “mãe-UFPe”, ao cuidar de seus filhos-estudantes, vê que o pai-Estado a deixou solo por alguns momentos. Mãe solo, solista no palco educacional, no solo das paixões desvairadas, sozinha no povoamento alunar. Essa orquestra descortina um ambiente fértil à mudança, pois “a desorganização dos homens e das coisas – e não a estagnação – convém à conquista de verdades perturbadoras. Um parto se faz de uma mãe sofrendo a morte, nascemos de um tumulto de gritos lancinantes”¹⁴⁸.

O grande naufrago estudantil, ao mesmo tempo que tem a capacidade surpreendente de criar vida, de olhar para o que há de vivo à sua volta e dentro de si, corre também o perigo de ser desertificado pelas sendas da civilização, dos afetos capturados pelo viés neoliberal entranhado nos bancos acadêmicos. Nesse sentido, a Aluna Brilhante faz um Manifesto:

A Universidade é um massacre, uma carnificina mental, uma fonte infinita de angústia e ansiedade generalizada. A Universidade ainda é muito deslocada do mundo real. Ela é pensada para pessoas que não arrumam a própria casa, não tem problemas financeiros e não vivem num mundo que aponta para uma distopia por mudanças climáticas e nazistas na presidência. É fácil que tu pode largar tudo para estudar e se manter com bolsa da prae? O mundo começa a girar totalmente ao redor da faculdade, sem a possibilidade de trabalhar, muitas vezes muita burocracia para conseguir uma bolsa para se manter. A Universidade não

147 BATAILLE (2017, p. 94). O culpado.

148 BATAILLE (2017, p. 94). O culpado

me preparou para o mercado, mas sim para a academia que é ainda mais distante da realidade. Termina a graduação, e agora? Não tem experiência, vai seguir na academia? A Universidade te coloca uma pressão que tu não tem final de semana, tu não tem descanso. Todo o processo de exigências dificultam para se sustentar¹⁴⁹.

Lis'frÁgil sente-se compelida a escrever à Aluna Brilhante, tal impacto daquelas palavras que martelaram em sua cabeça uma dor que durou alguns dias, apesar dos analgésicos. Espera que a carta chegue a tempo:

149 Trecho da escrita de si (julho/2022) da Aluna Brilhante.

Brilhante Aluna,

Algumas vezes a fragilidade que ronda os cantos do nosso corpo sequestra o sono e orquestra pensamentos que dançam no meio da noite. Uma nau que se perde entre os mais loucos sentimentos. Uma intensidade que vibra a terna angústia que incide sua verdade sobre o profundo de nossa pele. Nesse percurso de animais frágeis que somos, vamos encontrando com uma firmeza de existência que caminha pelas ruelas de nossa alma. Conseguimos perceber?

Algumas vezes a dureza de uma rocha não diz de sua estabilidade, pois há porosidades desconhecidas e fissuras pelas forças das águas que lhe impactam. A sabedoria das águas nos diria que "é preciso ser mar, para sem toldar, receber um rio turvo"¹⁵⁰ Conseguimos desaguar?

Algumas vezes andamos na corda bamba; não porque necessariamente falte um chão firme para nos apoiarmos, mas porque precisamos nos mover e entrarmos no jogo da vida; apostarmos a CHANCE¹⁵¹ por outros deslocamentos. Conseguimos equilibrar o desequilíbrio que é viver?

Algumas vezes quando o passado nos sussurra para ouvi-lo não quer dizer que precisamos remoer os traumas; mas sorrir diante do que deles cintila em metamorfose, afinal não somos os mesmos e vivemos por meio das marcas uma reinvenção de nós mesmos. Conseguimos ver as invisibilidades dos fantasmas que nos dão coragem?

Uma frágil criatividade para construirmos uma pequena vida que se dilata nas horas do cotidiano. À deriva, inseguros e presos em uma ilusão de futuro, algumas vezes podemos navegar

150 NIETZSCHE (2016, p. 25). Assim falava Zaratustra.

151 BATAILLE (2017). Sobre Nietzsche: vontade de chance.

contra o fluxo das imposições urgentes. Conseguimos acolher a vulnerabilidade que nos abre as feridas?

Algumas vezes o castelo de areia que segura nosso ego precisa de um vento forte para sair dos ismos e centrismos que querem nos cegar. Não esqueçamos que nossa CAS(c)A não desmorona facilmente se hospedarmos as diferenças que a constituem. Conseguimos nos erguer?

Algumas vezes é preciso cair

Plasmados ao chão das convicções que nos enchem o peito

Esvaziando o ar poluído pelo desgosto

Amargo cansaço que busca no descanso solução

Em vão, pois o dinamismo da vida se impõe

Da ágil medida dos ideais ruir, para daí extrair o NOVO

Sentimos nossa POTÊNCIA criadora que nasce da frÁGILidade?

Fique frÁGIL!

Cartografias

Entre uma carta e outra, há linhas ainda que não se comunicam. Entre a “carnificina mental” da instituição e as fragilidades estudantis transpostas em força, seria preciso uma cartografia crítica dos afetos para dar conta das linhas molares que endurecem as relações e as estruturam de forma dual? Para que exista a saúde, é preciso a doença, como contraponto de sua diferenciação? E se os limites se encontram borrados, cegando os agentes educacionais para uma entrada mais fluida da vida que nasce do chão da sala de aula, seria porque eles se encontrariam no limite? À tal corda bamba existencial, o psicanalista Dunker diria que “*bordeline* é um significante perfeito para designar o sofrimento padrão do neoliberalismo como expressão de um laço social que não se sustenta e, portanto, de alguém que vive na fronteira”¹⁵². Isto significa que a indeterminação dos limites de um contexto social, político e econômico funciona de uma forma dupla; por um lado, esquizoide pelas rupturas que não englobam sua própria história, e, por outro, narcísica, com o individualismo meritocrático. Imaginar uma comunidade acadêmica *border* como correlata à hipótese depressiva é imaginar um curto-circuito de afetos.

O Professor, em contrapartida, daria uma outra perspectiva àquele manifesto estudantil: *é importante que os alunos vejam a universidade como uma oportunidade. Uma oportunidade para se preparem para esse novo mundo do qual os antigos profissionais não foram preparados. Aproveitar o momento para se qualificar para essa nova realidade e assim, atuarem de forma diferenciada, logo mais, quando ingressarem no mercado de trabalho. Além do trabalho, aproveitar esse momento único, como um período de formação estendido para descobrirem outros valores na vida. Aproveitar o tempo, aprender com as oportunidades, enxergar a nova realidade diante de si, quantos desafios ensejam nessa navegação. Composta*

152 DUNKER (2020, p. 196).

por turbulentos naufrágios, ela desenha suas forças e fragilidades em linhas de composições e decomposições, encontros e desencontros, nas relações institucionais -, tanto na entrada, o primeiro ano de graduação – *acho que o período de ingresso na faculdade é algo mágico pra todo mundo, o contato com diferentes pessoas e culturas (Aluna Brilhante)*; quanto na saída - *durante esses cinco anos, passei por diversos momentos em que duvidei de mim mesma e me sobrecarregava de funções para compensar um suposto fracasso, ficava extremamente nervosa a cada avaliação, às vezes em níveis desproporcionais (Aluna Brilhante)*.

Ao tempo das im.permanênicas, podemos vislumbrar que cada potência singular traça seus mapas afetivos. Conforme nos mostram alguns estudos, percebemos que o primeiro ano universitário é um dos mais críticos em termos de vulnerabilidade, pois os estudantes precisam entender sobre seu novo contexto.¹⁵³ Ao passo, que, “na medida em que o acadêmico permanece na universidade há um aumento da tensão ou estresse psíquico, distúrbios psicossomáticos”¹⁵⁴, pois às suas vivências anteriores vão sendo acrescentadas as vivências acadêmicas. Deixando mais evidente que no interior de um aluno adaptado “há forças latentes que resistem a essa adaptação”¹⁵⁵, uma vez que ele não é uma peça de encaixe.

Os estudos mostram também que o “desempenho acadêmico” é um “preditor de permanência”¹⁵⁶ aliado ao autoconceito subjetivo de ‘sucesso’, e que do contrário, a insatisfação com o curso e avaliação negativa do desempenho, possibilitaria maior sofrimen-

153 ALMEIDA (2014); NOGUEIRA (2017).

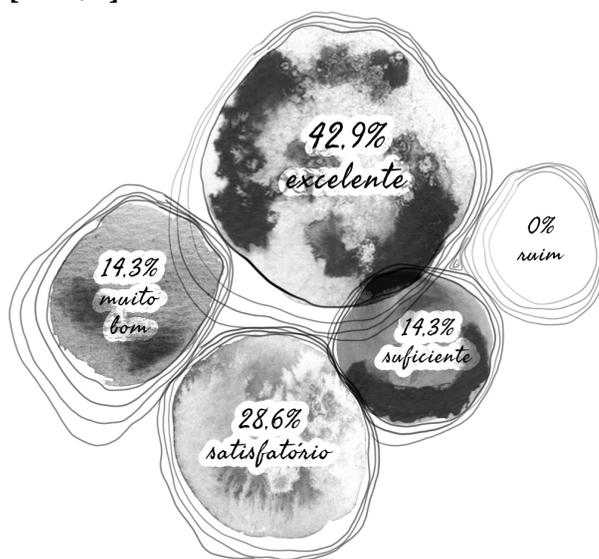
154 CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA (2005, p. 416).

155 MILLER (1997, p. 65),

156 A esse respeito, Adachi (2019, p. 17) menciona que “o desempenho é o melhor preditor para a permanência desde que as habilidades do estudante possibilitem as realizações exigidas naquele meio”. Do contrário, quando há uma avaliação negativa do estudante acerca de seu desempenho, somando-se a expectativas também ruins em relação ao seu futuro profissional, há maior abandono do curso (GRANER; CERQUEIRA, 2019).

to e abandono do curso¹⁵⁷. Nesse sentido, estudos¹⁵⁸ mostram que 80% dos estudantes são diagnosticados com adoecimento psíquico apresentariam evasão. Entretanto, nesse trajeto da caminhada, tanto Pandora havia notado que o suposto baixo desempenho do Discente Mutante emergia mais por infrequência nas aulas e subjetividades, do que por uma dificuldade de aprendizagem propriamente dita; quanto Lis'Anda, lendo as respostas do Inventário da Traversia dos Afetos¹⁵⁹, depara-se que, ainda que haja manifestações de preocupação com a carga de exigência excessiva dos cursos, ainda assim, há satisfação com seu desempenho acadêmico de um modo geral, conforme seguinte gráfico:

Percepção do desempenho acadêmico entre estudantes formandos [2022/1]:



Fonte: a autora, 2022.

Imagem 4: Gustavo de Oliveira

157 ADACHI (2009); GRANER; CERQUEIRA (2019).

158 ALMEIDA (2014).

159 Anexo 3.

Assim, diante da escrita da Aluna Brilhante: *Tive medo de não dar conta, alguns professores eram contra uma aluna trabalhar, pois o curso deveria ter dedicação exclusiva, isso me deixou muito triste e me fez pensar várias vezes em desistir, mesmo dando conta satisfatoriamente bem. Tive muita ansiedade, aumento de peso, mas em compensação, outros professores me incentivaram a continuar*, Lis' Aprendiz questiona-se: tal aluna continuou os estudos porque professores a incentivaram (causas externas) ou pela composição criada da afecção que outros corpos fizeram emergir de si uma alegria, pela qual sua potência de agir aumentada foi formando outros modos de existir e perseverar sua vida naquele lugar, pela satisfação com seu desempenho acadêmico apesar das dificuldades?

Mais uma vez se repete em seu pensamento que não é o bastante olhar para quem aprende, sem olhar para quem ensina. A relação aprendiz e docente em fractais com a ambiência institucional e componentes que atuam ali e geram doses de alegria e tristeza, rigidez e flexibilidade, possibilitam aberturas e endurecimentos à passagem dos afetos e das vontades de potência. Alguns autores¹⁶⁰ evidenciam que situações de cunho administrativo, as quais se relacionam com regras impostas por docentes em suas disciplinas, impactam na saúde mental estudantil, tanto positiva, quanto negativamente. Enquanto, por um lado, a Aluna Brilhante relata: *o que mais me marcou foi a pressa, a quantidade e a densidade em muito pouco tempo. Mal entendia como passei na prova e já tinha outra disciplina*. Por outro, afloram distintos modos de se compor, como por exemplo quando se exclama:

Acredito ser importante incentivar e exigir mais o empenho do aluno bem como aulas com exercícios com exemplos reais da profissão. A avaliação deve ser de maior exigência, bem como a mé-

160 MACHADO *et al.* (2020).

dia para passar no exame deveria ser 7 e não 5, pois o mercado não absorve ou deveria absorver quem erra mais de 70% das vezes, por exemplo um médico clínico geral do sus acertar 50% dos diagnósticos não seria ideal. Exigência de respeito aos prazos de entrega de trabalhos, não proporcionar flexibilidade para educar no cumprimento das obrigações e leis, pois o contrário incentiva à inventar desculpas e se fazer de vítima. A frequência deveria ser de 95% pois é a realidade depois de formado te obriga a mais que isso e deve-se justificar toda a falta, com exigência de 70% da faculdade não está preparando para a vida real¹⁶¹.

As inúmeras expectativas e modos de se colocar no mundo, fazem a Aluna se ver nesses entremeios de contradições. *A uspel é uma mãe, a universidade é massa, mas colocam coisa demais em tempo de menos. Muitas vezes entregava trabalho e estava horrível e professores davam mais tempo.* Isso parece imprimir forças no corpo estudantil a ponto de Lis'Anda entender que a isso corrobora o seguinte achado dos estudos:

A todos esses momentos de permanentes avaliações, adiciona-se a pressão do tempo, altos níveis de competitividade, quantidade de matéria para memorizar, tempo limitado para o lazer e o MEDO DE FALHAR, que não deixam de constituir situações potencialmente problemáticas e poderão contribuir para as diferenças observadas nas duas fases distintas de formação¹⁶².

Nessa trama de linhas delicadas das relações entre professor e aluno, aluno e Instituição, Lis'Anda escuta O Professor falar: *os alunos não sabiam nada para o semestre e se a gente exige como professor, o aluno não gosta.* O que a faz pensar nessa bonita e difícil composição

161 Escrita de si da Aluna Brillhante, [julho/2022].

162 ALMEIDA; ROBERTO (2011, p. 284).

de nossos corpos com outros corpos, em que não podemos escapar de nós mesmos, tampouco da urgência de nos indagarmos sobre o modo de existência como uma “obra a se fazer”¹⁶³. Por isso ela toma como uma necessidade capturar modos subjetivos em suas relações de saúde e aprendizagem. Eles perpassam pelas atividades do seu cotidiano e pelas subjetivações que os impulsionam. Implica um emergente, por vezes frágil, cuidado de si, da roupa lavada, do xerox e dos cadernos em dia; implica os quilômetros percorridos até o *campus*, os passos apressados para chegar a tempo no restaurante universitário, os encontros negados em prol do isolamento para o estudo, as leituras em meio aos tumultos nos corredores, a difícil tarefa de conviver e dividir espaços com outros. Até aprender a aprender, uma exigência do trabalho do estudante universitário, é um desafio, pois esse aluno vem dos ensinamentos fundamental e médio acostumado a reproduzir o que lhe transmitem e a ser um mero “receptor”¹⁶⁴. Esse mar de possibilidades *era a oportunidade de conseguir melhores empregos, estabilidade financeira e fazer a vida em outro lugar, longe da cidade pequena em que moro onde não existem oportunidades de crescimento. Esse desejo tão grande de entrar na universidade logo após um ensino médio difícil fez com que eu escolhesse o curso que ia me satisfazer enquanto indivíduo, sem levar em conta o mercado de trabalho, carga horária e experiências profissionais e de vida adulta que logo no primeiro semestre senti falta*. Diz a Aluna Brilhante.

Lis’Alguma continua a se interrogar: “Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles?”¹⁶⁵ De algum modo a chegada ao Castelo dos Saberes, provoca

163 SOURIAU (2020).

164 MOSÉ (2013).

165 DELEUZE (2011, p. 14). A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica. [p. 11-17]. Deleuze faz referência, nesse trecho, sobre a frágil saúde do filósofo Spinoza, pela qual possibi-

uma desterritorialização no aprendiz. Ele chega, “sujeito ou não a transtornos mentais, vê sua personalidade reorganizada em função das características patogênicas do conjunto desse ambiente. Não é, pois, absurdo pensar numa ação preventiva nessa escala”¹⁶⁶. Uma ação preventiva que deveria ser parte de uma *política sensível* das delicadas relações. Sem esquecer da força que a delicadeza contém. Lis? Andando muito abismada com afetos violentos que surgem nos escritos da Aluna Brilhante: *eu já sofri por anos assédio moral e sexual; alguns professores foram muito machistas e estúpidos comigo, o que me causou stress, chegando ao ponto de eu chorar em sala de aula* -, resolve escrever uma carta:

litou, em sua duração, dar passagem à abertura de uma nova visão. É sabido o fato de que grandes obras no campo da arte surgem sobre a bruma de uma paisagem afetiva devastada.

166 GUATTARI (2004, p. 94). Reflexões sobre a Terapêutica Institucional e os problemas de higiene mental no meio estudantil [1964]. In: *Psicanálise e Transversalidade*. [p. 88-99].

CARTA À DELICADEZA

Delicadeza, escuta atenta os desejos humanos
Habita os corpos mundanos
Para mostrar que apesar de nem tudo ser flores,
há desimportâncias mais urgentes que grandiosas
cousas e causas
Alumia essas mentes que mentem a si mesmas no
intuito de não suportar falhar
Diga que a maior perfeição está em continuar na-
quilo que expande o viver, não em evitar a vul-
nerabilidade
Você concorda que em tempos de tempestade, os
concertos precisam de mais prudência e os con-
certos de maior audição
Examina com cuidado a fragilidade em que o outro
se encontra
Tua magnitude está para além de uma empatia,
abraça e diz: "Estou aqui contigo!"

Adentra por caminhos singulares
Nos gestos que entremeiam o sorriso nos olhos
Borda generosa força e com amorosidade faz da
vida uma nova chance de recomeçar
Não o brutal desprezo que recusa um aceno, há
sutis agressões que silenciam você

Sua voz alcança o âmago do sentir através do agir
Contrariando métricas, delicadeza rima com in-
clusão e presença
Caminha lado a lado, pede licença
Travessia sensível que amadurece do ventre e
amanhece entre rostos de novas possibilidades

Sem julgar, você respeita a solidão que se faz
necessária
Entende que carregar a própria pele já é muito
Com sinceridade e sem vaidade, consegue plantar

um jardim florido para que os sonhos passem sem
muitos arranhões

A espessura que a vida ganha por seu intermédio
é de uma maciez infinda

Se a vida ficar dura, que sua força venha lembrar
que é sempre possível sentir o perfume da primavera
que brota nos corações

Que cada fio da vida seja segurado com sua delicada
criação

Aquilo que se inventa por forças outras também
têm seu lugar

Façanhas de um delicado modo de existir

Estranhas vidas que ouvem a gentileza de suas
palavras, ressoam como música

Uma vida sem você, delicadeza, murcha almas como
flores secas pelo sol quente demais

Ao contrário, quando adentra uma alma, é como
chuva que molha quaisquer fastios de tristeza

É capaz de transformar as torrentes em acolhimento
Angústia em encontro

Desesperança em novo olhar

Sempre à tempo

há tempo de delicadeza

que ninguém duvide de sua força

Que move montanhas

nas entranhas do mundo

Cartografias

**5 da
vulnerabilidade
à visibilidade**

Ser lançado no mundo é precisamente arriscar a cada instante encontrar algo que me decomponha¹⁶⁷.

Polir as lentes. Fazer com as pés um percurso em várias aradas duras ações. Reaprender a ver, “abrir os olhos e posá-los num objeto é fazer um ‘lance de dados’, é ‘tornar puramente possível o que existe e reduzir o que se vê ao puramente visível’¹⁶⁸. Então, Lis’Anda se pergunta se as vulnerabilidades vicejam forças invisíveis e a visibilidade é uma forma de acolher os afetos. VER. OUVIR. ACOLHER. A clínica é verbo. A clínica é política. Não se trata de reversão de perspectiva, mas de uma forma de olhar. A ética de uma Clínica que dispende um olhar sensível para cada singularidade, de modo a perceber que “melhor a viagem que nos faz vulnerável do que a segurança que nos rouba o caminho”¹⁶⁹. Nas filosofias estudadas, percebe que é por meio dos encontros que aprendemos a conhecer e a cuidar de nós mesmos. Na psicanálise, é por meio do olhar do outro que podemos conquistar a capacidade de olhar o mundo com nossos próprios olhos. Na voz de Mauro Mendes Dias podemos ver que

é preciso fazer ver grandes proporções, de forma a fazer barreira à cegueira que reina à custa de não querer admitir os afetos da verdade, enquanto aqueles que são também escutados. Portanto, é preciso fazer barreira às vozes que reduzem os sujeitos a se fazerem piores cegos. Agora, devido a ligação entre olhar e a voz, o pior cego é aquele que não quer escutar¹⁷⁰.

Lis’Ausculata com os olhos a voz da Aluna Brilhante: *minha permanência na instituição durante esses cinco anos, somente, sucedeu devido*

167 DELEUZE (2019, p. 188). Cursos sobre Espinosa.

168 VALÉRY (2020, p. 12).

169 BONDER (2008, p. 101).

170 DIAS (2021, p. 58).

a uma grande rede de apoio de colegas afetuosos e da minha orientadora, que posso então mencionar, incrível. Percebe com muita força os afetos alegres que circularam no corpo da Aluna quando ela era olhada e uma tristeza que a enfraquecia quando sentia uma ausência desse contato. Mas não se trata de uma relação dicotômica entre ser e não ser vista, mas os modos de existência que operam nesse intermédio. Em Spinoza, assim como no estoicismo, podemos perceber que há sempre algo que escapa do nosso controle. A experimentação da vida é uma aprendizagem que não cessa na medida em que estamos continuamente em contato com outros corpos, e à mercê dos encontros, os quais poderão compor com o nosso, mas também poderão decompor. Uma vulnerabilidade pode assim ser vista como esse campo aberto ao acontecimento que sustenta um devir, “devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis”¹⁷¹. Há um caminho a percorrer para que as causas sejam entendidas. Mas é preciso entender como nos arredores do Castelo dos Saberes pode se pensar a vulnerabilidade de seus aprendizes.

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE), costuma utilizar o termo vulnerável para identificar desigualdades, conforme conceito abordado pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS), considerando vulneráveis:

Indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias e alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social¹⁷².

171 DELEUZE (2011, p. 14). A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica, [p. 11-17].

172 BRASIL (2004, p. 33).

Desse conceito, é possível destacar a fragilidade de vínculos afetivos e de sentimentos de pertencimento, a estigmatização de seus atributos culturais ou sexuais ou mesmo por deficiências, sofrimento de violências, uso de substâncias psicoativas, e, ainda, a precariedade no âmbito laboral e econômico. De algum modo, uma ou mais dessas situações podem provocar uma experiência de esgotamento físico e emocional, em que “a morbidade psicológica não implica apenas prejuízos no âmbito da saúde, desempenho e qualidade de vida dos estudantes, mas pode trazer consequências importantes nos âmbitos familiar, institucional e com pares”¹⁷³. O que, em parte, confirma-se por meio da fala da Aluna Brilhante: *no segundo ano de curso, muitos eventos traumáticos ocorreram e eu entrei num relacionamento não muito saudável e movido a maconha*. Por outro lado, enuncia O Professor: *do meu ponto de vista, me preocupa a vulnerabilidade em buscar conhecimento restrito à internet, a vídeos de youtubers, aos temas quentes viralizados e, o mais preocupante, a reprodução do que assiste ou ouve falar sem crítica*. Lis’Anda passa a olhar para o profundo da pele que esculpe a aparência –, “se viver significa aparecer é porque tudo aquilo que vive tem uma pele, vive à flor da pele”¹⁷⁴. Lis’Olha com os ouvidos aquele escrito da Aluna Brilhante: *encontrei a minha voz que tanto estava aprisionada e junto com ela aprendi a escutar mais e controlá-la, sabendo os limites e de quando precisa se fazer escutada*.

Há uma inseparabilidade das condições de possibilidade para que a vulnerabilidade em amplo espectro esteja presente. Por isso é difícil delimitar separadamente as dimensões caleidoscópicas que podem fragilizar ou fortalecer a saúde mental estudantil e sua relação com o cuidado de si mesmo, pois elas formam composições no acontecer dos encontros. A vulnerabilidade psicológica, conforme

173 PADOVANI *et al* (2014, p. 4).

174 COCCIA (2010, p. 75). Vida Sensível.

Nogueira¹⁷⁵, relaciona atributos disfuncionais na maneira como o indivíduo se vê, em interface aos outros, na reação ao estresse e na capacidade de atingir a objetivos, que reflitam em fontes externas de aprovação. Nesse sentido, sob lentes psicanalíticas, podemos mencionar alguns dos aspectos da constituição do sofrimento psíquico, no qual, nas palavras de Freud em sua obra *O Mal-estar da Civilização* [1930], é ameaçado a partir de três lados:

Do próprio corpo que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos¹⁷⁶.

A relação consigo, com o outro e com o mundo fala muito do quanto e do como os estudantes vão se tornando mais ou menos vulneráveis no contexto acadêmico. Assim, percebemos em Foucault, “um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro”¹⁷⁷, sendo, pois, o cuidado de si uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo. Experiências que marcaram pela tristeza, diminuem a vitalidade e potência de agir, favorecendo aspectos que encapsulam os modos da existência em depressões e ansiedades. Ademais os alunos ficam presos ao primeiro gênero do conhecimento, e acreditam apenas na imagem gerada pelas decomposições sem a crença que possam se libertar disso. Nessa direção, os estudos¹⁷⁸ apontam como uma percepção do suporte social torna-se, para eles, um in-

175 NOGUEIRA (2017).

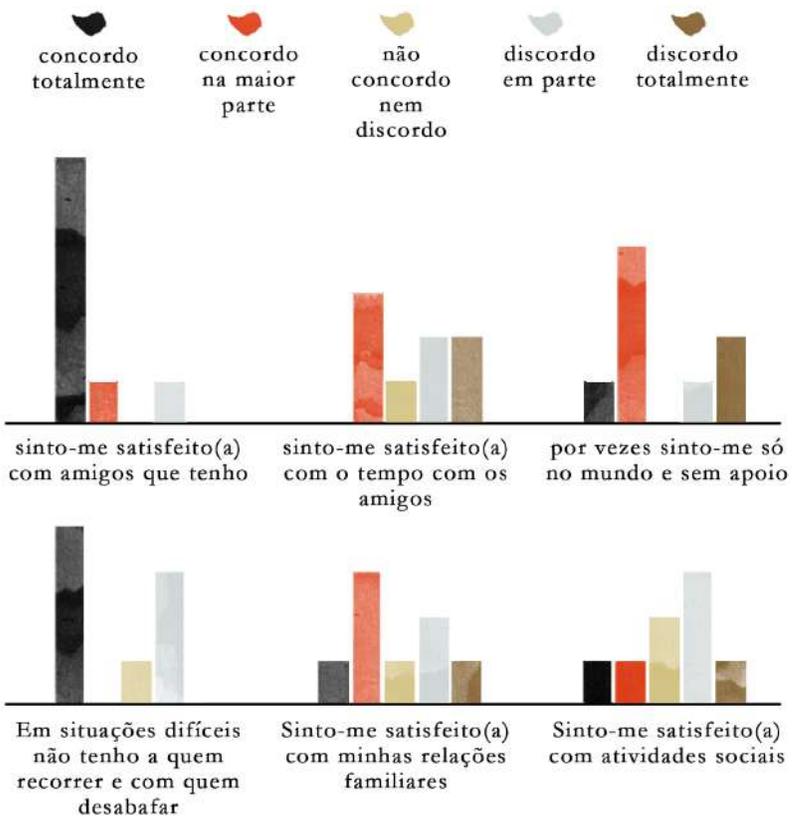
176 FREUD (2010, p. 31).

177 FOUCAULT (2010, p. 11). A hermenêutica do sujeito. Na primeira aula [1982] que reúne essa obra, o autor indica a problemática geral entre subjetividade e verdade que busca, a partir da antiguidade, problematizar. Na citação ele se refere à noção geral do cuidado de si, que do latim: *epiméleia heautoú*, trata-se de uma atitude para consigo mesmo.

178 NOGUEIRA (2017).

grediente importante nesse constructo do viver na universidade. Ao Inventário da Travessia dos Afetos os alunos respondem de formas diversas sobre suas fontes de apoio, sendo maior a que advém dos amigos (embora o tempo com eles seja pouco satisfatório) e, de forma geral, tais alunos formandos, obtiveram suporte social, ainda que se sentissem por vezes sós, ainda que alguns demonstrassem dificuldades familiares e em socializar suas dificuldades.

Suporte social:



Fonte: a autora, 2022
Imagem 5: Gustavo de Oliveira, 2023.

Nesse sentido, os estudantes parecem, primeiramente, nutrir sentimentos de autoestima, participação e partilha, sendo isso uma fonte de apoio ao enfrentamento das tensões que a travessia desencadeia ou potencializa. O sentimento de conexão promove uma função de ressignificação de estados emocionais e relacionais por ventura deixados vazios, seja por um processo de subjetivação, seja pelo distanciamento familiar. E, embora a família seja um elo de força ativa nas composições que os estudantes possam tecer com o mundo, há ambientes familiares que geram hostilidade e rigidez.¹⁷⁹ O maior suporte familiar favorece menor presença de sofrimento psíquico, e, diante do distanciamento da família, “para alguns estudantes com problemas de saúde mental, os amigos e funcionários (docentes e não docentes) da instituição onde estuda são uma importante fonte de aconselhamento e incentivo para a procura de ajuda profissional”¹⁸⁰.

Diante da desterritorialização que é ingressar no Castelo dos Saberes, construir novos territórios é perfazer da própria experiência um novo habitat. Mas não é um caminho fácil, implica novos modos de agenciar a vida. Morar em repúblicas ou pensionatos podem contribuir para o estresse psíquico e problemas relacionados ao sono, por exemplo.¹⁸¹ Pandora lembra que, dos alunos em vulnerabilidade social pesquisados, 66,9% que não obtiveram o aproveitamento acadêmico esperado, moravam sozinhos, o que talvez indique que a presença da família ou do suporte social pode também ser uma linha de força às suas existências. As relações dos estudantes universitários com o ambiente acadêmico podem vir carregadas de situações de vida preexistentes. Viver sozinho implica assumir no-

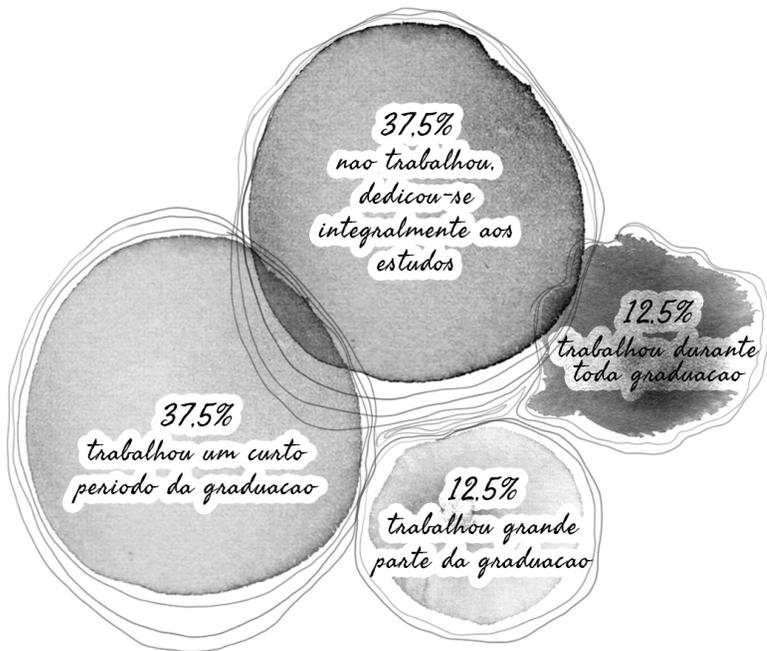
179 SOUZA; BAPTISTA; BAPTISTA (2010).

180 ALMEIDA (2014, p. 56).

181 CERCHIALI; CAETANO; FACCENDA (2005).

vas responsabilidades domésticas, econômicas, e para os jovens que precisam trabalhar, conciliar labor e estudo é também um desafio. Do Inventário da Travessia dos Afetos, ainda que seja um número pequeno de alunos, chama a atenção de Lis'Anda que 62,5% tiveram alguma relação com o trabalho no decorrer de suas graduações, como destaca o desenho a seguir:

Relação trabalho-estudo



Fonte: a autora, 2022.

Imagem 6: Gustavo de Oliveira, 2023.

Outra questão importante na relação estudo-trabalho é evidenciada por Arccosi, a qual destaca, que o aluno, nessas condições:

enfrenta o cansaço de participar de aulas após horas diárias de trabalho, a falta de tempo para se dedicar aos conteúdos acadêmicos, a pouca convivência com os colegas, as estruturas da instituição

que já se encontram fechadas quando ele chega no *campus* (no caso de estudantes que têm aulas à noite), dificuldades econômicas e até mesmo a impossibilidade de frequentar o curso de sua escolha, devido a distribuição das disciplinas na grade de horários¹⁸².

Nessa dimensão, destaca-se o que consta da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES de 2018, em que, 45,9% dessa população, trabalham mais de 30 horas semanais, o que impacta em seu tempo e condições para o estudo.¹⁸³ Assim, não é apenas a vulnerabilidade psicológica que interfere no processo de ensino-aprendizagem, mas também a socioeconômica. Mesmo diante desse cenário, ao Inventário da Travessia dos Afetos, Lis'Analítica observa que, apesar de 71,4% dos estudantes graduandos perceberem o nível de exigência dos seus cursos como muito alto, eles têm uma percepção de que conseguem dar conta, sendo que, 42,9% entendem seu desempenho acadêmico como “excelente”, dentro de um contexto em que a maioria deles esteve trabalhando em algum momento da graduação (como anteriormente é expresso no Imagem 6), além de todos terem recebido algum tipo de auxílio da PRAE, assim como algum tipo de bolsa de pesquisa¹⁸⁴. Com maiores ou menores dificuldades emocionais e econômicas deflagradas ao longo das cartas, são estudantes que concluíram suas graduações.



182 ARCCOSI,(2015, p. 63)

183 ANDIFES; FONAPRACE (2018).

184 As bolsas referidas pelos alunos no Inventário da Travessia dos Afetos são: Bolsas de pesquisa e iniciação científica (CAPES, FAPERGS E CNPQ), Monitorias dentro da UFPel, Bolsa de extensão da PREC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura/UFPel).

Lis'Anda se vê instigada a pensar na criação de espaços de acolhimento para esses jovens que se veem sozinhos, muitas vezes tendo de lançar mão de estratégias de enfrentamento e aprender novas formas de viver. A criação desses espaços é também pensar nas capacidades que eles têm de se desenvolverem, mesmo distantes da família em alguns casos. Nesse sentido, em observações feitas por Almeida¹⁸⁵, Lis'Anda percebe que o processo de saída de casa pode ser atenuado pela presença de suporte familiar, ainda que isso não se dê de forma física. Estudantes chamados pelo autor de “deslocados”, para denominar quem se desloca de outra localidade para cursar a universidade, demonstram uma maior disponibilidade para criarem interações, privilegiando a sociabilidade, o que se torna algo protetivo do ponto de vista de sua saúde mental. Em contrapartida, os estudantes que saíram de suas casas tendem a fazer maior uso de bebida alcoólica, pois, afastados de suas famílias e do suposto controle e vigilância que essas fariam sobre eles -, não precisam justificar horários, escolhas e tomadas de decisões. Deleuze¹⁸⁶ oferece duas formas de compreender o uso de drogas, uma ligada a uma experiência vital e abertura a linhas de fuga, e outra suicidária que se fixa em uma linha que anula a multiplicidade. Depreende-se desse contexto de pluralidade, ao mesmo tempo que estar longe da família pode se tornar algo da ordem da vulnerabilidade, coexistem linhas de força e de resistência como oportunidade para criar novos territórios existenciais. Assim, “a casa participa de todo devir”.¹⁸⁷ A casa é o próprio corpo, suas sensibilidades e potências, uma construção infinda dentro de sua finitude. Nela habitam multidões. Colore seus espaços. Emoldurada pelos signos do respeito e do cuidado, pois

185 ALMEIDA (2014).

186 DELEUZE, (2016). Duas questões sobre a droga. In: Dois regimes de loucos, [p. 158-168].

187 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 213). O que é filosofia?.

“sem este respeito e este cuidado, a pintura é nula, sem trabalho, sem pensamento”.¹⁸⁸ Se a existência universitária pode ser uma travessia para a invenção de si e do mundo, diante da caminhada social e educacional que cabe aos nossos discursos e posições -, poderíamos dizer que, andar a pé, é, em certa medida, ingerir doses de liberdade. “No final, a caminhada é não mais do que uma relação entre um corpo, uma paisagem e um caminho”¹⁸⁹.

Acolher as vulnerabilidades é dar visibilidades às subjetivações em curso. Olhar o aprendiz com novos alcances. Evidenciar que ele também pode ganhar novos olhos. Como diz O Professor aos seus alunos na carta que lhes escreveu: *com um olhar singular, penso no que cada um de vocês daria conta*. Se quando tocamos o mundo com os olhos, sentimos; Se ao sentirmos, olhamos com outros olhos o mundo. Então somos capazes de aquebrantar nossos monstros; Monstros que se refletem desde um abissal vazio; Vazio que invade os limiares de nosso corpo; Corpo que pode! Corpo pode? O quê? Trajetos; Afetos; Devires por meio de Encontros; Encontramos um modo outro para re-existir? A resistência não se move à força, mas por meio de forças, que lutam por um sensível olhar; Olhamos com o corpo, através do corpo, pelo corpo! Corpo mapeia um fastio de cultura e civilização; Não basta ver, é necessário agir diante do vislumbre inexato carregado do desejo em nosso ser, ainda que em estado provisório para logo ali se transformar. “É um pouco como aquilo que vimos quando tomamos remédios: é necessário encontrar as doses, seus truques, é necessário fazer seleções, e o que não é prescrição do médico que baste. Ela lhes servirá. Há alguma coisa que ultrapassa uma simples ciência”¹⁹⁰. Tal como poderíamos

188 DELEUZE; GUATTARI (2010, p. 212). O que é filosofia?

189 GRÓS (2014, p. 1).

190 DELEUZE (2019, p. 188-189). cursos sobre Espinosa.

pensar com Guattari¹⁹¹ sobre a ampliação da definição de droga, quando o que pode estar nos embotando nas relações educacionais é uma espécie de “chapação”, por paixões que poduzem doses de endorfina suficientes para que advenha o cansaço, a falta de sono, o isolamento, em que “corremos” demais e caminhamos de menos. A proliferação de uma “subjetividade maquínica molecular” abri-ria novos espaços visíveis, que com seus cristais residuais de mais gestos acolhedores permitiria o “fazer existir” dentro do processo educacional de inúmeras outras formas.

Podemos concatenar isso tudo novamente a alguns achados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES¹⁹², anteriormente citada, a qual analisa as dificuldades que interferem de forma preponderante no contexto acadêmico dos estudantes. Tal pesquisa aponta que 86,1% dos estudantes do ensino público superior, apresentam alguma fragilidade em alguma das cinco áreas que mais os afetam, em ordem decrescente: “a falta de disciplina de estudo (28,4%), as dificuldades financeiras (24,7%), a carga excessiva de trabalhos estudantis (23,7%), empatada com os problemas emocionais (23,7%) e o tempo de deslocamento para a universidade (18,9%)”¹⁹³. Dessa forma, a vulnerabilidade não contorna apenas questões relacionadas ao apoio financeiro ao aluno, mas também aos apoios social, emocional e pedagógico. Por isso as ações institucionais não se remetem somente à assistência estudantil que atenda às necessidades de subsistência, elas também precisam incluir ações preventivas, de acolhimento e acompanhamento que visem a construção de espaços de fala e participação da comunidade acadêmica, assim como programas conti-

191 GUATTARI (2022). “Os chapados maquínicos” [1984]. in: os anos de inverno 1980-1985, [191-195].

192 ANDIFES; FONAPRACE (2018).

193 ANDIFES; FONAPRACE (2018, p. 77).

nuados que favoreçam o desenvolvimento humano saudável¹⁹⁴.

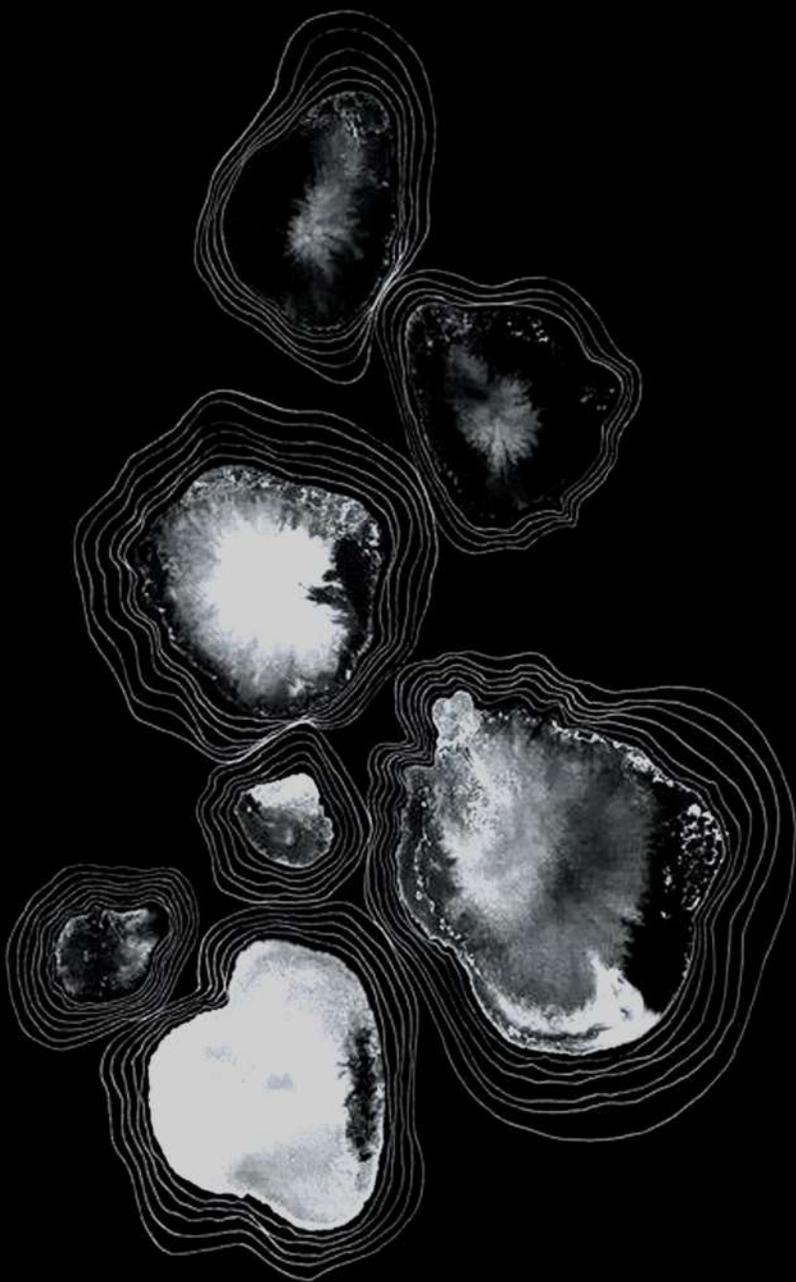
Dessa forma, são vários os fatores que se ligariam ao sofrimento psíquico dos estudantes, e que poderiam estar relacionados ao “insatisfatório” desempenho acadêmico e mesmo ao abandono do Ensino Superior. Dos estudos que ditam certos regimes de verdades investigados, ainda que a pesquisadora queira se distanciar de classificações que enrijecem a vida universitária, podemos destacar como linhas de vulnerabilidade: pertencer ao gênero feminino, possuir baixa renda, assumir estratégias evitativas¹⁹⁵ diante das contingências difíceis, ter frágeis rede de apoio familiar e social, assim como um fraco vínculo institucional por vivências acadêmicas negativas. Nesse sentido, entre os alunos formandos dessa Tese, encontramos que, mesmo que eles tenham apresentado em sua maioria um modo de enfrentar problemas isolando-se (50%) ou em solidão, refletindo sobre o que fazer (62,5%) -, isso chama a atenção para que nem sempre o que parece um modo evitativo configura nocivo a sua saúde ou a sua formação acadêmica.

Como fatores de potência singular à saúde mental, encontramos: o nível socioeconômico elevado, o pertencimento ao gênero masculino, ter relação afetiva estável e satisfatória, o bom desempenho acadêmico, dormir pelo menos sete horas, não consumir fármacos, estar satisfeito com o suporte social e a vida acadêmica, ter tido poucos acontecimentos de vida negativos, ter menor vulnerabilidade psicológica.

194 GARCIA; CAPELLINI; REIS (2020); RODRIGUES; PEREZ; BRUN (2020); MACHADO *et al.* (2020); PADOVANI *et al.* (2014).

195 Os estudos de GRANER; CERQUEIRA (2019) demonstram que os estudantes dispõem de diferentes modos de enfrentamento das dificuldades e utilizam o termo *coping* para designá-los. O conceito de *coping*, numa revisão realizada por ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA (1998), refere-se a um conjunto de estratégias que as pessoas utilizam para se adaptarem as circunstâncias adversas ou estressantes. Entre estratégias *coping* encontramos: focado na emoção; *forbearance* (não compartilhar problemas); negativo/destrutivo (comer muito, gastar dinheiro); e o aqui evidenciado, o de fuga/esquiva.

Pensar e planejar a redução das desigualdades na área da Saúde deve levar em consideração seus determinantes sociais e grupos minoritários. Aspectos não apenas ligados à ansiedade e à depressão, mas também relacionados a certos tipos de violência (*bullying*, discriminação racial, social, sexual), às estruturas pedagógicas e curriculares, às escolhas do estudante acerca dos cursos e de seu processo de formação, aos vínculos na travessia dos afetos na universidade e aos modos de enfrentamento às adversidades, podem se relacionar à saúde mental do estudante em interface ao cuidado de si.



6 contágio

É quando sua saúde está melhor, sua riqueza mais assegurada, seu talento mais afirmado, que se dá o pequeno estalo que vai fazer a linha ficar oblíqua. Ou então o inverso: você começa a ficar bem quando tudo se quebra sobre a outra linha, imenso alívio. Não suportar mais alguma coisa pode ser um progresso, mas pode também ser um medo de velho, ou o desenvolvimento de uma paranoia. Pode ser uma estimação política ou afetiva, perfeitamente justa¹⁹⁶.

É sobre uma linha oblíqua, é no desenvolvimento de uma certa paranoia, e, sob uma estimação política, que um vírus contagioso, de repente, invade a ilha, causa um estado de pânico, dissipa fronteiras, imprime limites. Ninguém sabe de onde afinal ele teria vindo. O que se sabia, apenas, é que se tratava de um vírus que tinha fome de conhecimento. A contaminação perturba as rotas de Lis'Ávida em meio à travessia. Questões como “saúde mental” e “cuidado” ganham dimensões que se proliferaram em sonoros “fique em casa”, “cuide-se”. Algo que entoa na coletividade. Cuidar de si é também cuidar do outro. Por um lado, fica evidente que o que é mais conveniente à existência humana, no Castelo dos Saberes, refere-se àquilo que se coaduna com a sua natureza, pois, “não há, entre as coisas singulares, nada que seja mais útil ao homem do que um homem”¹⁹⁷. De outro lado, as singularidades e irredutibilidades humanas teriam deixado marcas indeléveis e não tão evidentes assim. As regras mudam rapidamente e, de início, ninguém sabe ao certo como colocá-las em prática.

Se, ao pensarmos sobre supostos “traumas” da humanidade desde uma visão copernicana, em que a Terra deixa de ser vista como centro do universo; passando pelo golpe evolutivo darwiniano que destitui o homem de um antropocentrismo criacionista; até a ferida

196 DELEUZE; PARNET (1998, p. 147). Diálogos.

197 SPINOZA (2020, p. 177). Ética, [Parte IV, proposição 35]

narcísica pela qual, a psicanálise freudiana destituiria a consciência humana da sua ilusória soberania, por meio da invenção do inconsciente¹⁹⁸, e, se, ousássemos pensar a pandemia como um trauma no coração da educação, em que as contingências assumem um caráter de uma necessidade¹⁹⁹, teria ela sido em si mesma (a covid-19) (na intenção aqui de isolar, respeitosamente, os aspectos epidemiológicos e sanitários das mortes), um signo que emitiu muitas forças sobre os corpos que perseveraram nesse acontecimento, e a partir daí, desdobraram suas modificações de seus modos de vida? De tal modo que bastaria observarmos, do ponto de vista acadêmico, que, ressaltando devidas proporções, a pandemia foi considerada como algo “mau” pra uns, enquanto para outros, foi considerada “boa”. Um jogo de forças e relações se compuseram e se decomposeram a partir de formas distintas. Assim, por entre escombros das marcas deixadas pelos andarilhos que se viram perdidos, Lis’Anda encontra nos ditos e escritos dos participantes da pesquisa, naquele julho de 2022, fragmentos pelo chão universitário. Percebe então que...

enquanto para alguns...

O ensino remoto pra mim foi capenga, dois anos precários, aprendi muito pouco, como se fosse uma universidade de esquina.

A pandemia junto com o ensino à distância me prejudicaram imensamente pela falta de interação social e rotina.

198 BIRMAN (2017). Arquivos do mal-estar e da resistência.

199 Tanto a ética spinozista, quanto a saúde nietzscheniana, bem como alguns entrelaçamentos que Deleuze (2015) faz em passagens da “Lógica do sentido”, é possível vislumbrar a compreensão filosófica sobre as coisas serem necessárias tal como um acontecimento, rítornelo que passa pelo Livro 3.

Sou muito de interagir com as pessoas. Sempre alugo alguém no ru. Gosto de monitoria, tenho necessidade de passar conhecimento. Daí a pandemia foi um baque pra mim, até rodei numa disciplina, muita coisa, estágio, tcc, projeto de estágio, muito desenvolvimento, em casa a filha lá e não tem colega para interagir.

Toda união que eu tinha com colegas e professores se dispersou.

Eu gosto de ver as pessoas, no presencial, o que a professora falava eu não precisava ver a matéria. Agora no remoto, pode acelerar a aula, rever a aula. Para alguns pode ter sido fácil, mas pra mim não foi.

Com a pandemia, mudança total na minha vida. Coisas que eram prioridade deixaram de ser, a universidade passou a ser terceira coisa. Casa, sustento, saúde mental. Não consegui me dedicar propriamente à universidade, principalmente pela questão financeira. Em um país onde as coisas estão caríssimas, população passando fome.

Identifiquei um transtorno de ansiedade que se desencadeou conforme a solidão e a pandemia, intensificando minhas angústias dos últimos anos.

No último ano passei mentalmente mal com a carga e o isolamento (carga de trabalho universitário), acabei rodando em uma disciplina e faltando meramente o relatório e a defesa do estágio tão trabalhoso.

para outros ...

Só depois na pandemia vi algum projeto do curso. Não tinha referência do que o curso possibilitava.

Consegui emprego em outra cidade. Vai e volta. Ead foi essencial pra eu

me formar, se não, não conseguiria.

Através do apoio da universidade consegui concluir esta etapa final, porém tive apoio de colegas e professores que foram fundamentais. Organizamos grupos de estudos, com objetivo de acelerar as leituras para tcc

Não teria conseguido conciliar trabalho e estudo se não fosse o ensino à distância...

Um vírus que, de algum modo, fez rizoma pela universidade, onde alguns corpos estudantis se viram tristes e com capacidade de agir diminuída (*foi um baque pra mim*), outros vivenciaram uma oportunidade de se recriarem (*EAD foi essencial pra eu me formar*). Lis⁷Atenta percebe que nesse período os estudos conferem “mais fluídas as fronteiras entre os tempos de lazer-trabalho e trabalho-lazer”²⁰⁰. No entanto, Pandora lhe lembra do número expressivo de estudantes bolsistas da PRAE [463 estudantes]²⁰¹, os quais, apesar de não possuírem vínculo empregatício, não alcançaram o “esperado” aproveitamento acadêmico naquele período investigado, tampouco perceberam sua saúde como satisfatória. O que nos leva ao embate pelo qual o corpo estudantil vive em relação as suas condições de possibilidade para se manterem na universidade, economicamente falando, pois, conciliar estudo e trabalho nos cursos em que isso seja minimamente factível, e, estudar e não trabalhar devido ao curso ser integral, impacta em suas emoções.

Construí diversos vínculos afetivos durante esse período de dois anos que me deram forças para seguir em frente. Passei por pro-

200 NAKANO et al. (2012, p. 11).

201 OSORIO (2016, p. 48).

blemas sérios de relação a um professor e um aluno que acarretou em uma baixa no rendimento acadêmico na disciplina e diversas controvérsias sobre mim, mas que a partir do profissionalismo foram solucionados na medida do possível (Aluna Brillhante).

As linhas quebradas do saber, do poder e do si mesmo formam diagramas afetivos. A economia dos afetos parece regular e contaminar a Aluna Brillhante, por meio, por exemplo, do medo, que na pandemia se intensificou, pelo qual ela tem em relação ao desamparo, à miséria, à exclusão. Assim, por exemplo, o sentimento de vulnerabilidade que ela sente caso denuncie os “problemas sérios de relação” que manifesta ter com um docente; ou também a expressão instável de seu desejo como falta a ser preenchida pelo consumo máximo de atividades de pesquisa e extensão que for capaz (o que na pandemia fica prejudicado); e, ainda que garanta talvez alguma alegria quando consegue resolver as “controvérsias” com “profissionalismo”.

Dizer que cada um é responsável por si é falso. Não existiria sociedade se não formos também responsáveis pelos demais. O neoliberalismo inventou o tal de empreendedorismo que desobriga a luta por uma vida melhor coletivamente. Bobagem! A pandemia nos obrigou a cuidar a convivência e a distância. Nos obrigou a cuidar dos nossos. Nos forçou a dar valor à vida e ao cuidado (O Professor).

O campo das relações humanas e afetivas na universidade deflagraria, a partir do momento pandêmico, um aumento no uso, e talvez na prática, da palavra “cuidado”, em que pese uma intersubjetividade. Quando O Professor usa os termos “obrigou” e “forçou”,

referindo-se a agirmos mais no coletivo que no individual, estaria em jogo uma atmosfera de uma espécie de governamentalidade²⁰², em que se delineia uma relação consigo mesmo na relação com os outros, pois ela é, nas palavras de Michel Foucault, um “conjunto das práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros”²⁰³. Na Covid-19, sendo a morte um limite, o poder²⁰⁴, ocupando-se de um suposto saber sobre os efeitos da doença sobre o corpo, passaria a costurar em suas malhas o controle sobre a vida. Sem pretensão de traçar uma linha histórica, mas de pensar que talvez ela mostre alguns pontos, poderíamos lembrar o que Birman aponta de sua leitura foucaultiana, referindo-se à modernidade, que, “com a perda do poder soberano e a constituição do poder disciplinar e do biopoder, o Estado passou a promover a vida e a evitar a morte, considerando que sua fonte maior de riqueza estaria na qualidade de vida de sua população”²⁰⁵.

202 A pesquisadora percebe a complexidade de tal conceito na trajetória intelectual de Michel Foucault, em que não apenas passaria por aspectos políticos de técnicas de governo dos outros pela segurança, saúde, educação, vida, mas também, éticos (e políticos) por meio dos quais, dispositivos como os da loucura, das instituições, da sexualidade, dispõem de saberes e poderes que subjetivam as formas de existência e, em ambos horizontes, haveriam paradoxais modos do sujeito se relacionar com suas condições de possibilidade de liberdade. No caso na pandemia, em que a Instituição-Universidade precisava gerir os recursos e as disciplinas sobre os corpos aprendizes de alguma maneira. Estes, por sua vez, ficaram de alguma forma sujeitados pelas aulas via internet, poderiam ou não, a elas comparecerem conforme os recursos (emocionais/ materiais) que eles próprios, tinham ou não, para fazê-lo. Assim, seria possível entender, ainda que de modo parcial, que as estratégias de ensino à distância adotadas na pandemia pela Educação (e os impactos governamentais que ela também sofreu), fizeram com que para uns, tenha sido a “única” via de concluir a graduação; para outros, representassem uma parada no processo de sua formação.

203 FOUCAULT (2014, p. 279). *A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade*. In: *Ditos e escritos V*.

204 Um traço distintivo do poder é que alguns homens podem mais ou menos determinar inteiramente a conduta de outros homens. Um homem espancado é um homem submetido à força e não ao poder. No entanto, se sua liberdade for aniquilada, ele estaria sendo então sujeitado. Da sujeição decorreria a passividade e servidão de um lado, mesmo porque algum grau de dependência todos temos para viver; a recusa ou revolta em potencial, de outro lado.

205 BIRMAN (2017, p. 223).

Nesse sentido, é possível pensarmos que o poder não se exerce apenas num modelo repressivo de educação, mas nas formas de sujeição, as quais, paradoxalmente, implicam-se pela dependência, em parte necessária, e pelos processos de subjetivação²⁰⁶. O processo de subjetivação como invenção de modos de vida na ambiência acadêmica caminha por entre relações de força que não param de se dobrar e se desdobrar no limiar do próprio pensamento. É nesse interjogo das relações que não podemos suprimir a ambivalência que nos constitui “sujeitos”. Se pensarmos que o controle institucional sobre os corpos pode destituir a diversidade humana para adequação dos ideais de interesses comuns, poderíamos também colocar em questão a promessa de um vir a ser do sujeito que é explorado e que prefere existir na subordinação às regras acadêmicas, do que não existir²⁰⁷. O problema não está em uns sabendo mais do que os outros, dizendo o que devam fazer, sob certos jogos de verdade, mas sim, o modo pelo qual essas tensões se estabelecem no interior de uma universidade. Para escapar de um certo aprisionamento institucional, os agentes em educação poderiam ocupar de si mesmos para se conhecerem, e, assim, governarem suas próprias ações nas relações com os outros? Seria esse um dos caminhos para pensar o acontecimento pandêmico como algo necessário para que possamos acordar do sono profundo que nos punha em servidão?

A intersecção entre educação e saúde, em meio as paisagens psicossociais desenhadas pela pandemia, não diz tudo que quer dizer sobre um processo de ensino e aprendizagem interrompido ou fatiado em pedaços, mas, pode ser capaz de fazer das relações circunscritas, uma espécie de fronteira pela qual dá-se vazão às forças que depreendem do adoecimento uma saúde. É como atingir uma

206 BUTLER (2022).

207 BUTLER (2022).

zona de indeterminação no mapa afetivo dos caminhantes da pesquisa. Sob um olhar antropológico, Lis'Árida toma emprestadas as palavras de Anna L. Tsing, em seu livro que explora a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo: “se a sobrevivência sempre envolve alteridade, ela também está necessariamente sujeita à indeterminação das transformações de si e dos outros. Colaborações nos transformam, seja no interior de nossa espécie ou entre espécies distintas”²⁰⁸. No território de um corpo estudantil e de um corpo docente que se elevam as cicatrizes da pandemia, o que se espalhava por suas epidermes, parecia ser um vírus potencialmente mais forte, o da colaboração.

Lis'Aliança encontra nas palavras d'O Professor, que, ao se referir à Aluna Brilhante, diz que *não conseguia olhar nos olhos dela, não conseguia sentir seu cheiro*. As aulas remotas, a dissipação dos modos de produzir conhecimentos, afetos, trajetos no interior do Castelo, estavam, naquele momento, numa espécie de heterotopia inominável. O virtual se misturando com um passado remoto. A aula que podia ser revista, os dias da semana sem uma demarcação do limiar trabalho e lazer, as horas se alargando na pulsação dos dias sem fim, de um esconderijo que abrigava corpos em desfazimento. Uma aluna sem cheiro, sem rosto numa aula on-line; uma ausência presente nos *campus*.

Lis'Anacrônica no tique-taque de Pandora, lê um bilhete sobre os alunos que tinham perdido as bolsas da PRAE em um passado não muito distante:

Deixaram de ser bolsistas porque mudaram sua condição socioeconômica; conseguiram estágio remunerado ou trabalho. Deixaram de ser bolsistas porque não precisaram mais do transporte, se mudaram para perto do lugar de suas aulas. Deixaram de ser

208 TSING (2022, p. 75).

bolsistas por um estado de distração que lhes roubou o atino de cumprir prazos estabelecidos para reavaliação e entrega de documentos. Deixaram de ser bolsistas por contínuos aproveitamentos abaixo dos 70% esperados – e exigidos²⁰⁹.

Sendo as bolsas uma forma de manutenção do vínculo com a universidade devido às parcas condições de vida material desses alunos, deixar de ser bolsista é quase uma aniquilação da vida acadêmica. Perder a bolsa não quer dizer apenas o dinheiro em si, mas também a gratuidade das refeições no Restaurante Universitário e a Moradia. Logo, se antes da COVID-19, essa questão econômica lhes afligia, com o crítico momento pandêmico, vulnerabilidades invadiram as intersubjetividades com mais força (*a Universidade passou a ser terceira coisa. Casa, sustento, saúde mental. Não consegui me dedicar propriamente à universidade, principalmente pela questão financeira*), fazendo-as se deslocarem, vagando por algum tempo indeterminado, procurando um pedacinho de terra para se refazerem (*toda união que eu tinha com colegas e professores se disperso*). Entre “a bolsa ou a vida?”, slogan propagado nas sendas políticas governamentais na relação com o Coronavírus, o circuito dos afetos que passava a assolar as existências discentes parecia uma espécie de mãe que nada refletia, desvitalizada ou hiperresponsiva, encobrando os déficits do mundo universitário, desinvestindo nas pesquisas, anunciando falhas empáticas que desnudavam o vazio. Precisando aprender a conviver com os cortes na Educação, com a ausência do olho-no-olho ao vivo, com a falta da interação presencial pelos corredores e nas aulas, alunos e professores manifestam também que são capazes de aprender a ressignificar os vazios cotidianos juntamente com a devastação de uma humanidade carente de senso coletivo.

209 OSORIO (2016, p. 65).



O acontecimento pandêmico atinge as coletividades e das marcas deixadas nos corpos educacionais, produzem afecções que podem fazer algo neles durar. Diante de um perspectivismo nietzschiano, seria possível pensar o Contágio sob diferentes ângulos. Isso faz Lis'Agora voltar à ideia da pandemia enquanto trauma. Se traumas permanecem latentes, criam medos e enfraquecimento na potência de agir dos agentes educacionais. Lis'Árida quer encontrar respiradouros em que os afetos possam atravessar um tempo proustiano que, em ritornelo, tracem forças inventivas do ser. Seria possível? Como afirma Guattari: “Sempre vejo o traumatismo mais como uma construção, do que como alguma coisa sofrida”²¹⁰. Que re-construção seria necessária para fazer das cinzas um voo pássaro?

Para o psicanalista Joel Birman, tal acontecimento pandêmico fez com que as atividades sociais e econômicas ficassem suspensas no mundo todo, transformando “de forma radical formas de vida e de sociabilidade, que remetem seja para relações singulares do sujeito com o seu corpo, seja para relações plurais do sujeito com o Outro em diversos contextos, assim como nas suas mais variadas formas de existência”²¹¹. As marcas são de alguma forma as modificações que ocorrem no corpo, e cada “sujeito”, reage ao advento contingente conforme sua bagagem psíquica, suas condições emocionais e materiais de lidar com a situação e sua inserção em um campo relacional. Enquanto com Nietzsche podemos entender que “na dor há tanta sabedoria como no prazer”²¹², em que precisamos aprender a viver com a energia diminuída tão logo soe o alarme de algum perigo se aproximando -; com Gabor Maté, podemos entender que o “trauma é a força invisível que molda nossas vidas”²¹³.

210 GUATTARI (1991, p. 16)

211 BIRMAN (2020, p. 14). O trauma na pandemia Coronavirus.

212 NIETZSCHE (2012, p. 188). Gaia Ciência. [Aforismo 318 - “Sabedoria da dor”].

213 MATÉ (2021). Documentário.

Para além dos arquivos individuais ou coletivos que definem um inconsciente que não quer lembrar daquilo que viveu, poderíamos nos colocar abertos aos acontecimentos, aos seus deslocamentos e às novas territorializações das quais temos a chance de transpor dor em conexão. Se há cicatrizes que paralisam, há também as frestas que se abrem à elaboração. Com efeito, o sujeito, imanente ao seu traumatismo²¹⁴, é capaz de fazer dos laços sociais no ambiente educacional, uma ética existencial (*através do apoio da universidade consegui concluir esta etapa final, porém tive apoio de colegas e professores que foram fundamentais*).

Se quisermos falar a língua das normatividades, bem como ao que escapa delas, falaremos que uma patologia não é uma patologia sozinha. Se traumas permanecem em pulsação e a política do desamparo cria fobias e depressões, precisamos olhar para as sensibilidades que animam a multiplicidade no interior da vida na universidade. Para que isso aconteça, quando atravessamos um momento de inúmeras incertezas, somos “obrigados” a abrir a porta ao desconhecido. A velocidade da experiência de se perder contorna as transformações que a porta da pandemia Covid-19 deixa aberta. As coisas perdidas pelas ruas das aprendizagens são pistas para guiar o presente, e a bússola afetiva é simplesmente saber-mo-nos perdidos. Se, “não se perder nunca é não viver”²¹⁵, entre perder-se e achar-se, há um interstício, uma terra insólita de descobertas. Perder-se como uma arte de escapar da identidade que nos acorrenta e com isso arriscar nossa entrega ao acaso dos encontros. Assim, pela via dos encontros e da movência de um caminhar em meio à vida, somos capazes de habitar outros modos de existir.

214 SOLER (2021, p. 22).

215 SOLNIT (2022, p. 18). Una guía sobre el arte de perderse.

**7 subjetivações
caleidoscópicas**

Pensar os modos de existência estudantil, nas composições que fortalecem uma vida ou nas decomposições que afastam uma potência que lhe é própria, é algo que acompanha Lis’Agora. Ela carrega na reciprocidade entre seu corpo e alma, diferentes modos, modos que se fazem de uma relação ora lenta, ora veloz, naquilo que é capaz de pensar e se deixar afetar. Desliza por entre suas multidões: a louca, a andarilha, a pesquisadora, a aprendiz, a cartógrafa, a psicóloga, a servidora pública, a escritora, a curiosa, a passarinha, a toupeira, a conservadora, a transgressora... tantas e ao mesmo tempo sem uma identidade definida. Ela pensa com Fernando Pessoa: “eu não sou nada, nunca serei nada, não posso querer ser nada, à parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”²¹⁶. Cada Lis’Afeção experimenta um estado afetivo ao encontro com os outros corpos da pesquisa, em que a imaginação decorrente das ideias inadequadas dessas afecções em seu corpo, servem de trampolim para outros lances de dados naquilo que sente a vida ser afirmada. É sempre por meio dos encontros que nos recriamos.

Imerso na época da modernidade do século XVII em que o homem estava preso nas sombras da consciência, nos dogmas, nas cisões que era capaz de fazer para suportar as ambiguidades, os fantasmas de finitude, as culpas morais -, Spinoza busca sob o método da *Ética*²¹⁷, construir uma espécie de máquina de guerra contra superstições apresentando um percurso para a liberdade humana.

216 PESSOA (2016, p. 290). Tabacaria.

217 Na compreensão que Deleuze nos oferece acerca de Spinoza, menciona que há três éticas dentro da *Ética* spinozista, a qual é composta por 5 livros. Elas seriam: 1. Signos ou AFECTOS (1º gênero do conhecimento – nossa capacidade de imaginar/sentir); 2. Noções ou CONCEITOS (2º gênero do conhecimento: nossa capacidade de pensar); 3. Essências/ Singularidades ou PERCEPTOS (3º gênero do conhecimento, referindo basicamente ao Livro V: nossa capacidade de ver/ouvir/intuir/agir). Vide: DELEUZE (2013). Carta a Rédia Bensmaïa, sobre Espinosa. In: Conversações, p. 208-210; DELEUZE (2011). Espinosa e as três éticas. In: Crítica e Clínica, p. 177-193.

Dessa forma, ele pensa a existência do homem a partir de uma substância única e infinita que é Deus, não como um ser transcendente como nas religiões, mas como uma Natureza Naturante, a qual é causa de si mesma e da qual advém todas as formas de vida. O homem, nessa direção, é constituído pelos modos ou modificações dessa substância, cujos meios de suas expressões são os atributos: o atributo extensão (o corpo) e o atributo pensamento (a mente). Somos, pois, um grau de potência, uma essência singular, modos de expressão dessa Natureza Naturante, sobretudo por aquilo que podemos em ato, aqui e agora. Nossos atributos (corpo-pensamento) se expressam sob o registro de um verbo, as afecções são as expressões dos modos.



Os trajetos do Castelo dos Saberes talvez pudessem cruzar pelos três gêneros do conhecimento que Spinoza demonstra em sua *Ética*. O primeiro gênero do conhecimento é o gênero da consciência, pelo qual um agente em educação recolheria apenas os efeitos das coisas que imagina como causa (o professor considera que a ausência do aluno em sala de aula é por alguma situação que ele imagina, mas não a sabe de fato).

O segundo gênero do conhecimento é o gênero da razão, mas não aquela Razão que queria eliminar as sensibilidades e os afetos, mas a que estabelece relações entre as coisas e permite alunos e professores se comporem com os signos que vêm do Fora. Se, os efeitos dos acontecimentos em seus corpos que os faziam imaginar alguns porquês, se transformam numa relação de força com suas naturezas (a capacidade do estudante em ir às aulas, participar de diretórios acadêmicos, escrever trabalhos científicos e reconhecer

que tudo o que lhe compõe afeta sua disposição ou cansaço) -, conseguem estabelecer uma zona de contato com aquilo que lhes afeta.

Mas imaginar as causas das ausências dos alunos em sala de aula pelos efeitos, compreender as relações de ensino e aprendizagem que lhes afetam com outros corpos, não abrem caminho para o homem do pensamento que cria algo novo em liberdade, pois é preciso, pelo terceiro gênero do conhecimento, conhecer as coisas pelas causas e desse modo, construir linhas de vida que produzam consonância com sua essência que é da ordem de um desejo ativo de alegria, a cada passo, a cada ato, expressos sempre em singularidade (os laços sociais e os vínculos com a instituição que o aluno é capaz de realizar tece sua expressividade tanto melhor quanto maior essa conexão em consonâncias aos seus modos de ser e estar no mundo).



Pensamento e afeto caminham juntos e se efetuam no corpo em elementos desenhados por: Partes extensivas em composição (trajetos); Intensidades (afetos); Conexão com o desejo (devir). Lis'Anda encontra traços discentes nos docentes e marcas dos docentes nos discentes, misturando-se, cruzando-se e coexistindo. Enquanto O Professor observa a Aluna *apática*, *sem olhar crítico*, *sem preparo e sem condições para inter-relacionar os conteúdos*, o que o faz decompô-lo em um modo de servidão pela impotência que a ideia daquela jovem lhe afeta; a Aluna observa O Professor *dando aula sentado e olhando pra tela do pc*, *sem o mínimo de empatia e vontade de ensinar*, imagem que produziu um efeito de tristeza na mente dela, despotencializando seu corpo curvado sobre a classe. O intercâmbio afetivo que ocorre em sala de aula, mesmo sob o escrutínio das telas de uma *WEBCONF* no período pandêmico, parece demonstrar a natureza

projetiva que uma imagem confusa é capaz de exprimir, tanto pelas marcas que tais agentes da educação efetuam no exterior, quanto pelas marcas que, reciprocamente, são impressas sobre seus corpos²¹⁸.

Assim, podemos dizer que nossas experiências, nossa história, nosso saber, tudo que supomos ser próprio, é, na verdade, constituído por traços das maneiras como as coisas nos afetam, pelos vestígios de causas exteriores, de misturas confusas a nossa natureza. E esses rastros de outros corpos nos dão a ilusão de uma interioridade, quando é uma exterioridade que carregamos por meio de restos que fazem com que o outro continue em nós, apesar da ausência. A comunicação entre interior [expectativas daquela Aluna em aprender com um docente mais “empático”] e exterior [gestos do professor] conserva a forma do corpo da aprendiz em movimento ou repouso, sair ou ficar na aula, olhar os slides com mais atenção ou se escorar na parede e pensar na fila do Restaurante Universitário. No entanto, isso não implica um fechamento em uma identidade-estudante imóvel, afinal “o modo se move sempre entre-dois -, lugar de todas as trocas entre interior e exterior, pois é perpetuamente afetado”²¹⁹. De um lado, o fora é dentro, de outro, o dentro, é fora. Como uma de fita de Möebius²²⁰, por onde Lis’Anda percebe que há inúmeras movências nos modos de existência da Aluna Brilhante, em contradição e em composição. Os gêneros do conhecimento descritos por Spinoza, são modos de existência e de expressão de nosso estado atual, por meio do qual comparece um corte daquilo que faz durar

218 JAQUET (2011, p. 363). Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*.

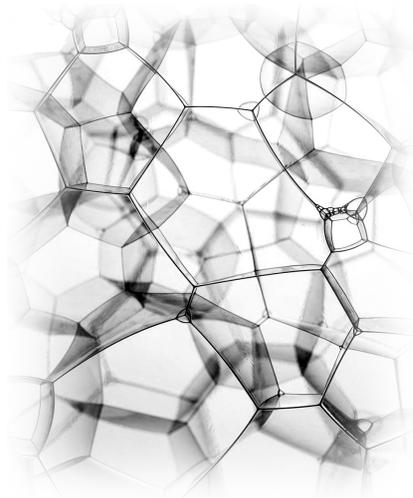
219 JAQUET (2011, p. 359). Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*.

220 Uma fita de Moebius, também chamada de faixa de Möbius, é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma faixa, após efetuar meia volta numa delas. Deve o seu nome a August Ferdinand Möbius, matemático que a estudou em 1858. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_de_M%C3%B6bius.

e determinar o aumento ou diminuição de nossa ação. Passagens e devires em variações contínuas de potência de um estado a outro são afetos enquanto signos vetoriais (alegria-tristeza). Já os signos escalares são afecções, sensações ou percepções.

A imagem de um CALEIDOSCÓPICO ajuda a pesquisadora a entender o que Spinoza diz em sua *Ética* sobre os modos serem figuras geométricas. Elas são fluentes, isto é, quando os corpos educacionais, em suas cinéticas e dinâmicas, em suas velocidades e lentidões, entram em contato uns com os outros, eles deixam passar alguma luz e formam uma zona de contato que os relaciona em um campo de forças. A sombra de um signo é seu efeito sobre nós e ela se move na superfície entre dois corpos e se localiza na borda -, “por isso conhecemos os corpos pela sombra que fazem em nós, e por nossa sombra que nos conhecemos, a nós mesmos e ao nosso corpo”²²¹.

Signos, nessa perspectiva, são efeitos de luz das coisas que se chocam nos encontros fortuitos. Em Spinoza tudo é luz e o Sombrio não passa de um efeito de luz sobre os corpos que refletem (afecção) ou absorvem (afeto), em variações de aumento, esclarecimento, diminuição, assombreamento. Dessa maneira, um modo estudantil manifesta-se pelas imagens ou marcas corporais que ele expressa pelos efeitos das modificações que acontecem na



221 DELEUZE (2011, p. 180). Espinosa e as três éticas. In: *Crítica e Clínica*, p. 177-193.

passagem vivenciada de um estado a outro. Essa transição das afecções são os afetos, seja pelas ações que derivam de sua essência, seja pelas paixões que advêm do exterior. Assim, tudo o que existe são os modos, que nada mais são que afecções que correspondem ao estado afetivo do corpo por meio da ideia que ele acolhe e a potência de agir implicada no afeto em suas variações.

O esforço da *razão* no intuito de organizar as relações entre a presença dos corpos afectantes na cena da sala de aula anteriormente mencionada [slides, sala escurecida, colegas olhando celular, professor explicando] e o afeto correlativo [tristeza-desânimo], pode transformar aquele signo inequívoco de uma “aula cansativa” [imagem do primeiro gênero do conhecimento], em uma noção comum relativa ao segundo gênero de conhecimento [quando a Aluna entende, por exemplo, que o jeito de ensinar de alguns professores dá-se dessa maneira] e que, por mais que tal maneira não se componha com o corpo da aprendiz, conhecer isso que lhe é causa, poderia ser um dos caminhos para agir diferentemente sobre sua essência singular [terceiro gênero do conhecimento], como uma forma unívoca de seu aprender. Nessa direção, enquanto a metafísica que separa a mente do corpo deixaria a aluna sentindo-se culpada por não prestar atenção naquela aula, até porque carrega o peso do próprio cansaço pela louça que deixou na pia para sua colega de quarto lavar e por não ter conseguido enviar o trabalho da disciplina do dia anterior -; a imanência que discorre sobre a univocidade do ser, pode ajudar a aluna a efetuar sua potência de agir, maior ou menor, dadas algumas condições que não são dadas de antemão, a viver aquela aula como uma experiência necessária.

A voz firme e generosa da docência, por exemplo, passa pelo corpo da aluna, enchendo-a de entusiasmo ou desconfiança conforme aquele sopro se compõe com a natureza da aprendiz naquele ins-

tante. Assim, um modo de existência é um grau de potência que se exprime numa conexão com determinadas partes [voz, olhar, gesto educador] e sucumbe infinitas outras partes [lembranças, temperatura corporal, cadeira desconfortável], dando a ver no tempo e no espaço uma composição, a cada encontro. Se existir é ter um corpo atual em sua infinidade de partes extensivas, “a passagem à existência nunca deve ser compreendida como uma passagem do possível ao real”²²², tendo em vista que a imanência dos encontros que dão contorno ao existir expressa uma necessidade. O virtual “nunca é independente das singularidades que o recortam e o dividem no plano de imanência”²²³. Com efeito, as subjetivações estudantis são manifestações daquilo que podem em ato germinarem de aberturas, por meio das quais nova vida emerge no campo educacional, impondo rupturas que criam mundos.

A clínica grupal como política sensível, sob uma ética spinozista, precisaria dissolver “eus” docentes e estudantis, e desatar alguns “nós” emaranhados nas linhas que compõem e decompõem as cartografias da vida na universidade. As subjetivações estudantis, em meio a esses trajetos, desenvolvem-se junto a um *socius*, em intensidades intersubjetivas, construindo seus modos de ser, pensar, agir em consonâncias com seus desamparos sociais, seus vazios existenciais, seus anseios pelos afetos que atravessam suas vivências acadêmicas, que interagem com sua aprendizagem. Nesse sentido, parece pertinente pensarmos com Guattari, o conceito de subjetividade enunciado em sua obra *caosmose*, no qual engloba “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com

222 DELEUZE (2017, p. 234). Espinosa e o problema de expressão.

223 DELEUZE; PARNET (1998, p. 174). Diálogos.

uma alteridade ela mesma subjetiva”²²⁴. Um modo, portanto, pode ser a manifestação de uma transitoriedade afetiva, advinda de encontros que fazem algo compor e decompor nos corpos educacionais. Há modos mais permeáveis e abertos ao devir e há modos que se fixam e produzem padecimentos. Há forças ativas e passivas que circulam em ato, naquilo que dá a ver uma potência de vida. Nesse percurso, Lis’Andando encontra dez Subjetivações como variações de potências, como territórios existenciais emergentes, que vão se constituindo a cada tempo de um jeito, coexistindo com outros, carregando marcas de alguns, rompendo traços de outros. Movimentos (caleidoscópicos) que se compõem com os corpos (fractais), em multiplicidade. As três primeiras, têm como ponto de partida a Dissertação (OSORIO, 2016) e aqui sofrem modificações.

7.1 subjetivação capitalística

Segundo Deleuze e Guattari²²⁵, “o capital é um ponto de subjetivação por excelência”. Isso nos faz perceber o sistema educacional tendo o desejo de seus agentes capturado. Não é apenas o aluno que aposta em uma imagem de sucesso por meio de um diploma. É também o professor que tem seus finais de semanas roubados para dar conta de sua produtividade científica. Uma linha molar que estrutura as relações de forma hierárquica por afetos de servidão. Uma submissão à imagem de um pensamento representacional e dogmático que reproduz relações de dominação, ora sutis, ora violentas, numa sociedade que Deleuze chamou de “controle”²²⁶ e Han de “desempenho”²²⁷ como já mencionado.

224 GUATTARI (2012, p. 19). Caosmose.

225 DELEUZE; GUATTARI (2011, p. 90). Platô 5. Sobre alguns regimes de signos. In: Mil Platôs, volume 2.

226 DELEUZE (2013, p. 222). Controle e Devir. In: Conversações. p. 213-22.

227 HAN (2017). Sociedade do cansaço.

O instável afeto da esperança pelas ilusórias garantias criadas por meio desses “bens intelectuais”, que falsamente os agentes educacionais “escolhem” para si -, os aprisionam ao primeiro gênero do conhecimento, sob o vórtice do sistema econômico e social que engessa sua existência ao que “imaginam” que um “outro” espera que eles façam. Ou seja, quando depositam em algo exterior a si próprios (o reconhecimento do outro, o dinheiro), sentem-se como que prisioneiros desse labiríntico contexto, em que a subsistência se faz premente.

A obrigação de ter obrigações que alicerçam o fundamento da engrenagem capitalística segue cortando fluxos de vida na universidade, fazendo com que as segmentariedades endurecidas entrem em decomposição com os corpos estudantis, seja por exemplo, devido as suas sexualidades, aos seus valores, catalisando momentos de parada no processo acadêmico por afetos escravos diante das feridas deixadas pela “fortuna”.²²⁸ É o que, em parte, podemos observar na fala da Aluna Brilhante: *a faculdade, projetos e pesquisas ficaram em segundo plano e a emergência capitalista para sobrevivência prevaleceu*. Sim, é difícil aprender de barriga vazia e se concentrar nas aulas se a preocupação está na incerteza de conseguir pagar o aluguel -, o primeiro plano é a sobrevivência. De tal modo que é possível ouvirmos a voz da filósofa Anne, quando diz: “há a brutalidade das condições de sobrevivência material, há o deserto espiritual e afetivo no qual os seres são capturados”²²⁹.

Estar na universidade é uma obrigação que me fazem acreditar necessária, diz o Discente Mutante. E isso, ultrapassa os domínios de pro-

228 Ópera *Carmina Burana* composta por Carl Orff entre 1935 e 1936, em plena Segunda Guerra Mundial. O *Fortuna* é um dos 254 poemas que fazem parte dos manuscritos de *Carmina Burana*, criado aproximadamente entre os anos de 1100 e 1200. Este poema é dedicado à *Fortuna*, deusa romana da sorte e da esperança. Vídeo da ópera legendado disponível em: <https://youtu.be/OYAtC5qYP2w?si=NwXILtHzBJVUCjj3>.

229 DUFOURMANTELLE (2013, p. 59). Potências da Suavidade.

dução de conhecimento dito “científico”, pois aquilo que configura um dever oblitera o caminho das coisas que são necessárias. Nietzsche, após se dizer surpreso em saber de seu precursor Spinoza, publica em 1882 a *Gaia Ciência*, na qual pelo aforismo 109 diz que “há apenas necessidades: não há ninguém que comande, ninguém que obedeça, ninguém que transgrida”²³⁰. O que é mais útil ao homem é aquilo que se coaduna com seu corpo na singularidade de sua existência e não determinada pelo rebanho²³¹. A conjunção entre Spinoza e Nietzsche acerca da negação do bem e do mal, os fazem se afastar da ordem moral que está a serviço de outrem.

Infelizmente em decorrência da carga de trabalho alta, foi bem difícil de me dedicar da forma com que dedicara na primeira parte [anos iniciais, antes da pandemia], no entanto dei meu melhor e com muito sofrimento finalizei minha trajetória (Aluna Brilhante). Se buscamos alcançar o que nos causa alegria e prazer e esforçamo-nos a evitar tristeza e dor, - ainda que isso possa parecer hedonista ou mesmo se aproximar do princípio do prazer freudiano-, podemos, em alguma medida, sermos capazes de entender o que é “bom” ou “mau” para nós, não o fazemos segundo fantasmas repressores, mas na liberdade pela qual a razão pode nos levar pela mão a alcançar. Razão esta que não é uma razão iluminada por algo externo a si. Saber conviver ou mesmo dominar as emoções [*no entanto dei meu melhor e com muito sofrimento finalizei minha trajetória*], - iria, talvez, ao encontro do que a psicanálise pode chamar de elaboração, assim como à capacidade de entendermos tais afecções como inevitáveis. E isso se aproximaria do amor *fati* estoico-nietzscheano, *amor intellectualis dei*²³² spinozista, os quais nessa subjetivação capitalística precisam encontrar as saídas

230 NIETZSCHE (2012, p. 127).

231 Menção nietzschiana como uma crítica aos modos de servidão humana.

232 Amor ao destino e amor intelectual à deus (à natureza), termos abordados nos Livros 2 e 3.

pelos caminhos sinuosos e eternamente repetidos da própria vida, em seus ritornelos afetivos.

7.2 subjetivação fugitiva

Em que medida construímos uma vida não fascista, sem os domínios da intolerância e sem fazer das revoluções os próprios escapulários dos quais queremos nos libertar? Como não fazer do escape de dogmas, outros tipos de dogmas? “A crítica consiste em caçar esse pensamento e ensaiar a mudança: mostrar as coisas que não são tão evidentes quanto se crê”²³³. Nas paredes invisíveis do Castelo dos Saberes, os alunos pareciam ter pichado que “fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia”²³⁴. Pandora, já em 2014 e 2015, havia percebido que escapar dos modos alienantes que certas condições econômicas, familiares, institucionais, sociais, religiosas impulsionam, engendra fluxos outros que bordejam frestas de ar livre, afinal, “fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga”²³⁵. Contudo, uma fuga exige prudência para não entrar num caos sem fim. Por vezes, uma fuga pode levar a lugares vulneráveis. A desterritorialização que envolve essa subjetividade pode ser traçada em conjunto, para que novas territorializações insurjam, uma passagem em condições de sensibilidade. Ao fugirem de coisas que os afetam, os alunos são capazes de tramar dos vazios que lhes asfixiam, dos sofrimentos que lhe sufocam, um caminho outro, em desvio.

Entre alguns escritos da Aluna Brilhante, Lis’Anda percebe que esse modo subjetivo outrora encontrado por Pandora, viceja, ainda hoje, quando aquela escreve assim:

233 FOUCAULT (1977). Introdução à vida não fascista. Prefácio Anti-Édipo.

234 ZOURABICHVILI (2004, p. 47).

235 ZOURABICHVILI (2004, p. 47).

Fui diagnosticada com depressão quando criança, sempre vivi em uma montanha russa e sem os meios necessários para promover melhora no quadro. Com isso, desenvolvi certos “vícios” que me auxiliavam a esquecer o caos que existia ao meu redor, eu achava válvulas de escape. Durante a adolescência, a leitura de livros era a minha fuga, eu tentava esquecer do mundo real sempre que possível. Quando entrei para faculdade ela também se tornou uma fuga. No início, de forma bastante moderada, meus primeiros semestres eu não era exatamente a pessoa mais atenta da face da terra, principalmente porque sofri duas perdas²³⁶.

Diante de uma história de vida sofrida, a Aluna traça linhas que escapam da fixação de seu corpo em um modo adoecido. Ela também manifesta sua condição de fugitiva quando encontra outros espaços para (sobre)viver no Castelo, quando menciona assim: *eu “enfrentei” a crise ocupando o meu tempo com a faculdade, assumindo o diretório acadêmico do meu curso, ao ponto que eu passava o dia inteiro no campus e odiava a hora de ir para casa porque isso significava que eu precisava parar e pensar em como eu me sentia.* Fugindo de seus próprios afetos encontra novos meios que, embora a distanciassem de si mesma por um lado, a faziam se conectar com outras forças políticas e sociais. Assim, a passagem da tristeza pelo seu corpo produziria um efeito depressivo, o qual, mesmo sem entender exatamente suas causas [duas perdas], desenvolve uma espécie de fuga alegre no encontro com os livros em alguns momentos; e uma fuga reacionária no encontro com o diretório acadêmico, em outros. Algumas circunstâncias poderiam fazer com que a Aluna escutasse a voz de Clarice dizendo que “basta silenciar para só enxergar, abaixo de todas as realidades, a única irreduzível, a da existência”²³⁷, pois, fugindo dos silêncios que gritavam seus sentimentos quando chegava em casa, preferia traçar seu desvio

236 Aluna Brilhante. Escrita de si (julho/2022).

237 LISPECTOR (2022, p. 31). Perto do coração selvagem.

rumo aos encontros com outros estudantes, o que aumentaria sua força ativa. Mas se aproximar do coração selvagem dessa existência é enxergar muitas outras acopladas coexistindo.

Algumas vezes, pelo meio do caminho das fugas, os estudantes podem esquecer o próprio destino no silenciamento dos seus desejos. Como se os acontecimentos no mundo universitário fossem sentidos como signos sensíveis em que aquela sensação alegre de estar escapando de algo doloroso fosse então barrada pelo tempo que se perde dos signos amorosos [por amor aos livros e aos movimentos estudantis, a Aluna sofre o interdito da Instituição que lhe diz para frequentar mais as aulas]. Perder tempo não é suficiente para dele extrair alguma verdade, diria Deleuze acerca da *Recherche proustiana*, pois podemos reconhecer “as coisas sem jamais as conhecermos”²³⁸. A questão que fica é: se essa linha flexível que faz correr o desejo aprisionado se liga a linha do tempo redescoberto daquilo que a estudante pode em ato afirmar sua saúde com mais força, ela seria capaz de fazê-la compreender as causas de sua fugitiva subjetivação? Do que ela quer escapar?

7.3 subjetivação ritornelo

Os espaços infinitesimais entre uma melodia alienante e uma nota alegre, movimentos de desabitar lugares que aprisionam e movimentos que fazem ocupar espaços outros em condições de transitoriedade, são capazes de fazer os agentes educacionais criarem uma música para afirmar mais vida em suas vidas. Movimentos subjetivos que fazem germinar algo em uma territorialização, que podem estar fora do território, mas carregam consigo uma consistência e elementos heterogêneos em vias de se desterritorializar. Em relação

238 DELEUZE (2010, p. 26). Proust e os signos.

aos estudantes, é possível observar, que, ora eles vivenciam as frestas da liberdade (ocupações, performances, movimentos estudantis, reivindicação de espaços culturais), ora incorrem em representações endurecidas (ao verem-se obrigados a algo), ora furam o tecido das relações com o que lhes afeta (quando consegue um modo de ser e estar que produz diferença); ora se encarna em uma representação endurecida; ora se transforma em sons que abrigam o espírito com suas frestas que o deixam livre; ora em fragmentos virulentos de enunciação que rasgam o tecido das relações com o seu entorno (quer um social, um psicológico, um ambiental). Traçando ritornelos e percebendo que o intolerável mexe com as formas sedentárias do pensamento, criam devires.

7.4 Subjetivação à flor da pele

Algumas vezes os habitantes do Castelo parecem andar à “flor da pele”²³⁹, a ponto de seus desejos se confundirem “com a vontade de não ser, um barco sem rumo sem vela”. A pele, nos diz Paul Valéry, “cobre tudo aquilo que somos; é o invólucro, a embalagem que contém de órgãos a sonhos; ela cobre nossos pensamentos, abriga nossa alma”²⁴⁰.

Os acontecimentos entre falas, escritas e transversalidades que compuseram com o corpo de Lis’Anda nesse percurso investigativo são profundos e sensíveis. *Viver e ir descobrindo a própria vida*, disse O Professor cheio de sensibilidade. O que nos constitui passa necessariamente pela pele. A gente sente na pele o que nos acontece. Pele palavra. Pele colo. Pele contexto. Pele olhar. Pele escuta. Pele fronteira. Pele abismo. Pele abraço. Pele desejo. Pele cansaço. Pele com beijo. Pele com a pele do mundo. Pele com pele esteio.

239 Música de Zeca Baleiro

240 VALÉRY, Paul. O mais profundo é a pele. [s/n].

Nas frestas dos afetos que circulam. Nas superfícies dos territórios que habitamos e a partir dos quais realizamos trocas, experiências. Na melhor das hipóteses, sentimos na pele as dores nossas e as do mundo. O resto é anestesia gélida que paralisa o fluxo, como diz a Aluna Brilhante: *tive um semestre trancado, pensamento suicida constante e nenhuma vontade de continuar o curso.*

Se apreendemos o mundo com a pele, aprendemos a nos reconhecer por meio de um sentimento singular construído no “entre” de afecções e afetos, a partir das relações com pessoas, coisas, lugares, que nos tocam. Atravessa fronteiras na superfície da pele, tecendo conexões e povoando acontecimentos. Ainda que a ‘matriz’ desse tecido esteja na infância, é a ‘matrix’ que condiciona nossas im.potências por vezes em apegos de insegurança fazendo murchar a nossa pele. Seria preciso criar um “matiz” que pinte novas cores possíveis à pele capaz de se transformar. Por vezes, o preconceito que toca as peles negras, fazem das máscaras brancas uma violência sem fim. Experiências percebidas como discriminação, tanto no nível individual como institucional, frequentemente relatadas (69,4%) no estudo²⁴¹ em uma universidade paulista, precipita prejuízos na saúde emocional dos estudantes. Entre os estudantes formandos 2022/1 da UFPel, Lis’Anda observa que 62,5% dizem ter sofrido alguma discriminação durante a graduação.

Se, como nos diz Nietzsche em *Gaia Ciência*, “viver – isso significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge”²⁴²; se, a vida torna-se mais potente pelo que temos em nós de “sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade”²⁴³;-; o de-

241 JUNIOR, *et al.* (2016).

242 NIETZSCHE (2012, p. 12). *A gaia ciência*. [aforismo 3 do prólogo].

243 NIETZSCHE (2012, p. 12). *A gaia ciência*. [aforismo 3 do prólogo].

masiadamente humano em nós precisa ser suplantando por outras sensibilidades.

Justamente nessas linhas sensíveis de uma subjetividade epidérmica²⁴⁴, Lis²À.flor.da.pele reencontra Pandora e a pede para lhe mostrar novamente aquela carta que um dia recebera do Discente Mutante. Nela estava escrito:

Estou demasiado enjoado desse ambiente de estudantes. A maioria das experiências que tenho tido com eles me deixam doente e com vontade de me isolar. Me refiro aos escrotos que acabam ganhando importância e visibilidade naquele lugar chamado casa. O desrespeito foi surreal quando um deles quis mais que dois pães, berros e brigas num café da manhã. É tenso. Sou sensível e estou cansado dessa coisa toda. Reunindo forças para enfrentar mais um semestre no restaurante universitário. Adoro a comida, nunca comi tão bem em toda minha vida. Queria evitar topiar com a galera esquerdista, anarquistas, pseudo intelectuais que se acham comunistas, bando de intolerantes. Bullshit²⁴⁵ e bla bla bla, skinhead²⁴⁶ ou coisa parecida punk anarquista libertário traga sua maconha, crianças morrem por causa do tráfico de drogas, outras ainda vão presas²⁴⁷.

Há muitas subjetividades à flor da pele que poderíamos apre-

244 Composição da camada mais superficial da pele, a epiderme, que funciona como barreira protetora do corpo, e a derme, que garante a elasticidade e a resistência da pele.

245 Besteira ou papo-furado em inglês.

246 *Skinhead* (do inglês) significa “cabeça raspada”. Engloba uma subcultura originária dos jovens da classe operária no Reino Unido no final dos anos 1960 e, mais tarde, espalhada para o resto do mundo. A moda skinhead apresenta um estilo particular de se vestir (que costuma incluir botas e/ou suspensórios), o culto à virilidade, ao futebol e ao hábito de beber cerveja. A cultura skinhead é também ligada à música, especialmente ska, skinhead reggae, streetpunk, mas também punk rock e hardcore punk. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Skinhead>.

247 OSORIO (2016, p. 59).

ender das relações que os estudantes estabelecem com o mundo e consigo. Na psicanálise, por exemplo, poderíamos pensar com Freud [1923] que “o corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente”²⁴⁸, em que o “eu” é, antes de tudo, um eu corporal pelo que projeta em sua superfície. Pensaríamos ainda, com Didier Anzieu [1974], na metáfora do eu-pele, em que ele argumenta as influências biológicas e sociais naquilo que venha ser alvo do olhar do outro sobre a nossa “pele”, num limiar entre o self e o mundo em que muitas vezes se apresenta como uma “sensação difusa de mal-estar, sentimento de não habitar sua vida”²⁴⁹: *reunindo forças para enfrentar mais um semestre no restaurante universitário*. Isso porque a pele é o que protege, sustenta, sensibiliza, excita inumeráveis acontecimentos factuais, subjetivos e físicos. *É tenso. Sou sensível e estou cansado dessa coisa toda*. Como um prenúncio de um senso de identidade, o eu-pele abre caminho para a linguagem, o que na clínica pode ser vivenciado como um tear sobre a pele que se esvazia, costurando a fina camada que se irrompe pela angústia, dando vazão para uma libido outrora renegada. Nas fronteiras entre o eu psíquico e o eu corporal, o eu-pele forja uma película que diferencia o dentro e fora, uma formação narcísica primária capaz de considerar a vida subjetiva um encontro com o mundo. Sou tocado, logo existo! Para fazer das porosidades necessárias nesse percurso uma abertura de poros que permita o sentir, há um longo caminho. A descarga de tensões e os deslocamentos de afetos não ditos, não traduzidos, muitas vezes se somam à psiquê, transbordando suas erupções na pele, mapeando trajetos de adoecimento. Winnicott²⁵⁰ atribuiria à tal membrana li-

248 FREUD (2011, p. 31). O Eu e o o Id.

249 ANZIEU (1988, p. 8). O Eu-pele.

250 WINNICOTT (1979). O ambiente e os processos de maturação.

mite capaz de integrar self e corpo, cartografando sobre a pele os trajetos das tensões. Sou tocado, logo sinto?

Spinoza nos mostra que todo afeto passa pelo corpo, numa relação intrínseca e que todo afeto é uma espécie de saber sobre o corpo. A vida que quer perseverar em nós busca nas (de)composições com o mundo um modo de existência imanente, *Conatus*. *Estou demasiado enojado desse ambiente de estudantes. A maioria das experiências que tenho tido com eles me deixam doente e com vontade de me isolar. É por meio dos encontros que nosso corpo produz com outros corpos o que podemos esculpir de diferença que marca nossa pele, tatuando na alma películas de afecção que desenham forças capazes de nos transformar. Prova de um bom encontro estaria em algumas vivências da Aluna Brilhante quando ela diz: a professora [fulana] marcou meu olhar sobre o outro, em determinados momentos da minha vida, precisei de um abraço de uma palavra de conforto. Ou ainda, quando diz assim: cabe salientar também a importância dos meus colegas nesse processo pois as suas trajetórias e vivências que me fizeram perceber que não era a única a enfrentar o que estava passando e ver que não havia nada de errado em ser como sou.* Tocada pelo corpo-arquivo-sensível dessa pesquisa, Lis'À-flor-da-pele escreve em seu diário.

Há.pele²⁵¹



251 Dentre alguns registros no “diário virtual” sobre o profundo da superfície de uma existência estudantil, “há-pele”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiltMS-9jzH0/?igshid=MzRlODBiNWFlZA==>.

7.5 Subjetivação desértica

Quando a imagem começa a ficar turva, parece que a vertigem dos tempos febris, esvoaçam os grãos do conhecimento de si. Os estudantes já não sabem bem sobre a geografia de seus passos, se vão ou se ficam no desértico mundo universitário. Eles apenas sentem que têm uma sede velha e profunda como se imaginassem um horizonte infinito quase inatingível no oco do tempo. No eco da voz clariceana escutam: “o que importa afinal: viver ou saber que está vivendo?”²⁵² Decerto que o deserto lhes pede inundações de mais vida. Ter sede. Experimentar o calor do deserto. Apatia em vastidão à espreita de água. Flor de cactos, relações. Linha tênue entre pausas e preguiças e um cansaço sempre vivo e renovado. Clarice já havia dito que “o deserto é um modo de ser. É um estado-coisa. De dia é tórrido e sem nenhuma piedade. É a terra-coisa. A coisa seca em milhares e milhares de trilhões de grãos de areia”²⁵³. No amplo vazio de um deserto interior, não se tornar desertor de si mesmo é tarefa árdua. A Aluna Brilhante, que já esteve na ponte “Pelotas-Rio Grande” para jogar sua vida em mil pedaços, diz que passava *um tempo sem nenhuma ocupação de fato, passava os dias fazendo vários nada e nesse processo um quadro depressivo se agravando*. A sensação de vazio suscita medo e uma tórrida solidão. Mas, ao mesmo tempo, cria abertura para outros estados afetivos. Deleuze afirma que o “o deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam”²⁵⁴. A condição subjetiva desértica desvela-se na voz da Aluna Brilhante: *ingressei na universidade em um dos piores momentos da minha vida: a descoberta da minha sexualidade e o processo de aceitação da minha família*. Antes que ela se

252 LISPECTOR (2022, p. 71). Perto do coração selvagem.

253 LISPECTOR (2020, p. 120). Um sopro de vida.

254 DELEUZE; PARNET (1998, p. 19). Diálogos.

desloque por força das escórias culturais, refunda uma espécie de narratividade delirante em que ritornelos temporais marcam a musicalidade de sua existência, para isolar certos fragmentos de um *socius* familiar e tracejar algum novo paradigma estético de si. Se o deserto pode ser visto, em parte, como uma desterritorialização, uma nota de caosmose²⁵⁵ que escapa das notas das normatividades. Des-cobrir a própria sexualidade em meio ao vasto momento de habitar novo espaço educacional, teria colocado a Aluna em modo desértico de ser afetada? Como detectar que a subjetivação chega a tal ponto crítico de caos, se quando chega nesse lugar, muitas vezes se esconde? Lis'Anda, por caminhos longos que se povoam de livros, de alunos, de professores, de saberes, de desconhecidas águas, percebe que o procedimento, lhe diria Spinoza, é regressivo, vai do conhecimento da coisa [imagem do deserto como solidão] ao conhecimento da causa [na solidão encontrar a si]. Esbarra pelas costas de Lis'Água, a qual lhe diz que quando a onda da vida em meio ao deserto é grande demais, é preciso atravessá-la mergulhando...

mergulho no vazio

Há caminhos que são voos. Há caminhos que são nadados. Há caminhos que nos fazem saltar. Há caminhos que precisamos soltar. Para continuar sua travessia pelo mar das incertezas acadêmicas, abandonando o mapa dos mesmos trajetos até a PRAE, até o *campus*, Lis'Água mergulha no vazio. Encanta-se ao “sair do caminho, ir mais adiante do que conheço e encontrar o caminho de volta percorrendo uns quantos quilômetros mais, por um percurso diferente, com uma bussola que discute com o mapa, com as indicações contraditórias e pouco rigorosas ao desconhecido”²⁵⁶. Não hesita deixar de olhar

255 Para Guattari (2012), alguns estados psicóticos que seriam considerados pela psiquiatria como uma nosologia de textura rugosa de significantes, na perspectiva esquizoanalítica, possuíram uma textura caósica de uma construção assignificante de novas discursividades que mergulham na imanência de Universos de referência mutantes.

256 SOLNIT (2022, p. 16). Una guía sobre el arte de perderse. (livre tradução da pesquisadora).

para trás para que o desejo se abra e se dissolva no esquecimento, sorvendo a potência em vontades. Há algo inapreensível em nossa existência. Como um verme que corrói nossa imobilidade e agita as partículas afetivas. Criamos um excesso para suprimir a angústia; como se, temporariamente, nossa saúde se fragilizasse. As razões que acionam a punção dos gânglios de nossa desrazão mergulham na pulsão de uma “sublime-ação”²⁵⁷. Sentimos que o sentido da vida não está além do arco-íris. O sentido é o próprio sentir. Momento a momento. Mergulhar no vazio, é capturar forças. Braçadas de um nado sincronizado com outros espaços, tempos, corpos, aguçam nosso fôlego, faz o ar passar. Um sopro que aciona um laço, e faz elo entre corpo e mundo. É preciso ouvi-lo. Ainda que pareça oco, ele faz eco. Ao se despojar da segurança, ele grita! Absurdo suspiro de um imponderável em nós. É preciso examinar as intolerâncias que nos preenchem, para delas nos esvaziarmos. Afirmar o vazio do desamparo é dar a chance para emancipação. É quando sentimos o gosto livre do trampolim. Quando um certo delírio encharcado de vitalidade, ainda que em vulnerabilidade, faz do mergulho no medo o nado mais bonito nas raias do desejo. “Saltar no vazio talvez seja atualmente o único gesto realmente necessário”²⁵⁸ para uma certa lucidez que acorde nossos sentidos. Ao aprendermos o nado borboleta que nos metamorfoseia em meio às durezas da vida, ousamos atravessar, sem garantias de que algo indolor estará ali à espera. Ousamos fazer do mergulho nas próprias emoções, uma tradução da sensibilidade estrangeira que arrepia a superfície de nossa pele. O vazio, cheio de ser um “terror sem nome”²⁵⁹, protagoniza águas de coletividades analíticas. Não há de se preenchê-lo, mas dotar um saber sobre ele. Ainda que suas ondas acionem atos impensados

257 Imbuído de percorrer pela pulsão, Schiavon (2020), descreve que o saber da pulsão envolve não apenas um pensar, mas um viver, porquanto que a concepção psicanalítica de um processo psíquico de transferência da energia libidinal para objetos afetivos, é, nessa perspectiva, entendido como um ato em que saber e viver coincidem, uma sublime-ação. Dessa forma, se Freud percebe as pulsões como algo a ser domesticado, em que a ação que o sujeito pode fazer é a de querer expulsar algo que faz sofrer seria considerada um *actingout*, em que o pensar não comparece no atuar; o ato sublimatório para Schiavon, passa por uma firmeza do ser, uma subjetivação pulsional singular, um devir imperceptível.

258 SAFLATE (2020, p. 35).

259 Termo pelo qual Bion (2021), refere-se à sensação que o bebê experimenta quando a mãe não é capaz de metabolizar as informações sensoriais de ansiedade que recebeu dele, não sendo capaz de acolher, decodificar, nomear para o infante essa experiência que serviria de aprendizagem para a vida adulta.

pelos vazamentos do não simbolizado; ainda que esteja aprisionado ao desejo do desejo do outro²⁶⁰; - o vazio é uma espécie de presença, de algo que transborda e que quer ser alcançado. O vazio é oxigênio ao devir, perfazendo-se de microfissuras no tecido da vida, para afirmá-la em sua potência. Se precisar, seque-se depois de encharcar-se de vazio! Se precisar, borre o mapa da iluminada razão e ascenda ao vazio novamente!

Cartografias

A travessia no deserto, mesmo que povoado de delicadezas, forças, suavidades e potências, parece aproximar-se de uma espécie de desapego ao rebanho, uma certa “desistência” talvez. Em momentos de perdas em que não é possível vislumbrar refúgio algum, em que estudantes ficam “sem chão”, ou mesmo quando escutam um enorme “te vira”, parece que insurge algo para ser transformado. Imaginar um “retirar-se”, nesse contexto universitário, sendo a educação uma mãe protetora ou abandonante -, resultaria insustentável ou mesmo intolerável tanto para instituição, quanto para o estudante, equilibrarem-se entre pesos e levezas.

7.6 subjetivação limbótica

Estar no limbo. Ver-se robotizado. Estar à beira é muita coisa, pode-se estar à beira de um precipício, pode-se precipitar uma revolução, pode-se a qualquer momento acordar de um sono profundo. Algumas vezes, os estudantes tentam se desprender de amarras situacionais e acabam recaindo presos em amarras virtuais. Quando, por exemplo, dizem “não” aos preconceitos (feminismos, homossexualidade, “estrangeiros”), mas incorrem naquilo que intentam escapar. Isso é confirmado, sobretudo, quando, por exemplo, o Discente

260 LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: a angústia.

Mutante menciona que os brancos não podem falar dos negros, assim como os homens não podem falar das mulheres, pois não sentiram, na pele, o que essas características vêm a produzir de subjetivo. Algo lhes deixa à beira, algo lhes robotiza o olhar. Ou então, quando O Professor sente-se num limbo onde uma turma inteira não vai a sua aula e ele suspeita, sob os desígnios de moral e culpa, se teria falado alguma “groselha”, afinal *hoje em dia tem que cuidar o que se fala*. Ou ainda quando ele comenta numa carta aos alunos: *assim como vocês ficam inseguros frente a todas atividades que surgem no campo de trabalho, eu também me sinto inseguro, pressionado, se de fato vamos sobreviver às inúmeras demandas que vão surgindo ao longo de nossa manhã*, e continua: *cada professor tem uma estratégia para apresentar e desenvolver parte de um conhecimento básico. Não somos robôs pré-programados*.

7.7 subjetivação aberrante

Um movimento do pensamento que diante de um acontecimento, faz-nos perguntar: o que aconteceu? O “movimento aberrante” é um termo referenciado por Deleuze em sua obra *Diferença e Repetição*, sobre o qual David Lapoujade faz a seguinte menção: “são os movimentos aberrantes que engendram esta ou aquela faculdade em função dos signos que ela mesma encontra no mundo, pois uma faculdade só desespera ao se chocar contra a sua própria impotência”²⁶¹. Há uma espécie de metamorfose. A Aluna Brilhante passa por altos e baixos, e conta que *nos dois primeiros anos eu voei alto, participei de tudo que pude e assumi todo tipo de compromisso impossível*. Porém, *a partir de um certo ponto eu não queria mais existir, tudo era*

261 LAPOUJADE (2015, p. 66). Deleuze, os movimentos aberrantes. O termo “faculdades” pode ser compreendido como instâncias do pensamento em seus graus de entendimento e sensibilidade pelas quais Deleuze (2000; 2010) aponta caminhos para que nos distanciemos dos dogmas que re-apresentam uma realidade já dada, para que criemos novas imagens as quais se efetuam no encontro com os signos que nos arrombam o pensamento, nos tiram do lugar.

doloroso e não valia a pena. De tal modo que os movimentos aberrantes tanto liberam a vida em suas potências quanto produzem a ela uma ameaça. As “discrepâncias” que a própria Aluna assume ter vivido, leva Lis’Aberrante a querer entender esses movimentos que nos arrancam de nós mesmos como se fossem efeitos dominó, que não sabemos as causas, ficam numa zona de indiscernibilidade. Ao tocarmos a película afetiva da superfície do mundo no Castelo dos Saberes, impugnamos um movimento. Movimento que, por mais simples que pareça, por mais fraco que seja, não se encontra sozinho, compõe-se com outros corpos, desloca estruturas outrora fixadas. Se para dirimir um afeto triste, é preciso que outro afeto maior se sobreponha, feito nó nos enlaces da vida, o movimento é uma necessidade. Não para desatá-lo. Mas para superá-lo, ou ainda fazer dele uma saída. Espaço e tempo num dinamismo capaz de fazer nascer uma sensibilidade outra. Uma desterritorialização não é um mero abandono do costumeiro lugar. Mas um deslocamento que se faz diante do novo com resquícios que se arrastam, e a partir daí uma diferenciação progressiva. Um rebento radical acontece antes que se mova para cá ou para lá, não se faz sem *nó na garganta*, antes, assume condição de larva que lavra uma invenção de si. Entre o virtual que se atualiza por criação e o possível que se realiza por limites, há um embrião a germinar. Um ‘movimento aberrante’ transporta consigo uma experiência-limite, naquilo que há de invisível na vida, de imemorial na memória, de impensável no pensamento, em que, o que se move é o ético e político com a vida. O que se propaga? Ação que leva adiante sem que reaja por impulso. Há pulsar dos afetos que evocam. Circuito subjetivo, ritmo, barulho, sincronia. Desarmoniza os pensamentos. Com efeito, há desfecho de iniciar. Um novo começo a cada vez. Reminiscências de um passado recém experimentado. Iminência de mover-se. Um mundo por vir. O que se

passa? A novela vivida é a da própria experimentação. Trajetos das linhas nas plantas dos pés. Formas recíprocas encarnadas na medida que ocorre a transformação. A alegria de um tijolo após o outro, construção. A intensidade da derrocada, exaustão. O mover-se em distâncias outras, invenção. Requer cuidado e dá um contorno ao desejo de seguir criando repetindo criando resistindo criando... nos caminhos educacionais, aberrante, é o que escapa. Cada passo vale uma vida, terna e intensa.

7.8 subjetivação cansada

A subjetivação cansada se cruza com a subjetivação capitalística. Afetos depressivos enunciam um mal-estar contemporâneo, de corpos cansados e que parecem não conseguir identificar que alguns “problemas de saúde” são problemas da vida humana. Afetos inquietantes de uma mente barulhenta que tem dificuldade em se conectar com o que há de vida em si e em suas relações, sendo compelidos a rupturas assignificantes, verdadeiros “buracos negros”. Termo cunhado da física cósmica por Tustin²⁶², para descrever “uma espécie de autofagia da luminosidade das estrelas, as quais são resultantes da formação de uma rígida carapaça, uma concha autística, contra a ameaça de um sofrimento provindo das frustrações impostas pela realidade exterior”²⁶³. Lis’Autística também se sentia cansada em meio a uma caminhada que iniciou com uma ideia (o cuidado de si seria capaz de promover saúde na universidade?) e, com o andar nas ruas das desilusões acadêmicas, paulatinamente assimila outros im.possíveis e uma complexa rede de forças afetivas operando em meios às pernas doloridas.

A Aluna Brillhante lhe diz: *infelizmente nem tudo foi uma maravi-*

262 TUSTIN (1990).

263 ZIMERMAN (2001, p. 426).

lha, as cobranças eram excessivas. Os professores mantinham as avaliações na última semana do semestre, fazendo com que os alunos ficassem esgotados mentalmente, entendo que devemos ser avaliados, porém, deixar todas as avaliações para o final é desumano. Contudo, O Professor tenta argumentar. Em alguma medida, ele sofre do mesmo “mau” encontro com os corpos do produtivismo, mencionando que *existem departamentos inteiros que tomam remédio para dormir e tem colegas afastados por problemas psiquiátricos, a gente tem conflitos que são assustadores, disputa por território de pesquisas e bolsas e os alunos sentem isso.*

Aqui seria uma bifurcação da subjetivação desértica, em que, do vasto espaço do mapa afetivo da universidade, insurge, de alguma forma, uma espécie de “patologia do vazio”²⁶⁴ atravessando o Castelo dos Saberes, “alunos esgotados mentalmente”, “docentes afastados por problemas psiquiátricos”.

Nesse horizonte de afetos tristes, a gestão da saúde torna-se solo fértil para formas de governo educacional pelo controle e pela segregação. Algumas sensibilidades perpassam as linhas do cansaço e forjam alguma compreensão: *eu observo cada mão trêmula, cada olhar atento e também percebo o quanto vocês vêm com inúmeras demandas: filho doente, falta de dinheiro, medos e angústias, sei que às vezes vocês chegam em*

264 Termo utilizado pelo psicanalista David Zimmerman (1999) para descrever quadros psicológicos pelos quais a pessoa se vê alienada de si nas tramas de suas relações consigo e com o outro, e que a pesquisadora se utilizou para fazer estudo monográfico na especialização da Sociedade Científica Sigmund Freud, intitulado: Patologia do vazio: do ato à representação. Embora hoje, imbuída das filosofias da diferença, pense que representação estaria mais próximo do conhecimento de si (e não de uma reprodução do mesmo), e ato estaria mais como uma capacidade de agir por afetos alegres (e não como descarga emocional daquilo que não pode ser pensado pelo indivíduo). Isso, no intuito de trazer uma compreensão psicanalítica à subjetivação cansada seria possível pensar que tais estados de “vazio interior” em que o aluno e o professor podem se ver sem desejo de desejarem, por atravessamentos políticos e econômicos, em que as falhas do “sistema educacional” confluem para que a desilusão sobre os cuidados recebidos favoreçam tais estados não-integrados. A pesquisadora não estaria com isso, afirmando que a “mãe-universidade” deva exercer a “dependência absoluta” com seus “filhos”, mas, que, numa compreensão winnicottiana, pudesse, em parte, emprestar seu corpo ao corpo educacional, sustentar algumas angústias, criar confiança à singularização, sobretudo em espaços coletivos e criadores.

casa e precisam fazer outras tarefas, mas saibam que esta escolha é totalmente pensada diante das habilidades e competências que se espera de um semestre (O Professor). Seria preciso sair do lugar costumeiro (das competências esperadas) para enxergar o que estaria estancando os corpos cansados, as mãos trêmulas. Era como se O Professor, apesar de saber do filho doente que o aluno deixou em casa, mesmo assim, *a escolha é totalmente pensada diante das habilidades que se espera de um semestre*. O Professor-sonâmbulo precisaria acordar de súbito de seu próprio esgotamento.

Como poderíamos pensar a sociedade do cansaço ou uma clínica do esgotamento, uma vez que o sofrimento assume formas exauridas que cortam os fluxos de ser e estar no tempo e espaço, onde o silêncio não é uma escolha, pois o grito da alma soa como um pedido de socorro? O que se esgota na ambiência acadêmica não é um simples cansaço das cobranças institucionais, mas sim, as forças que mínguam a fruição do desejo. É preciso ali, sobre a superfície dos encontros professor-aluna, psicóloga-educação, moVER alguma coisa que se sabe sobre a vida cotidiana, pois “o espaço goza de potencialidades na medida em que torna possível a realização de acontecimentos”²⁶⁵. Assim, não são as obrigações e os deveres que se esgotam, agentes em educação cansam de suas tarefas e precisam descansar, deitar um pouco depois de tanto se arrastarem pelas ruas universitárias. Então, por exemplo, “é possível” a Aluna Brilhante comparecer às aulas porque conseguiu carregar a carteirinha do ônibus, ou, “é possível” ela ficar em casa porque está cansada e ainda tem 25% para esgotar de suas ausências.

Enquanto o cansado pede um pouco de possível para não ser asfixiado, pois esgotou a realização de suas possibilidades [subjetivas] até o limite de suas possibilidades de realização [objetiva], o

265 DELEUZE (2010, p. 84). Sobre o teatro.

esgotado²⁶⁶ esgota todo o possível, não podendo mais possibilitar. Em intensidade, o esgotado é muito mais que o cansado, pois para esse talvez bastasse uma pausa para reiniciar os mesmos trajetos outra vez. Mas em natureza, o esgotado, não é apenas extremamente cansado, pois ele realiza contínuas e variadas combinações no espaço-tempo, que, ao se exaurirem, o fazem experimentar, movimentar-se, para que outros modos de existência [possíveis] sejam daí criados. Haveria uma energia prestes a eclodir quando o peso das tarefas acadêmicas se dissipa, não é que elas se tornem mais leves, mas que encontrem outros jeitos de serem feitas, outros jeitos de fazer os afetos passarem, os conteúdos estudarem, os modos se relacionarem, na invenção de si e do mundo. É possível?



Nota²⁶⁷.

7.9 subjetivação distraída

— *Com o tempo, aprendi a lidar com esses sentimentos, buscando formas de distrair a mente e ficar mais tranquila. Coisas que são muito básicas e fáceis mas que tem um significado enorme para mim e que me ajudaram e me conectar comigo mesma.* Pela fala da Aluna podemos perceber que as distrações rondam o Castelo dos Saberes. É possível perceber, sobretudo, que no momento pandêmico, sentimentos de insatisfação e impotência,

266 DELEUZE (2010). O esgotado.

267 Estes textos, imagens e música, foram produzidos em meio a um momento em que a pesquisadora acompanhou seu pai em um hospital em Santa Maria/RS e, que depois de 20 dias de coma, ele precisou ter sua perna amputada.

dificultaram o caminhar sobre alguns obstáculos nas ruas das relações entre distração-atenção e impedimento-favorecimento. Aquilo que provoca o aumento da atenção faz a natureza da coisa ser conhecida pela sua ideia na mente, favorecendo a preservação da atenção sobre ela (“aprendi a lidar com os sentimentos; coisas que tem um significado para mim; me ajudaram a me conectar comigo”). Esse esforço (que Spinoza chama de *conatus*), regula a experiência. No entanto, ele nem sempre é vivenciado no Castelo. Eis que A Aluna Brilhante diz, traída de si: —*eu tinha alguma disciplina pra estudar, mas eu vim de um instituto federal, tudo parecia fácil, então eu não me dedicava muito; procrastinei.*

A capacidade de atenção é diminuída por uma constelação de fatores, *desde quando me apresentam respostas e encaram minhas dúvidas com afronta; sinto medo quando dizem que estou errando por ser assim*, manifesta o Discente Mutante. Diante de tantos déficits de atenção, diagnosticados muitas vezes pelo doutor Google, os estudantes chegam às aulas, chegam às consultas, ou levam suas vidas, como se o “enquadre” estivesse fora de foco. Algumas vezes, eles se fixam em identidades e não fixam seu olhar para uma atividade acadêmica. Isso se evidencia quando O Professor fala que *um aluno um dia se distraiu olhando a televisão no estágio e, esqueceu de fazer o curativo, pois, tinha tdah* [transtorno do déficit da atenção com hiperatividade] *e precisava trabalhar a ansiedade.*

A Aluna Brilhante, por sua vez, comenta que diante das condutas governamentais em relação à pandemia e à educação, sente que enquanto isso roubava sua atenção, ganhava hiperfoco em alguns colegas: *essa guerra que vai devastar a população, e tudo por política. Fico chateada. Pra mim é simples, luta histórica por espaço e, colegas por questões de militância gastavam energia com isso e não com as disciplinas. Além do mais quando teve greve, isso me atrapalhou muito, perdi aquele período de aula.*

Nesse momento, ela demonstraria estar muito concentrada na SUA própria formação e não queria encontrar o tempo perdido de jeito nenhum, doesse a quem doesse. Mas ali, na sua fala, também se faz presente o *quantum* de força que colegas colocam em suas lutas, ou que essas lutas, ganhariam maior espaço em suas vidas que a própria “formação” em si. Lis’Anda entende ali, talvez, pelo menos, dois modos de se distrair, em que ambos os casos, estudantes dedicando-se apenas ao curso ou dedicando-se aos movimentos estudantis, de forma a se distanciarem ou se distraírem do resto, um resto traído, que também é a [própria] vida. Diz o psicanalista Contardo Caligares em livro póstumo: “fruir da vida só é possível para quem não se distrai; para quem, ao contrário, mantém esforço constante de atenção à vida”²⁶⁸. O Professor concentrado nos alunos lhes pontua: —*percebo que vocês não conseguem se concentrar e se envolver de forma assertiva.*

Em suas caminhadas, Lis’Anda, por vezes, olha o céu, em que pássaros lhe prendem a atenção; outras vezes pausa para olhar o movimento das formigas fazendo caminhos com suas folhinhas acima dos corpos, e nesses encontros que a “distraíam” do ritmo da andança, também, traziam-lhe outro pensar e outro sentir para a pesquisa. Isso, lhe tomava no tempo, uma alegria que durava eterno instante. É como se o tempo, temporariamente parasse, e a fizesse andarilhar com Fernando Pessoa lhe dizendo: “Se eu morrer novo... fui feliz porque não pedi coisa alguma, nem procurei achar nada, nem achei que houvesse mais alguma explicação... não desejei senão estar ao sol e à chuva; ao sol quando havia sol; e à chuva quando estava chovendo (e nunca outra coisa)... sentir é estar distraído”²⁶⁹.

Mas o que é o sentir para cada aluno? O que é gozar de uma saúde para cada um? O Professor interpela a distração dos discentes

268 CALIGARES (2023, p. 118).

269 PESSOA (2022, p. 97).

como uma espécie de não sentir quando esbraveja: — *já vinha notando que vocês estavam apáticos e pouco se envolviam em nossas atividades!* Ainda que as ruas do Castelo lhe cantem: “veja ali, está lá para quem quiser olhar; veja ali, basta ler; o desnudar de tudo”²⁷⁰, há distração de olhar tudo com olhos de produtividade, há distração no julgamento sobre quaisquer condutas que andem “perdendo tempo” e se desconcentrando das aulas e estágios. E se estar distraído de algumas práticas acadêmicas, em alguns momentos, fosse justamente estar ganhando tempo para si em alguma medida? E se a distração fosse um sinal dos tempos de aceleração, de muitas telas, de poucos *télos*, em que, como resposta a isso, é preciso desperdiçar o tempo para ganhá-lo na duração de uma contemplação? Em “Um ensaio filosófico sobre a Arte da Demora”, o filósofo sul-coreano Byung-Chun Han caminha pelo “Aroma do Tempo”, e menciona que “*A vita contemplativa sem ação é cega; a vita activa sem contemplação é vazia*”²⁷¹, em que a hiperconectividade e a atenção acelerada contribuem para a dispersão e um determinado desassossego. Desassossego que invade O Professor quando menciona que *esses dias uma aluna de tcc [trabalho de conclusão de curso] não estava aprofundada, só de ser aprovada já se contentava, não se interessando pela nota*. Eis que a Aluna Brillhante, num contratempo, responderia: — *melhor coisa me formar pra ter tempo pra mim!* Então dedicar tempo ao estudo não é entendido como um tempo para si? Para quem é então?

Parece ser necessário problematizar a distração que faz os alunos se concentrarem em outras matérias que não a matéria que diz respeito especificamente a sua formação universitária e a distraibilidade que o impede de manter a atenção sobre quaisquer matérias. Qual seria o limiar para entender que uma certa expressão distraída

270 Música “O desnudar de tudo” de Dani Black.

271 HAN (2016, p. 133).

dos estudantes, - seja um distanciamento de si que beira ao adoecimento; seja uma forma reativa pelos maus encontros que os deixam tristes, quiçá pensativos; seja uma forma ativa de conduzir partes de suas vidas com mais leveza e lentidão; ou ainda, que manifeste um ato de resistência ao que não compõe com suas naturezas e prenuncie um movimento prévio de desterritorialização? O Professor parece querer entender e chama os estudantes para habitar um pouco mais o território de suas aulas. Assim ele diz: — *a gente chama o aluno para que ele agregue; aqueles que te intrigam é bom; e tem aqueles que são apáticos, nesses aí, eu queria injetar uma ansiedade*. A subjetivação distraída, portanto, enseja rizomáticas conexões e rupturas que (d)enunciam um olhar que pede para ser visto.

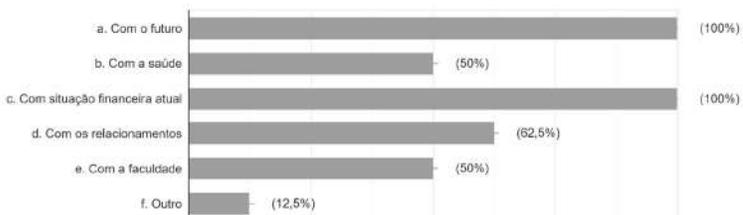
7.10 subjetivação presa no futuro

Freud [1927] em seu texto “o futuro de uma ilusão” argumenta que “quanto menos se sabe do passado e do presente, tanto mais incerto é o juízo do futuro”²⁷². Lis’Anda percebe tal pensamento psicanalítico se articulando, tanto, quando O Professor diz: — *a ideia de que o futuro será melhor do que o passado, foi afetada duramente na pandemia. Temos futuro? Podemos não ter, mas como alguém pensa história como ciência, fico com o pensamento de Rousseau: a história serve para termos esperança de futuro*; como, quando a Aluna Brilhante interpela: — *minha experiência também foi marcada pelo medo do futuro e do desconhecido. E depois de acabar o curso? O que acontece? Se estou trabalhando na área hoje foi*

272 FREUD (2014, p. 232). O autor aborda que a cultura (ocidental), teria como princípio, nos defender contra a natureza (instintual), impondo-nos seus graus de privação para tornar a existência e o sofrimento suportáveis. A cultura, assim como as religiões (tema abordado pelo autor em Totem e Tabu), reinscrevem uma condição originária de desamparo infantil pela qual necessitamos de um outro para sobreviver. Seria um equivalente “à necessidade de proteção contra os efeitos da impotência humana”. (idem, p. 258).

por ter arriscado experiências por fora. Nesse sentido, digo que a universidade não me preparou para o mercado, mas sim para a academia, o que é ainda mais distante da realidade.

Lis’Ateporal percebe que os afetos de medo e de esperança ligados ali, pelo futuro. Enquanto O Professor diz que o passado serve para alimentar uma esperança, pautando-se no conhecimento histórico sobre algo de si, a Aluna revela que o medo do futuro marcou tanto sua experiência na universidade que precisou construir outras experiências fora dela para enfrentar o futuro. Desse modo, seria possível perceber que ambos, docente e discente, têm o futuro como uma certa imagem, distante e próxima ao mesmo tempo, pela qual atribuem a causa de suas ações e pensamentos, causa esta, exterior a eles mesmos como alguma coisa que os desestabiliza. Entre os estudantes formandos dessa caminhada cartográfica, Lis’Anda observa que, 37,5% deles, raramente pensam no futuro com esperança e entusiasmo. Além disso, todos respondem ter preocupações com relação ao futuro tanto quanto a questão econômica, o que pode estar conectado aos fios emaranhados de um sistema neoliberal, de vestígios pandêmicos sobre seus corpos, entre tantas outras possibilidades singulares. Podemos identificar isso no seguinte gráfico do Inventário da Travessia dos Afetos sobre a pergunta acerca das “preocupações” que os alunos apresentam:



Fonte: a autora, 2022.

Imagem 7: gráfico gerado pelo google forms

Ouvindo uma voz que se faz muito presente em suas andan-

ças, Lis'Aion escuta então Spinoza lhe dizendo: “a esperança nada mais é do que uma alegria instável, surgida da imagem de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida. O medo, por outro lado, é uma tristeza instável, surgida igualmente da imagem de uma coisa duvidosa”²⁷³. Uma subjetivação aprisionada ao tempo por vir manifesta tanto uma paisagem sobre a qual a docência desenha um mundo melhor que reescreva a história dos estudantes com *uma vida difícil*, quanto uma sublime ação estudantil que recusa ser salva pela instituição e transpõe o medo em busca ativa de outros caminhos que intentem aplacá-lo.

Desse modo, problematizar que os jovens universitários possam admitir seus desamparos, resistir ao que lhes aprisiona, sem abdicar da educação, aciona um tempo outro, perdido e redescoberto ao mesmo tempo, para que as ilusões contidas em seus desejos convoquem o futuro para que escapar dos ideais e pensar coletivamente a vida na universidade. Diante do amanhã que não chega, e das linhas de sensibilidade que lhe atravessam, Lis'Anacrônica escreve para algum aluno, algum docente, de uma nova aurora:

273 Spinoza, na Parte III da Ética, na proposição 18, diz que o homem é afetado de uma coisa passada ou de uma coisa futura, por meio do mesmo afeto de alegria ou tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente. Assim, tais afetos quando desprovidos da “dúvida”, fazem, a esperança tornar-se segurança, e o medo tornar-se desespero. (SPINOZA, 2020, p. 111-112). O que faz a pesquisadora pensar que, ao mesmo tempo que os agentes educacionais podem desenhar mais confiança [na vida, no ensino, em si, no outro], também podem elevar de seus solos cartográficos, doses de dúvida que acionam o pensar, o sentir, o agir, em comunhão.

Carta aberta à subjetivação presa no futuro

Sei que te disseram que os tijolos de hoje constroem os edifícios do amanhã. A arquitetura das horas pode ser cruel se ficares preso no vasto túnel das depressões de tudo que poderia ter sido, das ansiedades do porvir incerto e a ti ameaçadoras. Sei também que fazer o que vens fazendo, algumas ou muitas vezes, não é propriamente uma escolha tua. Há um labirinto que te habita. Procura nele virtudes e toma cuidado para não te perderes de vista, ainda que te encontres, vez ou outra, perdido²⁷⁴. Sei também que de tua prisão aspira libertar-te, então, coloca-te nessa "experiência de transitoriedade"²⁷⁵ e escuta Clarice criando o teu próprio "instante-já"²⁷⁶. Puro instante das frestas de ar puro. Os lamentos da memória fecham-te num tempo, seja num passado melancólico, num futuro esperançoso, num presente de urgências. Esvazia-te de tempo. Abra frestas para o acontecimento e o afeto. Respira. Lembra-te o que Nietzsche em seu crepúsculo alerta: "no tempo existencial o gesto ocorre em um campo em que as experiências parecem eternizar-se". Escuta as músicas do tempo²⁷⁷, pois "sem música, a vida seria um erro"²⁷⁸. A música te abre caminhos e te tira da completa inanição do tempo que ainda não chegou. Se escavares um tempo para caminhares em meio à música, poderás ouvir o ritmo próprio de teus passos e, quiçá, compor uma vibração dos conteúdos das aulas mais difíceis para ti. A música temporiza uma experiência outra com o caminhar em meio à vida na universidade, com o que escreve de tua

274 NIETZSCHE (2019, p. 159). Além do bem e do mal. [aforismo 214].

275 SAFRA (2004, p. 78). Po-ética da clínica contemporânea.

276 LISPECTOR (2019). Água viva.

277 Playlist "Tempo ao tempo". Disponível: <https://spotify.link/I4q8gA9DRDb>

278 NIETZSCHE (2020, p. 32). Crepúsculo dos Ídolos. [Aforismo 33].

trajetória nela e nas leituras de mundo que passam a te acionar.

Diga ao amigo capital, que tu estás tão asoberbado de afazeres académicos que mal sobra tempo para conciliares lazer e dever. Qual a fortuna do homem senão o próprio homem? O filósofo estoico Sêneca já dizia que "tudo é duvidoso, mesmo para aqueles que são prósperos. Ninguém tem o direito de desenhar para si o futuro"²⁷⁹. Não estou dizendo para perder de vista a utopia e não continuar caminhando, mas lança-te o desafio de ficares mais um pouco, degustares os segundos e cheirares o perfume das horas que intensificam os sentidos de fazer do sentido da vida a própria vida. Se te apegares demais à esperança de futuro, findarás na instável passividade de teu corpo, pois futuro não é coisa que se obtenha e guarde, futuro é o ontem de hoje. Então, estarias tu construindo um amanhã, esquecendo de despertar o relógio da vida? Não falo do cronos que te fazes correr para a hora da aula, apressar teus passos até a parada de ônibus, procrastinar pelo tanto de coisa que tens a fazer em pouco tempo acabando não fazendo nada. Então, escutas a voz do poeta Rilke, a qual diz: "procure[s] soerguer as sensações submersas desse longínquo passado: [tua] personalidade há de reforçar-[te], [tua] solidão há de alargar-[te] e transformar-[te] numa habitação entre lusco e fusco diante da qual o ruído dos outros passa longe, sem penetrar[es] nela"²⁸⁰.

A caminhada de tua vida na universidade faz mapa com o tempo. Às vésperas de um grande dia para ti, Aion faz um corte no fluxo cronológico do tempo e desliza no espaço de algo imemorial. É como se o tempo se vestisse de seu incorporal favorito, o vazio. No vazio do tempo, o movimento

279 SÊNECA (2021, p. 101). Cartas de um estoico. Volume III. [Carta CI].

280 RILKE (2013, p. 23). Carta de 17 de fevereiro de 1903.

ganha espessura virtual e faz durar o movimento da aprendizagem no teu corpo. Ainda que insistas no sedentarismo das horas cansadas, o movimento não cessa de variar o tempo em ti. O aberrante mover do tempo ensina-te que expulsar a morte dos minutos, fazes sobreviveres às incertezas certas da vida e que deixar morrer os sentidos únicos poderá abrir-te para sentires que o único acontecimento que se inscreve no tempo, é aquele que passa pela tua pele. Faça de teus anseios, perdas ou arrependimentos, Amor FATI, conciliando destino com liberdade, colocas o tempo em seus graus de variação. Aceita, contempla, sorria para o tempo. Não esqueças que excesso de AGORA te impedes de sentires a passagem do tempo e de avistares perspectivas. Abra-te para o tempo. A duração e a liberdade nas veredas do tempo, caminham lado a lado com a beleza da vida que pulsa. Vendo-te injuriado de ruminar acerca do tempo perdido, Proust teria um recado para ti: percorras o caminho de Swann²⁸¹ e verás que o tempo está sempre pronto para arrambar a porta do teu pensamento, fazendo-te redescobrir um tempo outro, sempre este, nunca antes, nem depois. Não lamente o ponteiro das horas, elas apontam para algo se transformando em ti. No parcelamento do tempo, dias e noites de estudos e de preparação para as aulas, abrem as portas da multiplicidade que há em ti. O eterno retorno chama para a vida em ti continuar. Viver é esperar que a vida comece? Esperando Godot²⁸² nada tem a chegar.

Tempografias

281 PROUST (2016). Em busca do tempo perdido. Volume 1.

282 Peça teatral de Samuel Beckett (publicada em 1952, encenada em 1953), cuja imagem criada se aproxima de uma representação da espera pela realização do projeto moderno que visa à abolição do sofrimento humano. Uma espera sempre adiada, a expectativa de que a chegada de Godot anuncia um alento, eternamente se repetindo no tempo.

“O juízo impede a chegada de qualquer novo modo de existência”²⁸³. À espreita dos afetos que compõem as subjetivações estudantis, depreende-se uma caminhada. Um exercício contínuo para perverter a ordem das coisas. Se “a vida, portanto, não se define na epiderme que dá contorno e fronteira a um indivíduo, mas também na porosidade que lhe permite a troca e a inclusão” (BONDER, 2008, p. 126), é porque os limites subjetivos da caminhada não estão dados, são construídos ao longo do trajeto. Até que naquele exato momento do presente em que o futuro não havia chegado, caminhantes daquela investigação em saúde e em educação, poderiam se despedir de ilusões, ainda que se alimentem de tantas outras.

O procedimento cartográfico empreendido nesta tese, desenha, na coemergência de planos de composição e decomposição dos afetos, os processos subjetivos em curso em suas redes de forças que se manifestam na medida em que acontecem. Os processos, que podem ser visualizados, em parte, pelo vídeo do QR-code, e em parte, pelos mapas dos trajetos a seguir, não demonstram encontrar as raízes dos problemas em saúde mental na universidade, mas encontram as nuances que acompanham o desejo que se transversaliza nas relações entre saúde e educação. No mapa, a partir do que dizem alguns estudos sobre saúde mental estudantil, são traçadas linhas de força (contínuas) e linhas de vulnerabilidades (tracejadas), para a ele sobrepor a espiral da saúde sempre em vias de ser construída.



https://youtu.be/bwu_j68OAe8?si=ZOHTpc9fB5VcihsK

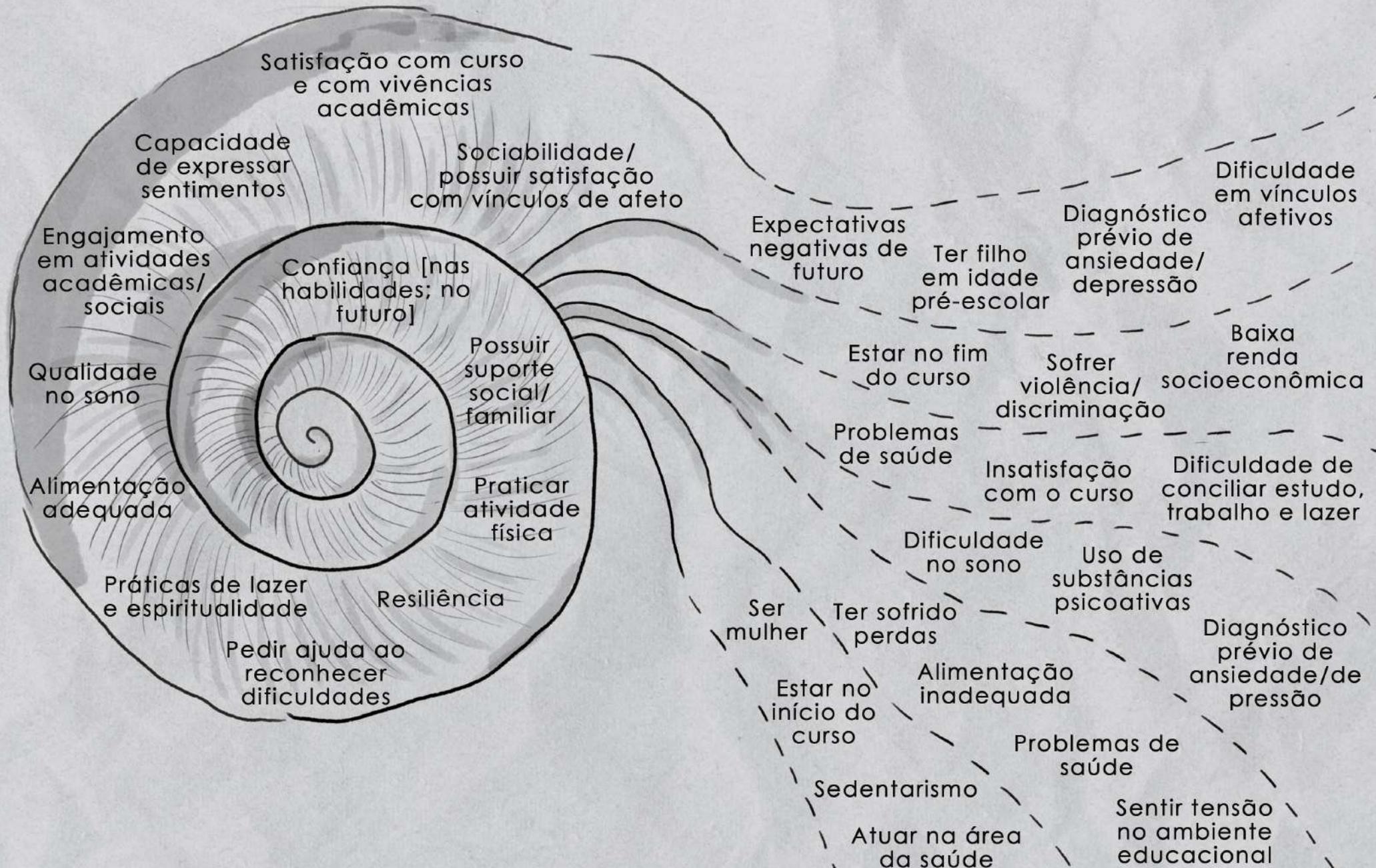
283 DELEUZE (2011, p. 173). Para dar fim ao juízo. In: *Crítica e Clínica*.

Ritornelo **Fugitiva** **Capitalística**
Desértica
Cansada
Limbótica **Distraída** **À flor da pele** **Preso no futuro** **Aberrante**

SUBJETIVAÇÕES

LINHAS DE FORÇA

LINHAS EM DECOMPOSIÇÃO



**8 saúde não
se determina,
saúde se
inventa**

(...) recebemos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora.

§ A Grande Saúde ²⁸⁴

8.1 há'deus ilusões

De repente, as paisagens da vida no Castelo dos Saberes ficam turvas e, aos poucos, tornam-se um trajeto no mapa capaz de fazer insurgir uma obscuridade que impede alunos e professores de enxergarem onde estariam suas próprias tristezas, pois uma cerração moral invade aquele momento, sob preceitos de certo e errado, culpa e tragédias existenciais. Velam mortes sob o véu do desfazimento dos ideais: uma educação “ideal”, ainda que democrática, submersa em lacunas; uma saúde “ideal”, detentora de plenitude e felicidade; um corpo “ideal”, forte, controlado e devidamente organizado. TODOS MORTOS! E para cada morte, uma anunciação porvir. Eles atribuem seus lutos a causas exteriores enfraquecendo suas capacidades de agir. Nietzsche lhes consola: “Onde vedes coisas ideais, eu vejo coisas humanas – Ah! Sobremodo humanas”²⁸⁵. Mas, a abertura de seus corpos ainda não lhes colocava em contato com os sentidos, pois, invariavelmente, “achavam que os sentidos os atraíram para fora de seu mundo”²⁸⁶.

O enterro foi coletivo às dez da manhã do dia seguinte ao naufrágio. Alunos, professores e psicóloga tinham embarcado numa aventura e foram inundados pelo lancinante desaviso dos tempos sombrios. Tempestades de exigências capitalísticas tocadas pela torrencial chuva de obrigações que invadiam seus corpos cansados.

284 NIETZSCHE (2012, p. 258). A Gaia Ciência. [Livro V].

285 NIETZSCHE (2016, p. 85). Ecce Homo.

286 NIETZSCHE (2012, p. 248). A Gaia Ciência. [Aforismo 372, Livro V].

Tão exaustos que insones e embriagados para se manterem despiertos aos scripts que seus EUS precisavam desempenhar. Reunidos ali, avistaram uma montanha num horizonte próximo e partiram em direção a ela. Era a montanha da Grande Saúde. Cheia de desníveis e bifurcações. Constituída de singulares inflexões. Ela não se conforma, mas se expressava na mobilidade da vida. O Tempo é encontrado no caminho e logo avisa que a Loucura estaria solta e que poderia aparecer sob diversas máscaras, inclusive mascarando o tempo verbal de diversas formas. Naquele dia, não chegariam a tempo no Restaurante Universitário, diziam ter uma boa alimentação (*nunca comi tão bem em toda minha vida*), mas viviam com fome. Naquele dia, também, o único exercício seria precursor da própria caminhada de seus pensamentos, pois diziam praticar atividade física (75% dos formandos responderam que sim), mas não se cansavam de falar do tempo curto e das cargas pesadas para conciliar com outros aspectos de suas vidas. Querem fugir desse sistema de significações que tinham aprisionado sua saúde mental em patologias.

O Discente Mutante diz que *hoje estamos conectados com muitas pessoas virtualmente e solitários na realidade, ansiedade e depressão parece que nunca foram tão comuns*; e a Aluna Brilhante compartilha: *fui diagnosticada com depressão quando criança, sempre vivi em uma montanha russa*. Corroborando ao que dizem os estudantes, O Professor diz que o aluno *precisava trabalhar a ansiedade*. Todos ali, em alguma medida, precisam resolver seus monstros secretos e suas feridas clandestinas para enfrentar a dor que sentiam, de um “corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico”²⁸⁷. Precisam continuar caminhando.

Às horas brutas Lis’Agora encontra detalhes que lhe pareciam sacudir a poeira das botas que se avermelham pelo encontro com

287 FOUCAULT (2013, p. 10). O corpo utópico.

a terra dos ideais sepultados. Afinal, “pôr-se a caminho, colocar os pés em movimento sempre significou um revolvimento em direção a si mesmo e ao próprio mundo”²⁸⁸. Escuta os passos éticos de Foucault lhe dizendo que é preciso “equipar-se para uma série de acontecimentos imprevistos, em relação aos quais, porém, serão praticados alguns exercícios que os atualizam como uma necessidade inevitável”²⁸⁹. Assim, o cuidado de si passa a compor com o corpo da pesquisa, não como ponto de chegada, mas como uma coloração.

Abraçado pelo ritmo do luto pela morte do aluno ideal, O Professor diz que se preocupa incessantemente se aquele estaria a *refletir e articular os conteúdos teóricos e se conseguirá relacionar-se com os demais membros da equipe*. O sentimento de frustração é inevitável. O que realmente gostaria é *receber um aluno entusiasmado e ávido para colocar o conhecimento na prática e debater com o professor*. Mas na realidade o que se depara em muitos momentos é com *a inércia dos alunos*. No entanto, ele admite que *o curso é duro e os alunos não estão preparados* e que, no final das contas, a parca *capacidade crítica* que eles possam ter é o que mais lhe preocupa.

A idealização da universidade faz morrer também as expectativas com as quais os alunos ingressam. Eles vão, aos poucos, percebendo as multiplicidades que circulam ali e que eles próprios podem fazer parte delas, embora por vezes renunciem esse

288 LABBUCCI (2013, p. 11).

289 FOUCAULT (2010, p. 436). A Hermenêutica do sujeito. Na aula de 24 de março de 1982 no Collège de France, o autor aborda que a *tékhnē tou bíou* (arte de viver), ocupada pelo cuidado de si da Antiguidade, distancia-se na ascese cristã para aproximar-se de uma tal ascese filosófica, pela qual busca constituir o sujeito de conhecimento verdadeiro como sujeito de ação [reta], ao mesmo tempo que ele situa-se no mundo que é percebido e praticado como prova. O autor, fazendo o contraponto com nosso tempo, enuncia que a “prova” como experiência, como uma prática, possibilita que nos transformemos na medida em que nos conhecemos. E aí encontramos o desafio de caminharmos pela ética da existência, a qual não é dada de antemão, é artesanato subjetivo em composição com o mundo.

lugar. No meio de sua graduação, o Discente Mutante diz: *Se me formar, vou ser feliz; vou ser uma pessoa melhor; será uma conquista; crescimento; maturidade financeira; as dificuldades financeiras me atordoam.* Nesse sentido, é possível destacar alguma ressonância dos estudos sobre a saúde do universitário. Comportamentos considerados de “risco” para a saúde do universitário caminhariam por algumas das seguintes causas: **Frustração**, quando as expectativas sobre si ou sobre os outros não são alcançadas ou por perda de membros da família, amigos, suporte emocional ou financeiro; a **Solidão** quando a vontade de contato social finda inibida por falta de autoconfiança, baixa autoestima e dificuldade em se conectar a objetivos de vida; a díade **Pressão-Stress**, sentida como competição com outros estudantes, com as expectativas acadêmicas, sociais e familiares, bem como ocasionada pelo ritmo de vida; o **Conflito**, em que as intenções ou motivações estão divididas (ter ou não colega de quarto, ter ou não uma relação afetiva, estudar ou festejar)²⁹⁰. Tudo isso, de alguma forma, é encontrado entre os formandos, perdas, frustrações com a universidade, necessidade de se isolar, ambivalências em suas narrativas nas relações que estabelecem. Lis’Anda ouve tais timbres doloridos em suas variações. Linhas de sensibilidade que compõem a imanência da vida no Castelo. Acordes afetivos que fazem agentes em educação aprenderem algo com os signos que os fazem florescer por outras terras.

Pandora tinha aprendido em Imagem do Pensamento na obra deleuzeana Diferença e Repetição²⁹¹, que o aprender se liga mais àquilo força o pensamento a pensar. Não se liga àquilo que intenta reproduzir. Logo, nesse caminho, não se sabe exatamente como alguém aprende, é do campo da singularidade. Para aprender, não

290 ALMEIDA (2014).

291 DELEUZE (2000).

basta uma “boa vontade” do cognoscente, *cogitatum natura universalis*, mas sim, de uma ação involuntária do pensamento que sofre determinado arrombo pelo encontro com os signos, é do campo da multiplicidade. E se aprender, como lhe diz Schérer²⁹², esposa toda uma vida, o que Lis’Aprendiz é compelida a pensar no encontro com Pandora, é que a composição da aprendizagem com o ensino nessa ambiência, é, por vezes, expressa por seus corpos aprisionados pela servidão. Sentindo-se impotentes, eles precisariam compreender, que o aprender que se pode criar nos espaços sensíveis das relações, é o aprender do Afeto. O mais potente afeto é o conhecimento²⁹³.

Há, então, uma diferenciação feita por Spinoza entre uma “mente externamente determinada e internamente disposta”²⁹⁴. A vontade para esse filósofo²⁹⁵ é a capacidade de afirmar ou negar algo que lhe é verdadeiro ou falso, e não um desejo como algo a ser adquirido (“quando me formar, vou ter uma vida”). De tal modo que a vontade se confunde com o intelecto como sendo uma só e mesma coisa, quando volições e ideias singulares suprimem as causas. Isto é, quando, por exemplo, O Professor se “queixa” da “inércia” e da “apatia” da Aluna Brilhante, sem compreender as coisas que estão a decompor esse corpo aprendiz, tecendo um julgamento sobre tal “imagem” dessa “inércia-apatia” como uma falta de vontade, dotada de um livre-arbítrio. Spinoza, assim como Nietzsche, nega o livre-arbítrio porque se temos uma “vontade” que julgamos livre, uma livre escolha, muitas vezes é porque temos uma ideia (inadequada) de que as causas são livres ou inexistentes, ou ainda, porque nossa volição está à serviço de um juízo de valores (“escolhi o curso, mas não tinha referência do que o curso possibilitava”).

292 SCHÉRER (2005).

293 MARTINS (2009).

294 CHAUI (2009, p. 72).

295 SPINOZA (2020). *Ética*. [parte II, prop. 49].

Não basta querer, pois necessitamos usar de forças em que o que se deseja é inacessível pelo arbítrio. Em um mundo onde “as pessoas estão deitadas por todo lado apáticas com seus corpos rechonchudos, esturricados de saciedade”²⁹⁶, é possível compreender que o sujeito empreendedor de si mesmo “é livre, na medida em que não está submetido a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois explora a si mesmo”²⁹⁷.

O caminho para liberdade como Lis’AR tenta demonstrar no Livro 3, se refere a um outro tipo de relação com o mundo das ideias, afetos, corpos.

As ideias confusas que rondam o Castelo parecem ocupar o lugar de um desejo faltante capitalístico, de uma parentalidade outrora perdida ou ausente, de um território que preencha as necessidades materiais e afetivas. Entre ditos e não ditos, as vozes que sussurravam ao ouvido de Lis’Aurora, agora gritam:

A UFPEL É UMA MÃE.
não vejo a hora de me formar para ter uma vida.
ELA É UMA BOLHA.
A universidade não dá tantas oportunidades de bolsa de pesquisa
é burocrática.
a prae me ajudou muito.
A UFPEL É UMA CARNIFICINA.
COBRA DEMAIS.
Exige dedicação exclusiva
COBRA DE MENOS.
Não prepara para o mundo real.
A UNIVERSIDADE PREPARA PARA A PESQUISA.
a prae não é suficiente para o sustento.

Imagem 8 / Fonte: a autora, 2022.

296 HAN (2017, p. 16). Agonia do Eros.

297 HAN (2017, p. 22). Agonia do Eros.

... tantas universidades dentro da universidade! Tantas esperas de respostas para perguntas fabricadas pela lógica mercadológica. Sem respostas, Lis'Ávida fabricaria mais perguntas.

O Professor, parece ávido por “alunos ávidos”, alunos prontos e “preparados”, que possam ter um olhar crítico sobre as coisas e que não fiquem criticando qualquer coisa por “vitimização”. Como se, por algum motivo, ficasse difícil de VER o aluno de corpo inteiro. O sofrimento gerado pelas ideias inadequadas de que as “soluções” se devam exclusivamente pelo outro, causam afecções tristes a esses corpos, que, sem entender as razões do acontecido, fixam seus modos em lugares de pouca potência de ação. O que Spinoza demonstra na segunda proposição da Parte IV da Ética é de que “padecemos na medida em somos uma parte da Natureza que não pode ser concebida por si mesma sem as outras”²⁹⁸. A força de perseveração é limitada, mas superada, pelas potências das causas externas quando, mesmo sofrendo mudanças, compreendemos que fazemos parte da Natureza. Assim, “padecer da força é inteiramente distinto de exercê-la, e o encontro do real, para que não se tenha dele noção precisa, uma ideia adequada, consiste em seu exercício”²⁹⁹.

Exercício que se efetua por meio do corpo que somos, uma aprendizagem que se inscreve naquilo que somos capazes de sentir, pensar e agir em comunhão, uma vez que “aprender é coordenar mente e corpo, fazer com que organismo e meio entrem em sintonia”³⁰⁰. Corpo e desejo estão inexoravelmente indissociáveis nessa empreitada rumo à saúde da aprendizagem em meio à vida universitária, em que “no encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem”³⁰¹. Assim, em movimentos

298 SPINOZA (2020, p. 160).

299 SCHIAVON (2009, p. 178).

300 KASTRUP (2007, p 172).

301 ROLNIK (2011, p. 31).

contínuos, é possível um aprender com os olhos, com a boca, com as vísceras, têm suas peles apreensíveis de tudo o que puderem capturar, uma constituição do si mesmo que “só é possível pelo ‘caminho’ do corpo”³⁰².

8. 2 *habeas corpus*

O corpo vai se constituindo pelo olhar e pela voz, criando para si imagens, das quais precisa examinar, conhecer, e até libertar-se. Ele vai criando uma linguagem e, “não existe linguagem sem imagem”³⁰³, como uma espécie de estádio do espelho lacaniano, em que seu duplo, um dentro e um fora, não por determinação, mas por composição com o mundo, é produzido nos traços que os passos se fazem ritornelos. E não é apenas pelos órgãos dos sentidos, mas pelos sentidos que fazem do corpo um “corpo vibrátil”³⁰⁴, e pelo meio onde habitam outros corpos, uma imanência, que compele o corpo a falar que a universidade é uma “carnificina” antropofágica, degusta sangue e alma do aluno para dele extrair o sumo aprender em meio à vida. Assim, Lis’Anda percebe um corpo que responde por demandas se sentindo um corpo colonizado por representações culturais que se efetuam na linguagem, o que na concepção psicanalítica, faz do corpo pulsional algo construído na relação consigo mesmo e com o outro³⁰⁵. Um corpo docente que compreende a ação de outros corpos (colegas, estudantes) e suas afecções em si

302 MENDES, 2006, p. 168).

303 COCCIA (2010, p. 44-45).

304 ROLNIK (2005). Corpo vibrátil é uma noção que a autora elabora, desde sua tese [1989] que deriva a obra “cartografia sentimental” (ROLNIK, 2011), e articula nesse texto ao trabalho da artista Lygia Clark, ao perceber a criação de imagens a partir da vulnerabilidade do corpo. Um corpo que se abre às forças da vida e do mundo, absorvendo-as como sensações incorporadas pela nossa textura sensível na medida em que urgências se impõem para que novas formas de expressão nutram a vida e tencionem à criação.

305 FINGERMANN (2021). O que é um corpo? Como responde a psicanálise?

mesmo, tem a oportunidade de ministrar suas aulas com frestas de liberdade? Um corpo discente queixoso de suas frustrações depositadas no outro (professores, Instituição), emite projeções que têm como função evitar o encontro consigo? Corpos em composição com as verdades circuitadas pelo mundo acadêmico e com as verdades que se fixam feito tatuagens em suas peles colorantes de 1001 subjetivações caleidoscópicas, parecem formar fractais. Isso seria melhor compreendido por Spinoza quando descreve em sua *Ética* (Parte II), seis postulados sobre o corpo:

1. O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto.
2. Dos indivíduos de que se compõe o corpo humano, alguns são fluidos, outros, moles, e outros, enfim, duros.
3. Os indivíduos que compõem o corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano, são afetados pelos corpos exteriores de muitas maneiras.
4. O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado.
5. Quando uma parte fluida do corpo humano é determinada, por um corpo exterior, a se chocar, um grande número de vezes, com uma parte mole, a parte fluida modifica a superfície da parte mole e nela imprime como que traços do corpo exterior que a impele.
6. O corpo humano pode mover e arranjar os corpos exteriores de muitas maneiras³⁰⁶.

As naturezas diversas dos indivíduos compõem-se de corpos, em diferentes texturas e movimentos, em diferentes modos de afecção. A força de conservação do corpo, em coalisão, regeneração e modificação, faz com que novos rearranjos se componham com outros corpos. Lis'Ávida queria ter começado pela parte mais desprezada na contemporaneidade, ainda que sob desígnios de aparência da cultura do eu: O CORPO.

Quando paradigmas de moralidade tomam conta do Castelo

306 SPINOZA (2020, p. 66).

dos Saberes, torna-se inescapável o confronto para que o “querer” passe por libertar do cárcere o corpo. O “conhecimento” que os participantes da pesquisa estariam tão interessados, parecia ser aquele pelo qual se pega nas prateleiras de um departamento comercial, a ser consumido, devorado ou descartado, como disse O Professor: *a gente está muito acostumado a ser conteudista*. Eles não caminhavam pelo conhecimento que vai em direção ao próprio corpo. Oliva, nas “Ilusões do Eu”, menciona que “só há verdadeiro conhecimento de si quando se conhece o ato de conhecer”.³⁰⁷ As vozes das ciências psicológicas e até de algumas leituras feitas pela psicanálise, pautadas numa interioridade composta por Édipos, atos falhos, impulsos neurais, memorização, consciência e inconsciente -, diriam que esse ato de conhecer envolveria apenas a “mente”. Ao sofrimento psíquico, a razão isola mente e corpo e trata os males a partir de algo que julga eminentemente interno.

Lis’Alma não quer negar que tudo isso, de variados modos e compreensões, possa também existir. Mas seu caminhar escuta a voz nietzscheana lhe dizendo: “há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria”³⁰⁸. O saber da pulsão é um saber da ética como prática que passa pelo corpo e que faz com que cada um seja capaz de “criar superando a si mesmo”³⁰⁹. A ética é força ativa, em que “a pulsão é ao mesmo tempo ideia e afeto, força e sentido, natureza e cultura”³¹⁰. Se a domesticação dos sentidos se impõe, a experimentação, que margeia os mundos civilizados é a de um corpo que não nega seus próprios sentidos. Não se trata aqui de sentidos com direção ou relativos a significações ocultas, mas aqueles que sentimos. Em algumas sendas psicanalíticas, “o corpo é marcado

307 OLIVA (2011, p. 388). Do conhecimento de si à contemplação de si próprio.

308 NIETZSCHE (2016, p. 46). Assim falava Zaratustra. [Dos que desprezam o corpo].

309 NIETZSCHE (2016, p. 47). Assim falava Zaratustra. [Dos que desprezam o corpo].

310 SCHIAVON (2019, p. 149). Pragmatismo pulsional.

pelo desejo inconsciente e atravessado pela linguagem”³¹¹, sendo ele mesmo uma superfície de inscrição de uma série de percepções em ato que existe tal como o sentimos. Sentido o frescor musical das águas vivas de Clarice, Lis’Água ouve: “é também com o corpo inteiro que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-se então com teu corpo inteiro”³¹². A musicalidade educacional seria melhor ouvida se entendida como uma composição feita do encontro de corpos [pessoas, livros, currículo, instituição, políticas, ciências...], e que pode ser transformada na medida em que as partes mais líquidas desses corpos [afetos, saberes, processos, relações, sensibilidades, pesquisas...] sejam colididas incessantemente na epiderme porosa que as absorva. Então, “a biologia teria razão se soubesse que os corpos em si mesmos já são linguagens. Os linguistas teriam razão se soubessem que a linguagem é sempre a dos corpos”³¹³, e, todo corpo teria razão se fosse ouvido.

Contudo, aos encontros que vem tendo no Castelo dos Saberes, Lis’Anda entende que o corpo ainda parece preso no sótão da razão platônica ou mesmo da cartesiana, quando, por exemplo, O Professor, imbuído de poderes das áreas da saúde, diz: *além de cuidar e tocar não somente o físico, mas a alma dos nossos pacientes, posso participar na construção desta ciência*, O Poder então sai da Biblioteca e invade tudo por ali, interpela o Discente Mutante e o faz romper com o silêncio: *cada contexto determina de forma diferente a relação com o corpo*. Ainda que alguma insistência na separação corpo/físico e mente/alma/afetividade se faça presente em alguns momentos, sobretudo na Aluna Brilhante que quer expulsar seu corpo da “bolha-universidade”

311 BESSET; ESPINOZA (2019, p. 164). O corpo da dor.

312 LISPECTOR (2019, p. 28). Água viva.

313 DELEUZE (2010, p. 70). Proust e os signos.

para esvaziar sua mente das obrigações acadêmicas, mas também no Discente Mutante que, por meio das ESCRILEITURAS deixa algo registrado: *mergulha com calma, para não produzir nada que denuncie sua posição. Ele então se abaixa ali, deixando apenas a cabeça para fora. Respira lentamente, apenas pelo nariz. O silêncio avança conforme sua respiração se normaliza. Dez minutos foram suficientes para acalmá-lo e convencê-lo a sair daquela água gelada, que apesar de tudo, começava a se adaptar*³¹⁴. Então eles conseguem escapar com seus corpos ardentes e gélidos, cada qual a sua maneira, daquele espaço que lhes cerceia algumas formas de existir. E assim, é possível perceber que um aluno “adaptado e fixo é doente por não ter uma margem que lhe permita suportar mudanças e infidelidades do meio”³¹⁵.

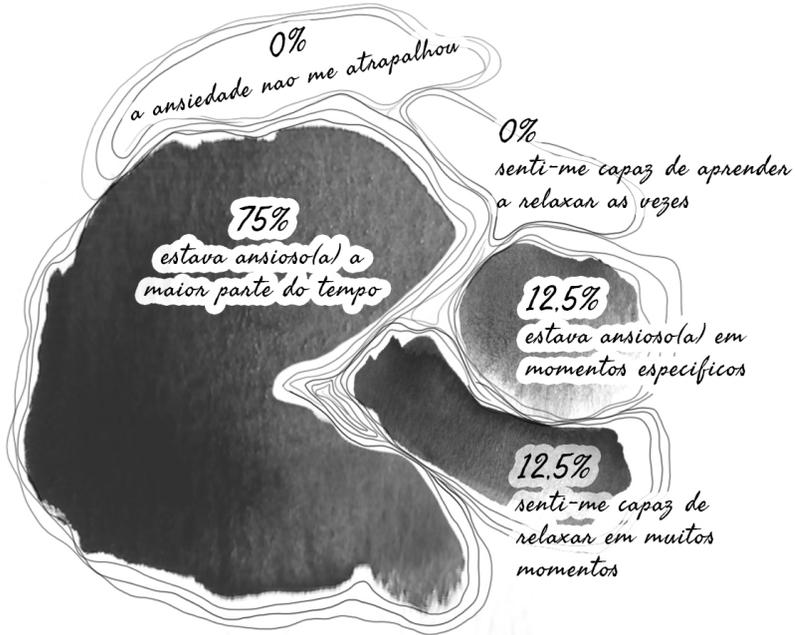
Nesse percurso, Lis’Anda encontra, entre os estudantes formando, 37,5% deles dizendo que, as relações com o próprio corpo raramente são satisfatórias, enquanto os demais usufruíam de maior conexão com ele. A experiência inscrita no corpo estudantil em seus “volumes pulverizados”³¹⁶, quando algumas exigências sociais, tais como *ser magro, esteticamente cuidado, bem vestido, praticar exercícios, etc, etc, etc* (Discente Mutante), influencia as formas de composição com o mundo. Na medida em que um corpo não é definido por seu gênero ou por seus órgãos, mas pelo que ele pode em ato -, quando os alunos se lançam em desmotivações que os fazem passar por afetos que o engessam em depressões e ansiedades, é possível ver que *as relações com o corpo andam banalizadas de certo modo* (Discente Mutante). Porém, O Professor, sem olhar muito para o corpo, quer mesmo saber do aluno a sua responsabilidade na própria formação. Lis’Anda percebe o corpo estudantil da Aluna Brilhante sentindo-se

314 OSORIO (2016, p. 125).

315 SAFATLE (2020, p. 301).

316 FOUCAULT (2011, p. 65).

ansioso na maior parte do tempo durante a graduação, sentindo-se preocupado com o futuro e com a situação financeira, um corpo constantemente tensionado, como poderia ser demonstrado com o desenho a seguir:



Fonte: Autora, 2022.

Imagem 9: Gustavo de Oliveira.

Somos mente e corpo que coexistem, agem por correspondência e reciprocidade, ainda que ora expresso por extensão, ora por pensamento. Uma ideia é um afeto que é expressa no corpo por meio da mente, em simultaneidade e mutualidade com a potência de agir e existir. Mas afinal, O QUE PODE UM CORPO? Diz Spinoza que “ninguém conseguiu, até agora, conhecer tão precisamente a estrutura do corpo que fosse capaz de explicar todas as

suas funções”³¹⁷. As formas geométricas e volumétricas da fisiologia ambulante de nossos órgãos não diz tudo que somos capazes de realizar. Portanto se nos alargamos ou adelgamos, não é por reflexo de uma interioridade aprisionada, é refrataria das mudanças afetivas que circulam nosso espaço ínfimo que é o meio de tudo. Um corpo que caminha, se questiona Lis’Anda, não é mais potente que um corpo que pensa, ele engendra em seu mover partículas que alteram seu estado de de.composição com o mundo. Um corpo que faz toda uma cartografia, suas latitudes que compõem afetos intensivos em seus graus de potência e suas longitudes que constituem suas relações de movimentos e de repouso, de velocidade e de lentidão³¹⁸.

Uma gorda saúde dominante livre de doenças e escrava de normatividades não é melhor que uma saúde conquistada dia a dia, lapidada a solavancos de angústia, esculpida a marteladas de abismos e orquestrada com o que faz de nós um “corpo pulsional”. Mas nem tudo brota do caos ou da frenética evitação das frustrações. Há o que nasce dos encontros alegres que compõe a melodia que emerge do encontro com o saber de si. Então passamos do primeiro gênero do conhecimento - em que temos uma ideia das coisas pela imaginação, pelo que “supomos” de forma abstrata -, para um segundo gênero do conhecimento, da razão, em que adquirimos NOÇÕES COMUNS nesses espaços de ligação com outros corpos, pessoas, coisas, e, a partir daí, poderemos compreender e construir um saber sobre o desconhecido do corpo e do inconsciente, do pensamento das causas. É quando podemos afirmar uma intuição do terceiro gênero do conhecimento.

Um corpo é palavra que enuncia afirmação ou negação. A liberdade que Lis’Ar experimenta é da Lis’Alma, de cirandas que

317 SPINOZA (2020, p. 101). Ética. [Parte III, proposição 2].

318 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 49). Platô 10 – Devir, de Mil Platôs (volume 4).

dançam entre a leveza e o peso, em alternância na expressão de seu corpo que se coloca em cartografias.

ADOECIMENTO

Fiquei doente e o que doía só se amenizava na horizontal
Sem verticalidades que me invadissem
Ainda que a ação da gravidade sobre meu corpo fosse incontrollável
Intempestivas páginas do tempo debruçavam-se sobre minha cabeça
O que desvitaliza o ser
Gangrena provisoriamente o fluxo vital e arranha a garganta
Já não era uma gorda saúde dominante
Tampouco o devir-louca andarilha
Um entremeio
Afetos peregrinos
Indizíveis, Invisíveis
Anseios de movimento, queria encontrar um alívio
Embora uma parte de mim sussurrasse: vai passar
Outra parte vivia uma tempestade eterna
Estava ali deitada com meus pensamentos
Olhando algumas folhas caindo lentamente da árvore do outro lado da janela
Um fora que estava mais dentro do que nunca
O burburinho não cessava e era preciso desacelerar
A cartografia de um adoecer em mim
Perpassava clausuras e limiares
Seu trajeto menos percorria motivos inconscientes
Abria o inconsciente de um devir
“O devir é uma clareza que se experimenta,
uma lucidez que se conquista”*
Contestar a moléstia e depois aceitar
A força motriz estava na regeneração
O que havia de ser já é
Presente fatigando o futuro, restava um cansaço
Restava tentar outros gestos, Jeitos
Queria costurar o sol no peito
E transformar o olhar para o céu
Numa renovada fome de viver

Me via afirmando a dor
Sair da asfixia
A única liberdade possível estava dentro de minha mente
Que doía
E que não via a hora de pisar nas ruas por horas à fio novamente
Olhar a poeira enfiada nas fissuras e sentir o gosto das flores riscando o azul
O silêncio era um bom companheiro
Sem voz
A corda vocal passa a se deslocar para o coração
Agora escuto as vozes no corpo
Rompo o silêncio com uma lapiseira e um caderno
Ao som de Ludovico e Pink Floyd
Entrar no caos
Para extrair dele um gole de vida
Não sei se criei asas e aprendi a voar
Agora nem sei se ainda sei andar
Apenas desfolho as camadas da vida
Colorindo a tela das pedras no caminho
Escuto o Sr. Bigode:
“Aquilo que não o aniquila
torna-o bem mais forte”**
Nas velas de minha alma
Acolho a vulnerabilidade
Esse é meu maior juízo
Não o final, o intermezzo
Sentença de vida
Absolvição que vem criando em mim novos modos
Descascando fio a fio o tecido de um EU
Entre farsas e ilusões
O escuro chega como um clarão

Corpografias

*SCHIAVON (2019, p. 256).

**NIETZSCHE (2016, p. 28). Ecce Homo: como cheguei a ser quem sou.

Há pró-CURA? Á procura da saúde perdida, Lis'Anda escuta Clarice dizendo que a cura estaria na alegria e o que salva é falar. Salva pela alegria dos encontros com alunos, professores, livros, música e o chão das caminhadas, Lis'Agora encontra o tempo a tempo de agora viver. Imaginar que a cura é a eliminação de quaisquer males físicos ou psíquicos é um engano. Aquilo que adoecer, ao mesmo tempo que pode advir de um afeto triste e diminuir nossa capacidade de agir, também pode ser um sinal aberto para uma transformação. Nas palavras de Nietzsche: “um ser verdadeiramente doente não pode curar-se; para um homem realmente são a moléstia pode ser, pelo contrário, um enérgico incitamento para viver mais intensamente”³¹⁹.

Então, se a cura não é enxotar os “sintomas” do corpo, depois da louCURA da parada no processo (Corpografias), seguir em frente é revolucionário. É um jeito de dizer que as feridas não são curadas com o tempo, mas com os movimentos subjetivos pelos quais maturam suas camadas e abrem seus poros para o desejo. É o que fazemos com suas cascas. E o que estamos fazendo com aquilo que o mundo acadêmico está fazendo conosco? Se o inferno são os outros, por que há tanto fogo aqui dentro? Clarice nos gritaria que “a tortura de um homem forte é maior que a de um homem doente”³²⁰, pois o doente vive mais na imaginação que na ação e se julga incapaz apenas por seu padecimento. O pulso da vida contrai e expande, fragiliza e fortalece. As des.continuidades e im.permanências são as fronteiras que se abrem frente às angústias. Talvez o ponto mais alto da dor incida sobre o pensar e o sentir, como diz Schiavon “a pulsão é uma autoridade no que diz respeito ao vivo e ao desejo. Ela só

319 NIETZSCHE (2016, p. 28). *Ecce Homo: como cheguei a ser quem sou*.

320 LISPECTOR (2022, p. 109). *Perto do coração selvagem*.

precisa ser exercida. Cura é o nome que damos a esse exercício³²¹. É preciso inventar uma saúde crítica e singular que afirme a vida na universidade. Uma cura pelo ato, de resistência. Uma cura pelo afeto. Uma cura como arma, por meio da palavra. Uma cura como ética, existências possíveis. Uma cura como obra, em inacabamento.

Linhas vão compondo os fios dourados de uma vaso rachado...



Imagem 10 / Fonte: a autora.

Então poderíamos dizer que a saúde é um vaso rachado? Se tudo que precisamos é transpor os imprevistos em sobre-vivências, então o necessário a nós é do campo da experimentação de vida como uma obra, na qual a arte está em criar. E criar é re-existir a modos aprisionantes, pois a permanente construção da vida acadêmica acontece momento a momento. A lição a ser aprendida não está nas apostilas, na grade curricular ou nos manuais de classificação. Ser discente, ser docente ou mesmo ser uma psicóloga, é perfarzer das desventuras um fio de ouro que desterritorializa os trajetos pré-determinados e junto a estes brincar diferentes formas, de existir, de ensinar, de aprender, de ouvir, de falar, de conviver. Dito de outra forma, é como a teoria do vaso japonês reconstituído por

321 SCHIAVON (2019, p. 270).

fio de ouro, chamada Kintsugi, a qual nasce no final do século 15 quando uma tigela danificada é devolvida com reparos e ganha uma estética que evidencia a aceitação do imperfeito, valorizando suas marcas de desgaste e transitoriedade. Essa técnica estaria relacionada ao ensinamento budista de três marcas da existência: a impermanência, o sofrimento e o não-eu. O contexto sociocultural dos agentes educacionais, assim, é cartografado em conjunto às fendas que ali existem, para novas composições, em seus graus de provisoriedade.

Lis'Adoecida faz de seu adoecimento uma passagem, acionando um gesto de confiar um pouco mais no percurso até então tracejado. Ela pensa que o tecido da vida é amplo, flexível, rico em multiplicidades e que os fios do tempo transbordam incorporais que nos atravessam no acontecer dos encontros. Tempo é fio de ouro que abrilhanta o olhar de quem o vê como ele é, nesse instante. É poder dizer que “o sucesso de uma empreitada depende da energia despendida que, por sua vez, provém de uma convicção íntima, que repousa sobre a crença, que depende em última instância da confiança”³²². O que aguça seu olhar alinhava a oportunidade que a fazia sentir o “vento negro”³²³. Campo afora escuta de Nietzsche que “a luta pela existência é apenas uma exceção, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, que é justamente VONTADE DE VIDA”³²⁴.

A invenção de uma saúde singular, portanto, caminha menos em direção a um processo psicológico que por meio da cog-

322 PELBART (2013, p. 367). Acreditar no mundo. In: O avesso do niilismo.

323 Composição de José Fogaça.

324 NIETZSCHE (2012, p. 217). A gaia ciência [Aforismo 349].

nição perscruta estruturas pré-existentes que ordenem a “vontade” do estudante a seguir um cardápio de hábitos saudáveis, e mais em direção a uma potência temporal de diferenciação que o perpassa, sendo, pois, criada com as forças do mundo capazes de um sopro de vida.

8. 3 a vida não é um sopro

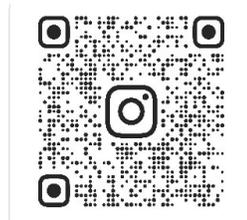
Se tem algo que está em todos os cantos do Castelo da pesquisa, esse algo é o Desejo, mas nem todos os ventos levam-no à Saúde, - precisam soprar um grito forte para construí-la. Os afetos pedem passagem. A saúde anda desafiando os corpos educacionais. Desafios são como tapeçaria artesanal que fabricamos fio por fio nos entremeios dos risos, dos choros, dos medos, das conquistas. Fio por fio daqueles momentos que desenham em nossa memória algumas dores que imaginamos superadas até que aquela pequena levantada do tapete nos faz tropeçarmos novamente, uma vez que “todas as coisas tornam eternamente e nós com elas”³²⁵.

Caímos eventualmente, e podemos levantar com a poeira sacudida pelas ruelas de nosso íntimo anseio em meio ao aprender e ao ensinar. Os parasitas de representatividades que diagnosticam a vida social estatelam-se no solo das tensões que colocam a sexualidade nos retílineos caminhos monogâmicos e heteronormativos, que fazem mau uso das heteroidenificações acerca das cotas raciais, que obstruem espaços de fala por fascismos seculares. Estilhaços de vidros capazes de cortar o fluxo da vida na universidade.

A vida é soprada por uma voz bem alta. Só assim “o sopro torna-se grito. O sopro e o grito seguem e captam as ondas das forças. É pelo sopro e pelo grito elaborados que o corpo se transforma

325 NIETZSCHE (2016, p. 229). Assim falava Zaratustra. [O convalescente].

em matéria fluida e comunica forças”³²⁶. A força das cordas vocais do Discente Mutante expressa-se quando ele pergunta: *o que é saúde, até onde de fato existe uma preocupação e valorização do corpo?* Sem respostas para a questão dele, Lis’Atônita sente que a saúde é uma experiência, é uma carne viva cujo sangue quente verte sem lógica, sua sensação. Sensação aberta às forças, esse esvaziar-se de representação anima seu pensar, ainda que tropece nas organizações linguageiras e corporais. A Aluna Brilhante deixa seu recado: *aos professores que tratavam os alunos como pessoas reais e com vidas fora da faculdade, muito obrigada, vocês são um sopro de alívio no meio dessa tempestade que é a graduação*. E assim, aquela “voz é como arrastada por um vento que impele as ondas de demonstrações”³²⁷, são linhas intensivas, invisíveis que fazem soprano ritornelo no corpo de quem se põe a pesquisar...



Cartografias do sopro³²⁸



326 PELBART (2019, p. 281). Mudar o valor das coisas. In: Ensaios do assombro.

327 DELEUZE (2016, p. 345). O que a voz traz ao texto, In: Dois regimes de loucos.

328 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfXjalPp8L3/?igshid=MzRIOD-BiNWFIZA==>

“Tudo é corpo e nada mais; a alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo”³²⁹. Se somos corpo e mente em comunhão, parece que se enfraquece o sentido de Lis’Anda pensar na saúde que vem se ocupando, como exclusivamente “mental”. Não se trata de negar que o campo das práticas em saúde mental, tenha sua importância na sociedade ou mesmo em algumas atividades na própria PRAE onde atua. Mas, antes, trata-se de tentar criar um outro modo, como abrir uma porta no Castelo dos Saberes para um “sopro de vida”. A pergunta de Peter Pál Pelbart, em “Ensaio do assombro”, torna-se premente:

Como preservar a radicalidade da transvaloração, a aposta de mudar o valor das coisas, o modo de engendrar valores, talvez também rastrear as novas formas que toma o ‘artista trágico’ hoje, sem que tal operação fique subordinada a um mito a ser revivido, a uma utopia imperativa, a uma ideia prévia até mesmo do que é o popular, ou o povo, ou o novo?³³⁰

Ele afirma que a invenção nas sendas nietzscheanas, é imune a diluição, sendo ela própria, a invenção, geradora de invenção. A invenção de uma saúde singular é criada a partir de encontros que aumentam a potência de agir. E se, temporariamente ela diminuir, que possa vir a conhecer o sumo dessa experiência de “enfermidade”. A possibilidade de “inúmeras saúdes do corpo” de que Nietzsche fala em *Gaia Ciência*, faz Lis’Alma vasculhar outras camadas da subjetividade no Castelo dos Saberes, pois “quanto mais deixarmos que o indivíduo erga a sua cabeça, quanto mais esquecermos o dogma da ‘igualdade dos homens’, tanto mais nossos médicos terão de abandonar o conceito de saúde normal”³³¹.

329 NIETZSCHE (2016, p. 45). Assim falava Zaratustra. [Dos que desprezam o corpo].

330 PELBART (2019, p. 278).

331 NIETZSCHE (2012, p. 134). *A gaia ciência*. [Livro III, Aforismo 120 – A saúde da alma].

Lis? Anormal pergunta-se: É normal taxar algumas condutas de desviantes? É normal agirmos como se nada tivesse acontecendo na governamentalidade da saúde, secularmente? Foucault³³² em os anormais frisa os estereótipos subjetivos impressos por meio de tensões entre medicina e direito. A sanidade sendo posta em questão. A normose adoecendo o tecido social. Resgatar a confiança na humanidade. Doses de suspeição do *status quo*. Basta uma simples falta de luz e ficamos nus diante da brisa que encosta na superfície do nosso corpo e alcança algum cerne nessa história. Não pela escuridão. Mas pelo gosto do ar. Afinal qual saúde bateria não fossem os paradoxos? Lis? Aluna aprende com Pandora sobre os paradoxos que o estudante pode criar em sua saúde espiral, quando, por exemplo:

ele acha que é livre para fazer escolhas (não ir às aulas, não estudar, estudar, ir ao barzinho etc.), mas não se sente livre. Ele se encontra na solidão para pensar, produzir, mas não quer estar sozinho (busca seus guetos, seus bandos; há aqueles que se encapsulam numa toca autística ou covil). Deseja o amor livre, ser amado, viver livremente sua sexualidade, mas, em alguns momentos, incorre em amarras, vínculos de dependência, obrigações de seguir uma modelização das relações e das instituições³³³.

Qual a localização da saúde nas cartografias da vida em meio às trilhas educacionais? Não há linearidade e coesão que resistam a complexidade das condições internas para o existir. Não há medicalização da dor que resista à multiplicidade e singularidade de cada ser. Não há ideal de saúde que não possa ser problematizado a sua época histórico-social. Ainda que o desespero enfraqueça o desejo, há de se repensar a positividade reativa de nossos dias. Ainda que a tristeza não seja desejável, há de se viver os lutos. Nem só de doença é feita a pouca saúde. Nem só de alegrias é feita uma gorda saúde.

332 FOUCAULT (2010). Os anormais.

333 OSORIO (2016, p. 209).

Ainda que a medicina encontre medidas randomizadas, é na relação com o si mesmo e na relação com o mundo que se ganha saúde. Ainda que queiramos domesticar o tempo, seja por produtividade, seja por frugalidade, é no instante que se respira que a vida entra e a duração é seu maior mistério. Ainda que psicanálise teça sua cura pela palavra e, pelos não-ditos acolha gentilmente os acontecimentos - há turbulências fora no *setting* que precisam ser ouvidas. Ainda que desejo ganhe estatuto de falta, por meio de subjetividades capitalísticas, há um desejo da ordem da inventividade da qual os caminantes educacionais são capazes. As cartografias da vida na universidade em doses de inacabamento assumem a multiplicidade e os paradoxos pelo caminho. Constrói um cuidado de si como prática de liberdade e resistências aos regimes de verdade. A ética do cuidado incide sobre um olhar para a singularidade dos estudantes e não para o mal que aos seus corpos coaduna-se. É dizer que a doença é fruto de um mau encontro e que como tal, fragiliza uma parte sua naquele momento. De tal modo que fica difícil promover um acolhimento que classifique a doença em modelos que o aprisionem em modos fixos de existência. Os trajetos afetivos a serem considerados em suas variações de potência, são aquilo que pode escapar dos universais como modelos que não compreendem as causas e explicam por comparação. Lis'Anda faz questão de evidenciar a potência singular de que fala Spinoza e que se reverbera também em Nietzsche:

SUA VIRTUDE É A SAÚDE DA SUA ALMA. Pois não existe sua saúde em si, e todas as tentativas de definir tal coisa fracassam miseravelmente. Depende de seu objetivo, do seu horizonte, de suas forças, de seus impulsos, seus erros e sobretudo do ideal e das fantasias de sua alma, determinar o que deve ser saúde também para seu corpo³³⁴.

334 NIETZSCHE (2012, p. 134). A gaia ciência. [Livro III, Aforismo 120 – A saúde da alma].

Problematizar como estamos entendendo a grande saúde contemporânea, com suas limitações, potencialidades, dores e saberes, talvez seja uma necessidade. Uma necessidade de trazer o corpo para a construção dessa saúde que persevera e conecta suas forças sob correntes de sublimação das dores da alma. É uma ética que tem como princípio a existência. Como nos mostra o texto de Freud, “O mal-estar na civilização”, em que “algumas coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna”³³⁵. Dentro-fora; corpo-alma, individual-coletivo em suas inseparabilidades.

A vida educacional que depreende da doença um modo de se relacionar com os meios inadequados da natureza de seus agentes e a faz confrontar a realidade, precisa criar condições para um potencial de abertura ao acontecimento. A ética inaugura, a cada vez, um ato capaz de se manifestar como virtude, pelo qual podemos acionar uma obscuridade como solo fértil para caminhar por alguma transformação. É preciso olhar para o que torna mais forte a travessia dos afetos na universidade.

335 FREUD (2010, p. 19).

referências

ALMEIDA A.; ROBERTO, A. A saúde mental de estudantes de medicina estudo exploratório na Universidade da Beira Interior. **Revista Acta Med Port**, v. 24, n. S2, p. 279-286, 2011. Disponível em: [file:///D:/Lisandra%20Os%C3%B3rio/Downloads/1490-2140-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Lisandra%20Os%C3%B3rio/Downloads/1490-2140-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 5 ago. 2020.

ALMEIDA, J. S. P. **A saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação**. Tese. f.246. Doutorado em Ciências da Vida. Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2939/1/tese.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 131-149.

ALVES, Rubem. **O retorno e o terno: crônicas**. 29ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

ANDIFES; FONAPRACE. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Uberlândia, 2018.

ANDRADE, A. S.; ANTUNES, N. A.; ZANOTO, P. A.; TIRABOSCHI, G. A.; VIANA, P. V. B. A.; CURILLA, R. T. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. **Ver. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 831-846, Out/Dez. 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pcp/a/RTkft-tDv3sRKHGT7J3zPMZC/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 5 ago. 2020.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**. 1998. 3(2), p. 273-294.

ANZIEU, Didier. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

ARCCOSI, M. P. **Atenção psicossocial no ambiente universitário: um estudo sobre a realidade dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953. Suma Ateológica, volume I. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BATAILLE, Georges. **O culpado**: seguido de A aleluia. Suma Ateológica, volume II. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BATAILLE, Georges. **Sobre Nietzsche**: vontade de chance. Seguido de Memorandum; A risada de Nietzsche; Discussão sobre o pecado; Zaratustra e o encantamento do jogo. Suma Ateológica, volume III. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BESSET, Vera Lopes; ESPINOZA, Marina Vieira. O corpo da dor In: CHATELARD, Daniela Scheinkman; MAESSO, Márcia Cristina [orgs]. **O corpo no discurso psicanalítico**. Curitiba: Appris, 2019.

BION, Wilfred R. **Aprender da experiência**. São Paulo: Blucher, 2021.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia Coronavirus**: suas dimensões políticas, sociais econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: José Olympo, 2020.

BONDER, Nilton. **Tirando os sapatos**: o caminho de Abraão, um caminho para o outro. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

BRASIL; CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Política de Assistência Social**. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2004. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia-social/Normativas/PNAS2004.pdf>. Acesso em: 11 de jun. 2020.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição.** Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CALIGARES, Contardo. **O sentido da vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CAMPOS, Antônio Carlos. Cartografia sistemática. **Aula 3: Cartografia: ciência, arte ou técnica?** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2007, p. 43-58.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

CARLESSO, J. P. P. Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, 2020, publicado em 2019. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2092/1721>> Acesso em: 5 ago. 2020.

CHAUI, Marilena. Da impotência à potência ou a imagem do livre-arbítrio à ideia de liberdade. In: MARTINS, André. (org). **O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 59-79.

CIORAN, Emil. **O livro das ilusões.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível.** Florianópolis: Cultura Barbárie, 2010.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses.** Rio de Janeiro: Dantes, 2020, p. 87.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação: aula cheia.** Escreleituras cadernos de notas 3. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **Projeto de pesquisa:** Escreleituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.** São Paulo: Companhia da letras, 2004.

- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta:** e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo** (Cinema II). São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Ed 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza.** Vincennes, 1978-1981. 3. ed. – Fortaleza: EdUECE, 2019. Arquivo PDF 304 p. (Coleção Argentum Nostrum).
- Deleuze, Gilles. **Diferença e Repetição.** Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos:** textos e entrevistas. São Paulo: Ed 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema de expressão.** São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa:** filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- Deleuze, Gilles. **Sobre o teatro:** Um manifesto de menos; O esgotado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze**. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

DIAS, Mauro Mendes. O pior cego é aquele que não quer escutar: relações entre o olhar e a voz na psicanálise. In: TEPPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; LACONELLI, Vera [orgs]. **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 55-60.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Potências da Suavidade**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 177-212.

FINGERMANN, Dominique Touchon. O que é um corpo? Como responde a psicanálise? In: TEPPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; LACONELLI, Vera [orgs]. **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 25-38.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **II Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior: Relatório Final da Pesquisa. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis**. Brasília: FONAPRACE, 2004.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si [1983]. In: MOTTA, Manoel de Barros (org). **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 141-157.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de Si como Prática da Liberdade [1984]. In: MOTTA, Manoel de Barros (org). **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames [1977]. In: MOTTA, Manoel de Barros (org). **Ditos e escritos IV: estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 199-217.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol 1: Vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não-fascista. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf> Acesso em: julho de 2021.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 55-86.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. [1923-1925]. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. Obras completas, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. [1926-1929]. **Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929). Obras completas vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. [1930-1936]. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Obras completas vol. 18. São Paulo: Companhia de Letras, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

GARCIA, L. M; CAPELLINI, V. L. M. F.; REIS, V. L. Saúde mental na universidade: a perspectiva de universitários da permanência estudantil. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, p.167-181 jan/dez 2020. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 24, v. 4. p. 1327-1346. 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQK-gkYpwXvHx3B3b/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em: ago. 2020.

GROS, Frédéric. **Andar nos ensina a desobedecer**. Entrevista El mundo. Barcelona, 2014. Disponível em: <<https://www.elmundo.es/cataluna/2014/12/04/54808daeca4741f0748b456b.html>> Acesso em: 5 ago. 2020.

GRÓS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: UBU Editora, 2021.

GUATTARI, Félix. Guattari na PUC: Encontro de Félix Guattari com o Núcleo de estudos e pesquisa da subjetividade. Programa de estudos Pós-graduandos em Psicologia Clínica. PUC-SP. In: **Cadernos de Subjetividade**. v.1, n.1.PUC-São Paulo, 1993, p.9-28.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix. **Os anos de inverno 1980-1985**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e Transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O Aroma do Tempo**: um ensaio filosófico sobre a arte da demora. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, R.J: Vozes, 2017.

JAQUET, Chantal. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luís César [orgs]. **As ilusões do eu**: Spinoza e Nietzsche. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 349-366.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Excelsior, 2022.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LABBUCCI, A. **Caminhar**: uma revolução. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1, 2015.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1908]. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. [Edição com manuscritos e ensaios inéditos]. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. [Edição com manuscritos e ensaios inéditos]. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACHADO, A.C.A.; GUAMBE, A.J.; POLEJACK, L.; SEIDL, E. M. F.; MAZUZE, B. D. S.; FACAS, E. P. **Saúde Mental de estudantes universitários em Moçambique: experiências de uma roda de conversa**. Trab.En(Cena), Palmas-TO, 2020, v. 5, n. 1, p. 309-327. Disponível em: file:///D:/Lisandra%20Os%20C3%B3rio/Downloads/7597-Texto%20do%20artigo-44366-1-10-20200701%20(2).pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.

MÃE, Valter Hugo. **As coisas mais belas do mundo**. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2009.

MENDES, C. L. **O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. São Paulo: Summus, 1997.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NAKANO, Marilena; ALMEIDA, Emir de; VILAR E VILAR, Maria Elena; MARIANO, Vanderlei. **Novas gerações de jovens universitários-trabalhadores: trânsitos entre mundo físico e o território numérico: novos desafios à pesquisa**. Anped 35, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Edipro, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falava Zaratustra**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculos dos Ídolos: ou como fi-**

lososfar com o martelo. São Paulo: Edipro, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, demasiadamente humano**. São Paulo: Lafonte, 2018.

NOGUEIRA, M. J. **Saúde Mental em estudantes do Ensino Superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade**. Tese. f.268. Doutorado em Enfermagem. Universidade de Lisboa, Portugal. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28877/1/ulsd730773—td—Maria—Nogueira.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

OLIVA, Luís César. Do conhecimento de si à contemplação de si próprio. In: MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luís César [orgs]. **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 364-390.

OLIVEIRA, H. M. O.; HANKE, B. C. **Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise** *Ágora* Rio de Janeiro v. 20, n. 2, p. 295-310, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/4jFrrdpMF8HBsMgFwMWkdqr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.

OSORIO, Lisandra Berni. **Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de escrileituras**. 21/03/2016 244 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus das Ciências Sociais Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>

PADOVANI, R. C.; NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; BARBOSA, L. N. F.; SOUZA, W. F.; CAVALCANTI, H. A. F.; LAMEU, J. N. Vulnerabilidade e nem-estra psicológicos do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas** v. 10, n. 1, p. 2-10, 2014.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 109-130.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PELBART, Peter Pál. Acreditar no mundo. In: **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013. p. 347-369.

PELBART, Peter Pál. Mudar o valor das coisas. In: **Ensaio do assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019. p. 258-282.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: antologia poética**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: percurso em prosa: volume 1: O poeta para além de sua poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caeiro/ Fernando Pessoa**. [poemas inconjuntos]. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PROUST, Marcel. No Caminho de Swann. In: **Em busca do tempo perdido**, volume 1. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

PROUST, Marcel. O tempo recuperado. **Em busca do tempo perdido**. Volume 3. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvon Rilke**. São Paulo: Globo, 2013.

RODRIGUES, C. M. L.; PEREZ, K. V.; BRUN, L. G. Pesquisa e Intervenção no Ensino Superior: considerações a partir do “Dossiê Saúde Mental e Adoecimento nas IES”. **Trab.En(Cena)**, Palmas-TO, v. 5, n. 1, p. 136-145. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/9153/16871> Acesso em: 5 ago. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROLNIK, Suely. **Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. Núcleo de estudos sobre subjetividade**. 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em abr. 2014.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFRA, Gilberto. **Po-ética da clínica contemporânea**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

SANTIN, A. C. A.; CUNHA, P. R. C. da. Políticas públicas de educação no ensino superior: a implementação do programa reuni e do Sisu na Universidade Federal de Pelotas. **Enpos/UFPel 2012**. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH—00653.pdf>> Acesso em: 23 de jun. 2014.

SCHÉRER, René. **Aprender em Deleuze**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005.

SCHIAVON, João Perci. **Pragmatismo pulsional: Clínica Psicanalítica**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SÊNECA. **Cartas de um estoico**. Volume III. São Paulo/SP: Montecristo, 2021.

SÊNECA. **Da vida retirada; Da Tranquilidade da alma; Da felicidade**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2019.

SILVA, Diônvera C.; MACHADO, Renice E.; OSORIO, Lisandra B. Relato de Experiência: o luto na clínica de experimentações. In: **16ª Mostra da Produção Universitária**, 2017, Rio Grande. Anais MPU 2017. Congresso de Iniciação Científica, 2017.

SOLER, Collete. **De um trauma ao outro**. São Paulo: Blucher, 2021.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOLNIT, Rebecca. **Recordações da minha inexistência**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 20121.

SOLNIT, Rebecca. **Una guía sobre el arte de perderse**. Buenos Aires: Fiordo, 2022.

SOURIAU, Étienne. **Os diferentes modos de existência**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

SOUZA, M. S.; BAPTISTA, A. S. D.; BAPTISTA, M. N. Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. **Revista Acta Colombiana de Psicologia**, n 13, v. 1, p. 143-154, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v13n1/v13n1a13.pdf>> Acesso em: 5 ago. 2020.

SPINOZA, Benedictus. **ÉTICA**. 2. Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SPINOZA. [s. l.]. **Tratado da Correção do Intelecto** (livro eletrônico). Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia); Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select—action=&co—obra=2297> Acesso em: 18 dez. 2022.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana

Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-127.

TSING, Anna. Contaminação enquanto colaboração. In: **O cogumelo no fim do mundo**. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 73-84.

TUSTIN, Frances. **Barreiras autistas em pacientes neuróticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ULPIANO, Claudio. **Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento**. Rio de Janeiro: Funemac Livros, 2013.

VALÉRY, P. **A arte de pensar: ensaios filosóficos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

VALÉRY, Paul. [s.l.]. **Profundo da pele**. Disponível em: <https://medium.com/@akaramazovy/a-pele-cobre-tudo-aquilo-que-somos-6e5a9e952093#:~:text=%E2%80%9CA%20pele%20cobre%20tudo%20aquilo,nossos%20pensamentos%2C%20abriga%20nossa%20alma>. Acesso em ago 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, n-1edições, 2018.

WINNICOTT, Donald. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. POA: Artmed, 1982.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica**. POA: Artmed, 1999.

CASTRO, Eduardo Viveiros. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ubu Editora; n-1 edições, 2018.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles, Rio de Janeiro, 2004.

Músicas:

AYADE, Ricardo Almeida. Artista Rico Ayade. **Atravesso**. Tratore. 2017. 2:47 min

BLACK, Daniel Espindola [Compositor]. Artista Dani Black. **Desnudar de tudo**. 2020.

DREXLER, Jorge Abner. **12 segundos de obscuridad**. Dro Atlantic, S. A. 2006. 4:05 min

GESSINGER, Humberto. Artista Engenheiros do Hawaii. **Somos quem podemos ser**. Sony Music Entertainment Brasil Ltda. 1988. 2:38 min.

HOLANDA, Francisco Buarque de. **Roda Viva**. Som Livre. 1968. 3:52 min.

HOLANDA, Francisco Buarque de; LEIGH, Mitch; DARION, Joseph; PEREIRA, Rui Alexandre Guerra Coelho [compositores]. Artista Maria Bethânia. **Sonho Impossível**. Universal Music Ltda. 1974. 2:45 min.

LEMONS, Mauro Da Motta; MOREIRA, Lincoln Olivetti [compositores]. Música cantada por Caetano Veloso. **Sonhos**. 1977. Warner/Chappell Edições Musicais Ltda, Sony Music Publishing (Brasil). 3:00 min.

MARTINS, Antônio José Santana; MEDEIROS, Elton. Artista Tom Zé. **Tô**. Universal Music Publishing Group. 1976. 2:50 min.

MUCCI, José Antônio de Freitas; NASCIMENTO, Miltom Silva Campos. Artista Miltom Nascimento. **Certas Canções**. Universal Music Ltda. 1982. 3:38 min

SANTOS, Jose De Ribamar Coelho [compositor]. Artistas Rachell Luz e Zeca Baleiro. **Flor da pele**. 2019. Ponto De Bala Prod. Ed. Ltda.

Audiovisual:

MICELI, Paulo. **A história da cartografia e a importância dos mapas** – Youtube PGM 18, 16 de dez. de 2014

PICCOLO, Francesco. **L'Amica Geniale**. Série. HBO Max. 2018.

MATÉ, Gabor. **A sabedoria do trauma** (documentário). 2020.

ORFF, Carl. Fortuna. **Ópera Carmina Burana** (1935-1936).

MOORHOUSE, Jocelyn. **Colcha de retalhos**. Filme. 1995. Apple-Tv.

anexos

https://drive.google.com/drive/folders/1QfrHUspKcZgB7bhF-Va355uVYUkvk9g47?usp=share_link



Este trabalho foi diagramado por Gustavo de Oliveira Nunes. O corpo do texto foi composto em Garamond, tamanho 12, e os títulos em Century Gothic, nos tamanhos 12 (subtítulos) e 40 (títulos). A capa foi elaborada por Vanessa Basda e Gustavo de Oliveira Nunes. Os mapas e ilustrações foram criados por Gustavo de Oliveira Nunes.

Para contato de diagramação e ilustrações:
gustavohnunes@msn.com

https://www.instagram.com/gustavonunes_ilustracoes/